



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
MESTRADO E DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

ELIAS COELHO DA SILVA

AUTORIA NA PREGAÇÃO RELIGIOSA NEOPENTECOSTAL

JOÃO PESSOA

2016

ELIAS COELHO DA SILVA

AUTORIA NA PREGAÇÃO RELIGIOSA NEOPENTECOSTAL

Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida

JOÃO PESSOA

2016

S586a Silva, Elias Coelho da.
Autoria na pregação religiosa neopentecostal / Elias Coelho da Silva.- João Pessoa, 2016.
120f. : il.
Orientadora: Maria de Fátima Almeida
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Linguagem. 3. Discurso religioso. 4. Vozes de outrem. 5. Autor-pregador. 6. Autoria.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

ELIAS COELHO DA SILVA

AUTORIA NA PREGAÇÃO RELIGIOSA NEOPENTECOSTAL

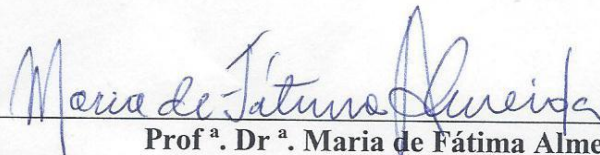
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Almeida.

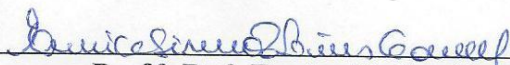
Data da aprovação: 23 / 03 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Almeida

Orientadora – Universidade Federal da Paraíba-UFPB-PROLING



Prof^ª. Dr^ª. Eunice Simões Lins Gomes

Examinador – Universidade Federal da Paraíba - UFPB- PPG-CR



Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

Examinador – Universidade Federal da Paraíba - UFPB-PROLING

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha existência, tudo nela é dele.

A minha mãe, Josefa Paulino Lira da Silva, simplesmente porque é minha alteridade primeira nesse mundo e se não posso viver sem o outro, sem ela se quer teria vivido.

A minha irmã, Priscilia Coelho, por não me deixar sozinho nesse mundo. Desde que nasceu, brigamos e nos amamos, isso me fortaleceu sempre.

A minha noiva, Ana Luiza. A quem sempre recorri nos momentos mais difíceis.

A meus amigos. Em especial, a Rafaela Cristina, com quem divido as angústias da academia desde a graduação e sem a qual eu teria carregado um peso muito maior durante este curso; a Jadilson Miguel, que sem pestanejar, e sem ao menos me conhecer direito, abriu as portas de sua casa para me acolher durante minha estadia em João Pessoa.

A minha orientadora e amiga, Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida, pelo carinho, pelo apoio e por tudo que excedeu ao ato de orientar. Ensinou-me que a relação acadêmica pode ser muito mais produtiva quando a hierarquia é apenas uma formalidade e que tanto a arte quanto a ciência estão inseridos na vida e é esta que devemos valorizar acima de tudo.

Ao GPLEI, pelo apoio e pela troca intensa de conhecimentos.

Ao grupo de Estudos Bakhtinianos do Discurso Religioso, pelas contribuições em nossas curtas, mas muito proveitosas discursões.

Ao professor Dr. Pedro Francelino, pelo apoio, amizade, contribuição a este trabalho e por aceitar o laborioso trabalho de leitura e arguição dessa dissertação.

A professora Dra. Eunice Gomes, pela valiosa contribuição durante a qualificação e por aceitar novamente esse árduo trabalho de arguição também na defesa.

A meu sogro, Erivaldo, e minha sogra, D. Lourdes pelo apoio incondicional.

A Zé Antônio, que primeiro me acolheu quando eu ainda não tinha estadia em João Pessoa.

A CAPES, pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual não disporia do tempo valioso necessário para desenvolvê-la.

Aos funcionários da secretaria do PROLING, Ronil Ferraro e Valberto Cardoso, que me assitiram desde 2010, quando ainda cursava disciplina como alunos especial.

A todos os amigos que estiveram de alguma forma ligados comigo durante esse período.

A Deus, autor da minha vida.
A minha mãe, Josefa Paulino de Lira, a pessoa mais valiosa que tenho na terra.

Dedico

RESUMO

A linguagem é uma atividade constitutivamente dialógica, este é o grande preceito bakhtiniano. Ao utilizá-la o homem mergulha num simpósio universal onde sua voz encontra sempre a voz do outro e juntas constroem o discurso. Por esse motivo, no fio do jogo discursivo nunca encontramos uma única voz, mas uma heterogeneidade de vozes alheias, com as quais o sujeito necessita interagir e em meio as quais se constitui autor de seu dizer. No entanto, para Bakhtin, em alguns campos de atividade humana o diálogo com a palavra do outro é restringido, é o caso do discurso religioso, onde a palavra tem um peso especial e não admite que seja utilizada em vão, ela é compacta e inerte, deve-se aceitá-la ou rejeitá-la. Então, como autorar em meio a palavras que requerem passividade e obediência? Com base na concepção bakhtiniana, buscamos investigar a autoria na pregação religiosa. Nosso objetivo nessa pesquisa é compreender como se dá o processo de constituição da autoria na pregação religiosa neopentecostal. Por esse motivo, objetivamos de forma específica identificar, descrever e explicar o funcionamento das diferentes vozes presentes no enunciado do autor-pregador. Desenvolve-se, em função do objeto de estudo, uma pesquisa qualitativa de caráter responsivo, através de uma pesquisa documental. Nosso *corpus* é composto por cinco pregações, sendo uma delas a amostra analisada. Para realização da análise, foram feitas transcrições dos enunciados proferidos em cultos e selecionadas as diferentes vozes neles encontradas. Apoiamo-nos teórica e metodologicamente nos Estudos bakhtinianos da linguagem, nos quais buscamos as categorias analíticas que constituem o que chamamos de arquitetura da autoria e nas formas de transmissão do discurso de outrem. Os resultados obtidos mostram que autorar nesse gênero do discurso é assumir uma posição axiológica que reflete e refrata valores por meio de um complexo processo de seleção, organização e distribuição da voz alheia, constituindo-se mais pela apropriação e simulação da voz de outrem que pela obediência passiva à palavra autoritária religiosa.

Palavras-chave: Linguagem, Discurso religioso, Vozes de outrem, Autor-pregador, Autoria.

ABSTRACT

Language is a dialogical activity in its constitution, and this is the most important Bakhtin's concept. When using the language, one dives into a universal symposium where his or her voice always meet the voice of the other, and together, they create the speech. For this reason, in the discursive role, we never find a single voice, but a diversity of people's voices. We need to interact with all these voices and we create our own among these voices. However, according to Bakhtin, in some areas of human activity the dialogue with the other's word is restricted, and this is the case of religious speech, where the word has a special weight and does not allow it to be used in vain, it is compact and inert, and one should accept it or reject it. So, how can we authoring our voice in the middle of words that require passivity and obedience? Based on Bakhtin's conception, we tried to investigate the speech's authorship in religious preaching. Our aim in this research is to understand how the process of speech's authorship is constituted in neo-Pentecostal preaching. For this reason, we also aim to identify, describe and explain how function the different voices inside the speech of the author-preacher. It develops, depending on the object of study, a qualitative research responsive character, through a documentary research. Our research corpus consists of five speeches of preaching, and one of these sample is analyzed. To perform the analysis, transcripts were made from what was said in the worship speeches, then after, different voices found in it were selected. We are based on theoretical and methodological Bakhtin studies of language, from where we take the analytical categories that constitute what we call 'authorship's architecture' and we are also based on the ways of transmission of another's speech. The results show us that authoring into this specific genre of speech means to accept an axiological position that reflects and refracts values through a complex process of selection, organization and distribution of other's voices. This process is marked more for the appropriation and simulation of other's voice than through the passive obedience to religious authoritarian word.

Keywords: Language, Religious Speech, Speech of others, Author-preacher, Authorship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Discurso religioso em Orlandi e Bakthin	63
Quadro 2 – Discurso religioso: característica, natureza e conceito.....	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO.....	16
1.1 A concepção dialógica de sujeito	24
1.2 Autor e autoria: delineando o objeto de estudo	29
1.3 Arquitetônica da autoria: do acontecimento estético ao acontecimento religioso	37
1.4 O gênero do discurso e a pregação religiosa	41
1.5 Espaço dialógico da autoria: formas de transmissão do discurso de outrem.....	49
2 O DISCURSO RELIGIOSO: das especificidades à relação com o homem	57
2.1 O discurso religioso e suas propriedades.....	57
2.2 Entre o sagrado e o profano	65
2.2.1 Sacralização, dessacralização e ressacralização: da pré à pós-modernidade	68
2.2.2 Modernização e dessacralização: o mundo desencantado	71
2.2.3 Pós-modernidade e o reencantamento do mundo: o surgimento do pentecostalismo e a ascensão das religiões neopentecostais	73
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	79
3.1 Delineamento e <i>corpus</i> da pesquisa.....	80
3.2 Tratamento dos dados.....	82
4 O PROCESSO AUTORAL NA PREGAÇÃO RELIGIOSA NEOPENTECOSTAL	85
4.1 A compreensão da palavra alheia: o processo arquitetônico do autor-pregador	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE.....	109

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se em um conjunto de estudos, ainda muito incipiente no Brasil, que busca investigar os fenômenos de linguagem presentes no discurso religioso. Apesar da importância da religião nas mais diversas sociedades, o interesse por investigar os fenômenos desse campo de atividade humana parece estar quase que confinado às áreas da Teologia, Sociologia das Religiões, Ciências das Religiões, História das Religiões etc.

Apesar disso, alguns trabalhos no âmbito da Linguística, mais especificamente na Análise do Discurso Francesa e nos Estudos Dialógicos da Linguagem¹, têm se voltado à investigação dos usos da linguagem pela religião. Dentre os trabalhos desenvolvidos em terreno brasileiro destacam-se: o capítulo “O discurso religioso”, do livro *Linguagem e Seu Funcionamento: as formas do discurso* (de 1983, reeditado em 1987), e a obra “Palavra, fé e poder” (de 1987); ambos de autoria de Eni Orlandi. Também o conjunto de obras do filósofo russo Bakhtin, mais especificamente as obras *Estética da Criação Verbal* (2011); *Questões de literatura e Estética: a teoria do romance*, e *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987) vem sendo utilizado para discutir e investigar, dentre outros temas, o discurso religioso. Apesar dessas obras serem dedicadas ao discurso estético, trazem considerações relevantes sobre o discurso religioso, tais como o uso da palavra, dos gêneros do discurso e o processo de transmissão e recepção do discurso de outrem.

No texto *O discurso no romance*, escrito por volta de 1934-1935 (publicado tardiamente em 1975), Bakhtin já apontava para o fato de que o discurso religioso era um discurso autoritário e o enquadrava no que ele chamava de “palavra autoritária”. Uma das características dessa palavra seria a de não permitir alterações, ela entra na nossa consciência como uma massa compacta e só cabe a nós confirmá-la ou rejeitá-la (BAKHTIN, [1975]2010, p. 144). De outra perspectiva teórica, mais recentemente, Orlandi destaca a relação estabelecida entre Deus e os homens por meio da linguagem, assimilando a palavra divina (religiosa) à palavra autoritária. Esta não pode ser modificada, mas apenas transmitida ou interpretada: “podemos dizer que o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-la de forma alguma” (ORLANDI, ([1983] 1987, p. 245).

¹ Usamos esta terminologia para designar o conjunto de estudos desenvolvidos pelo (e a partir do) Círculo de Bakhtin. Segundo Valdemir Miotello, no II Seminário do Grupo de Pesquisa em Linguagem Enunciação e Interação – UFPB, é um termo adequado, tendo em vista a flutuação nas terminologias referentes às pesquisas que têm como base teórica e metodológica as obras do Círculo de Bakhtin.

A autora supracitada estudou o discurso religioso cristão da Igreja Católica, por meio de arcabouços teóricos da Análise do Discurso de vertente francesa. Nossa pesquisa, porém, busca investigar o fenômeno da autoria no discurso religioso cristão neopentecostal da *Assembleia de Deus Vitória em Cristo* e filia-se aos Estudos Dialógicos da Linguagem, que têm como base a proposta do filósofos russos do chamado Círculo de Bakhtin, que concebe a linguagem humana como um fenômeno de natureza dialógica.

Esta coincidência entre estudos de vertentes distintas nos levaram para uma curiosidade científica: o fenômeno da autoria no discurso religioso. Na relação assimétrica do transmissor (pregador) com o discurso religioso, enxergamos uma relação de autoria. Essa relação, de uma perspectiva dialógica, e centrada no aspecto enunciativo, pode nos revelar procedimentos outros ainda não observados pelos estudos linguísticos no âmbito do discurso religioso, uma vez que este campo de atividade humana é muito amplo e como já alertava Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, “é o ponto de vista que cria o objeto” (2006, p. 15). Acentuando o olhar sobre o objeto “autoria” pelo prisma dos Estudos Dialógicos da Linguagem, buscamos dar uma contribuição aos estudos sobre o fenômeno da autoria no discurso religioso, mais especificamente na forma como esse fenômeno pode ocorrer na pregação religiosa neopentecostal.

Nesse sentido, buscamos estudar o fenômeno da autoria no discurso religioso neopentecostal. Recortamos, então, o neopentecostalismo desenvolvido pela Igreja Evangélica *Assembleia de Deus Vitória em Cristo* (ADVEC). Ainda em termos de delimitação de nosso tema, verificamos o funcionamento da autoria nas pregações religiosas desta instituição. Assim, podemos definir que nosso objetivo geral é *compreender como se dá o processo de constituição da autoria na pregação religiosa neopentecostal da Assembleia de Deus Vitória em Cristo*. Desse modo, nosso propósito é de ordem teórica e analítica, decorrente da necessidade de investigação de um fenômeno (a autoria) que ainda é carente de análises sobre a forma como ele se constitui no discurso religioso.

Para realização do estudo, buscamos como objetivos específicos: a) descrever, de acordo com as orientações do Círculo de Bakhtin, a pregação religiosa proferida, em rede nacional, no Programa/Culto Vitória em Cristo. Acreditamos que dessa forma se possa compreender de maneira mais específica o contexto de produção e transmissão do discurso religioso, assim como a ação autoral que aí se manifesta, pois, como adverte Bakhtin (1997, p. 82), uma concepção clara da natureza [...]

dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for sua orientação específica. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área de estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre língua e vida.

Como tratamos da transmissão de discursos, buscamos também b) identificar as diferentes vozes presentes na pregação, ou seja, a quem elas são imputadas, assim como c) descrever as formas de transmissão dos discursos de outrem presentes no gênero pregação. Essas formas de transmissão correspondem aos esquemas tradicionalmente conhecidos como discursos direto, discurso indireto e suas variantes, compreendidos aqui não como elementos puramente sintáticos, mas também estilísticos, determinados por escolhas e tomadas de posição axiológicas no processo de enunciação.

Tais formas serão ainda observadas dentro das grandes tendências de transmissão da palavra de outrem: a linear, que corresponde às formas de inserção da palavra autoritária na enunciação do autor; e a pictórica, que gera certas nuances de diálogo entre o contexto narrativo do locutor e a palavra citada, permitindo ao autor o enquadramento dela em sua enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002). Ainda de forma específica, objetivamos d) explicar o funcionamento dessas formas de transmissão do discurso na pregação religiosa e e) analisar a relação que se estabelece entre tais vozes e a construção da arquitetônica da autoria, a fim de compreender como esta se constitui nesse gênero discursivo.

Nosso objetivo geral decorre do seguinte problema: como se constitui a autoria na pregação neopentecostal, na medida em que esta é um gênero do discurso religioso permeado pela palavra autoritária que não permite nenhuma autonomia criativa ao pregador, mas apenas a transmissão e reprodução da palavra sagrada? Esse problema origina-se de duas observações: o pregador – aquele que transmite a palavra de Deus – é um sujeito constituído não apenas por sua relação assimétrica com o divino, mas também com o momento sócio-histórico no qual enuncia, assim como pela instituição religiosa da qual ele faz parte, além de sua necessária relação com os fiéis, auditório específico da palavra transmitida.

A outra observação é decorrente da natureza do gênero: entendemos que a pregação, da perspectiva do pregador, dentre outros elementos, é constituída prioritariamente pela palavra autoritária divina, mas não inteiramente, cabendo espaço para o jogo com outras vozes, com as quais o pregador estabelece diferentes relações valorativas.

Desse processo reflexivo, construímos a seguinte proposição: o autor-pregador, enquanto instância enunciativa, é uma posição axiológica que reflete e refrata valores que se

estabelecem por meio das diferentes relações de interação dentro do acontecimento religioso, mediante – entre outros recursos – a seleção, organização e distribuição do discurso de outrem no enunciado. Nesse sentido, a autoria constitui-se como um complexo processo de seleção, organização e distribuição de vozes a partir de uma posição axiológica de relações sociais concretas.

Essas relações socioaxiológicas, no discurso religioso, são determinadas, por um lado, pela perspectiva da tradição religiosa, ou seja, pela retomada de um passado religioso consolidado, marcada pela referência à palavra autoritária do livro sagrado, que legitima o papel e o dizer do pregador; e por outro, pela vertente teológica da instituição neopentecostal, que determina os diferentes posicionamentos valorados com as diversas vozes que constituem a pregação.

Assim, acreditamos também que a manifestação da autoria na pregação religiosa neopentecostal pode ser percebida nos recursos linguísticos e estilísticos, enunciativos e discursivos por meio de uma arquitetônica da autoria, que se constrói a partir da relação valorada do autor-pregador com as diferentes vozes que ecoam na materialidade discursiva da pregação, organizadas em função da relação do autor-pregador com os fiéis.

Portanto, acreditamos que um trabalho nessa direção seja necessário, na medida que o discurso religioso é um dos mais importantes campos de atividade humana e nele concentra-se uma multiplicidade de gêneros do discurso ainda não explorados suficientemente pelos estudos da linguagem, como por exemplo: as literaturas de evangelização, as orações, as pregações, etc. Talvez o histórico embate entre ciência e religião tenha afastado os cientistas da linguagem de áreas que não aparentassem seu espaço de estudo. No entanto, recentemente, esta área passou a suscitar interesse dos mais variados campos de estudos fora dos limites da Teologia ou da Ciência das religiões.

Mesmo assim, poucos são os trabalhos em linguística dedicados ao campo religioso, especialmente no Brasil. O que é uma contradição incompreensível: como um campo de atividade humana, que talvez seja o mais antigo da humanidade e que vive em constantes transformações deixe de ser objeto de estudo científico? Não se pode negar que foram dos estudos dos textos religiosos dos Vedas que a linguística tirou seus primeiros trabalhos com Panini², mas as abordagens dos gêneros do discurso religioso, assim como dos sujeitos que os produzem, no âmbito da linguística brasileira, ainda são muito incipientes até na atualidade.

² Cf. FARACO, C. A. Os estudos pré-saussurianos. In: **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, vol 3. São Paulo: Contexto, 2004.

Mais incipiente ainda é o trabalho em torno da autoria nos gêneros do discurso religioso, em especial, nos orais. Poucos são os trabalhos científicos que buscaram compreender a autoria no discurso oral, dentre os quais destacam-se os de Tfouni (2001, 2005) no âmbito do letramento e o de Francelino (2007) sobre a autoria no gênero aula, na esfera acadêmica. Este último lembra que é preciso investigar a autoria também em outros gêneros orais de diferentes campos de atividade humana, como o religioso, por exemplo.

Por esse motivo, metodologicamente, selecionamos cinco pregações religiosas proferidas no Programa Vitória em Cristo, que foram transcritas e observadas quanto a inserção das vozes de outrem presentes nelas, sendo uma das pregações utilizada como amostra para análise nesta dissertação. Em todas observou-se que havia a recorrência de três conjuntos de vozes: a voz divina, a voz do fiel e a voz do diabo. A relação do autor-pregador com essas vozes nos levou a identificar o que chamamos de arquitetura da autoria, isto é, um conjunto de relações basiladas pelas categorias bakhtiniana de exotopia, diretriz volitivo-emocional concreta, acabamento e centro axiológico. A análise do *corpus*, portanto, foi desenvolvida a partir da relação arquitetônica do autor-pregador com as diferentes vozes presentes no interior da pregação por ele proferida. Nesse processo dialógico de relações entre a voz do autor e a voz de outrem buscamos compreender como a autoria se realiza nesse gênero do discurso religioso.

Para o desenvolvimento desta dissertação distribuímos os conteúdos em cinco partes: A primeira versa sobre o fundamento teórico ao qual nos filiamos, os Estudos Dialógicos da Linguagem, e também sobre a construção do nosso objeto de estudo. Esta parte está dividida na seção principal e em cinco subseções. Na principal, o leitor encontrará a concepção de linguagem à qual nos filiamos. Quanto às subseções, a primeira traz a noção de sujeito bakhtiniana; na segunda, preparamos um construto teórico para tentar dar conta de uma concepção de autoria que contemple o discurso religioso, dentro da perspectiva dialógica, a partir do texto *O autor e o herói na atividade estética*, desenvolvido por Bakhtin ([1979]³ 2011). Em função da natureza estética da concepção de autor no referido texto, na terceira subseção fizemos uma transposição do acontecimento estético para o acontecimento religioso, procurando evidenciar a natureza da autoria na pregação religiosa, levando em consideração o que entendemos por arquitetura da autoria, isto é, a distância, a visão, o acabamento, a diretriz volitivo-emocional concreta e o centro axiológico, categorias que constituem a relação autor-personagem, segundo Bakhtin (2011), e que serão também descritas nessa subseção. Na quarta,

³ Este texto foi escrito entre os anos de 1924/1927 e publicado em 1979 como parte da obra *Estética da Criação Verbal*. Mais detalhes, Cf. o quadro de abreviaturas da obra de Bakhtin em BRAIT, Beth. *Dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

tratamos do gênero discursivo pregação religiosa. Como usaremos para subsidiar nossas análises as vozes socais que emergem em tal gênero, na subseção seguinte fizemos uma resenha das formas de transmissão do discurso de outrem, da maneira como foi descrita por Bakhtin/Voloshinov (2002).

Na segunda parte buscamos construir um aparato teórico sobre o discurso religioso, a partir das contribuições de Bakhtin, que nos desse subsídio para poder analisar o processo de constituição da autoria nesse tipo de acontecimento. Nas seções subsequentes, dessa mesma parte, traçamos um breve percurso do contexto social, histórico e cultural da relação do homem com o sagrado, tomando como base o trabalho de Eliade (2010), Rivera (2001), Passos (2006) entre outros, para subsidiar a percepção do contexto mais amplo de produção no qual o enunciado/pregação em análise está inserido, inclusive para esclarecer o contexto de surgimento e constituição do neopentecostalismo.

A terceira parte traz os procedimentos metodológicos da pesquisa e está dividida em três subseções: o delineamento da pesquisa, considerações sobre o *corpus* e, por fim, o tratamento dos dados.

A quarta parte é constituída da análise em si e a quinta por nossas considerações sobre os resultados obtidos. Fica o leitor, portanto, orientado, ainda que de forma sumária e superficial, sobre os passos que encontrará daqui em diante.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Os Estudos Dialógicos da Linguagem nos servem de marco teórico. Segundo suas orientações, a enunciação só se realiza por meio da interação entre os indivíduos. A verdadeira realidade da língua consiste nas relações lingüísticas entre os indivíduos socialmente organizados e historicamente marcados. Não existe sentido fora da relação social da vida humana.

Segundo Bakhtin/Voloshinov ([1929] 2002), toda consciência individual está impregnada de signos e os signos só emergem na relação entre os indivíduos, na interação entre os sujeitos. Portanto, para o filósofo russo, todo signo é social e não há consciência sem signo. Sendo assim, a consciência também é social: “a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico)” (id., p. 34) e isto é possível somente por meio do processo de interação social, pois o signo é fruto da interação entre duas consciências individuais.

O esforço de Bakhtin em demonstrar que a linguagem é um fenômeno social e fruto da interação humana situa-se em oposição a duas tendências lingüístico-filosóficas de sua época, por ele denominadas de objetivismo abstrato e subjetivismo idealista. No âmbito da lingüística, a primeira tem Saussure como seu maior representante e a segunda, Humboldt, embora, como advertem Bakhtin/Voloshinov, as contribuições de Saussure terem ido para além dos limites da segunda tendência.

Podemos dizer que estes dois pensadores representam ainda duas grandes tradições do pensamento lingüístico filosófico que se desenvolveram, desde os gregos pré-socráticos, em torno das reflexões sobre a linguagem: a que compreende a língua como expressão do pensamento e a que a concebe como instrumento de comunicação.

A primeira tem forte influência do pensamento racionalista do século XVII, com Descartes, o que o levou a compreender a natureza da língua como algo racional e lógico. Assim, a língua serviria para expressar, de forma imperfeita, o pensamento, sendo este capaz de conhecer a verdadeira realidade das coisas por meio das ideias. Esse pensamento influenciou a escola de Port-Royal e mais recentemente a lingüística gerativa de Noam Chomsky, a qual busca discutir a relação entre a linguagem e o pensamento/mente.

A segunda teve grande influência sobre o pensamento que deu origem à lingüística moderna, mais precisamente a lingüística estrutural, que concebe a linguagem como instrumento de comunicação. Nesse sentido, a língua não está no sujeito, este apenas utiliza-se dela para se comunicar. Desse modo, ela seria regida por uma ordem interna, funcionando como

um sistema de signos interdependentes. Bakhtin, porém, se situa numa terceira vertente, que compreende a língua como forma de interação entre os sujeitos socialmente organizados e historicamente situados e é a essa perspectiva que está vinculado nosso trabalho.

Com o objetivo de situar a concepção de linguagem à qual nos filiamos, a dialógica, percorremos, de forma sucinta, o caminho traçado por Bakhtin/Voloshinov ([1929], 2002) na tessitura de suas críticas ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo idealista. Para esses autores, a Escola de Genebra foi o nome mais representativo do objetivismo abstrato, por tratar a língua como uma abstração, imanente, que funciona por si própria sem a interferência dos indivíduos que dela fazem uso. É certo que Saussure não negava o uso da língua pelos indivíduos, mas acreditava que a essência da língua estava na relação entre suas estruturas, na relação interna do sistema linguístico.

Para essa tendência, “o centro organizador de todos os fatos da língua faz dela um objeto de uma ciência bem definida, situa-se [...] no *sistema linguístico*, a saber o *sistema das formas sintáticas, gramaticais e lexicais das línguas*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929] 2002, p. 77. *Grifos do autor*). A língua, para essa escola, só era social no sentido de que, como um sistema imutável e independente dos indivíduos, se estabelecia de forma normativa e convencional, aceita por todos os indivíduos de uma determinada sociedade que dela se apropriam para se comunicarem. Sendo assim, seria, a língua, um signo imóvel, estável, ou seja, para Bakhtin/Voloshinov, nesse sentido, um signo morto.

Os autores destacam ainda que um fato marcante para essa orientação linguístico-filosófica era a separação entre a abordagem histórica e não-histórica do sistema da língua, a chamada abordagem sincrônica. Do ponto de vista de sua conformidade ao sistema, as formas da língua são entendidas como interdependentes e complementares, o que leva à compreensão de que as possíveis alterações no interior do próprio sistema acarretavam as mudanças na língua. Dito de outra forma, o que se teria seriam diferentes sistemas ao longo da história, pois na medida em que ocorre uma alteração casual em algum elemento no interior desse sistema, todo sistema mudaria dando origem a um novo, da mesma forma que a mudança de um elemento em uma fórmula matemática gera uma nova fórmula (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929] 2002, p.80). “Assim, entre a lógica da língua, como sistemas de formas e a lógica de sua evolução histórica, não há nenhum vínculo, nada de comum (BAKHTIN/VOLOSHINOV [1929] 2002, p. 81).

Por outro lado, entre a língua, o sistema abstrato de signos, e a fala (o uso desse sistema) não haveria senão uma oposição entre o que é social e o que é individual (a enunciação). O corte saussuriano elegeu a primeira como objeto de estudo, alegando que apenas ela (a língua)

seria passível de definição e sistematização: “[...] somente a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (SAUSSURE, 2006, p. 16). Como a enunciação, para Saussure, seria um ato individual de usos da língua, e dela “o indivíduo é sempre senhor” (Idem, p. 21), ele a contrapõe ao sistema, que seria social.

Levando em consideração esses fatores, os pensadores russos resumem essa orientação do pensamento linguístico-filosófico nos quatro pontos a seguir, considerando que para objetivos abstrato

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual a consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda consciência individual.
3. As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seus sentidos não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nem vínculo artístico.
4. Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua; simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre os sistemas da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si” (BAKHTIN/VOLOSHINOV ([1929]2002, p. 72).

Por sua vez, o subjetivismo idealista, segundo Bakhtin/Voloshinov ([1929]2002), postulava o ato de criação individual como o fundamento primeiro da língua. Interessava-lhes o ato de fala de cada indivíduo. As leis da linguística corresponderiam às leis da psicologia individual, e, nesse sentido, “esclarecer o fenômeno linguístico significa reduzi-lo a um ato significativo [...] de criação individual” (BAKHTIN/VOLOSHINOV ([1929]2002, p. 72).

A língua era compreendida como um processo contínuo de mudanças ininterruptas, como a “energia”, que se materializa nos atos individuais de fala. Ao contrário do objetivismo abstrato, o que interessava para os estudiosos dessa concepção filosófica não eram as formas reiteráveis da língua, mas *os eventos únicos de criação individual*, aquilo que ocorria de particular em cada enunciação por força da ação criativa do indivíduo, o que levou ao entendimento de que o centro organizador de toda ação de linguagem, portanto, era a consciência individual.

Outro postulado dessa corrente é o fato de compreenderem que a criação linguística é análoga à criação artística. Fato que explica a predominância da estilística como parâmetro para explicação dos problemas da língua. Se para o objetivismo abstrato as mudanças particulares são deformação do uso de elementos gramaticais estáveis, para o subjetivismo idealista não passa de uma ação estilística proveniente da criatividade humana. Vossler é, segundo Bakhtin/Voloshinov, o representante que mais se adequa a esse postulado, pois para ele o que importa à linguística é o sentido artístico dos fatos linguísticos, a ideia de língua seria essencialmente poética.

Nestes termos, Bakhtin/Voloshinov afirmam que as posições fundamentais dessa concepção linguístico-filosófica podem ser resumidas nas seguintes proposições:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da criação individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga a criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado (“*ergon*”), enquanto sistema estável (léxico, gramática e fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas cum vista a sua aquisição prática como instrumento para ser usado (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p. 72-73).

Os autores russos expõem dois pensamentos contrários entre si. O ponto crucial está no que é interior e/ou exterior ao indivíduo. Para o objetivismo abstrato, o centro organizador da língua é o exterior, o sistema abstrato e estável de signo. A relação entre a língua e os indivíduos só existe na medida em que cada pessoa recorre ao sistema como um *instrumento* a ela acessível para se comunicar, mas não interfere na constituição desse sistema. A língua seria social, na medida que é comum a todos, enquanto a enunciação corresponde à individualização do uso do sistema linguístico.

O subjetivismo idealista, por sua vez, dá primazia ao interior do indivíduo como centro organizador da linguagem. A enunciação, portanto, é individual porque é fruto do mundo interior daquele que a produz. A língua não passa de expressão do pensamento individual, exclui-se, aqui, tudo que está fora do indivíduo, inclusive o parceiro da comunicação.

Para Bakhtin, nem sistema abstrato, nem produto da consciência individual, a língua só tem sentido na interação verbal, pois ela é fruto da relação entre os indivíduos. Ela é antes de tudo um fato social, não no sentido de um fenômeno inerte, pronto para ser usado pelos indivíduos, tampouco fruto apenas da consciência individual; ela é produto das relações sociais,

das necessidades coletivas, dos sujeitos sócio e historicamente organizados em intensa interação. Um signo existe sempre como resposta a um outro signo, dirão os estudiosos russos, e é na (inter)relação entre os indivíduos que os sentidos emergem de cada signo linguístico.

Para os estudiosos russos, o que organiza todo ato de fala, ou seja, toda enunciação, não é nem o interior do sistema linguístico nem o interior do indivíduo ou sua consciência individual, mas o exterior, o social:

O centro organizador de toda enunciação, de toda a expressão, não é o interior, mas o exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...] a enunciação humana mais primitiva, é, do ponto de vista de seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social [...] a enunciação enquanto tal é puro produto da interação verbal (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p.121).

Essa conclusão leva os autores a formularem suas próprias proposições. Destarte,

1. A língua como sistema estável de formas normativas e idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.
2. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente leis sociológicas.
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. *A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social.* A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um *contradictio in adjecto* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, ([1929]2002, p. 127)

Os autores russos rejeitam, portanto, a ideia de língua enquanto sistema abstrato, pois ela não abarca a verdadeira realidade que constitui o todo deste objeto. Por outro lado, é notório que não se nega o fato de que essa abstração pode servir a alguns fins teóricos e até práticos, mesmo que particulares. No texto dedicado à Translinguística, Bakhtin (2011) deixa evidente que esta abstração, para os fins a que se propõe, é legítima, mas que não serve para tratar da enunciação.

Considerando a partir do viés bakhtiniano, entendemos que a língua não é estática, mas evolui ininterruptamente. Nesse ponto há uma convergência entre as ideias de Bakhtin/Voloshinov e os postulados do subjetivismo idealista. No entanto, discordam do fato de que essa evolução ocorre em função da ação individual, do ato criativo de uma consciência absoluta. Pelo contrário, a evolução da língua acontece mediante a interação social. Isso porque, ao contrário dos subjetivistas idealistas, Bakhtin e o Círculo discordam do fato de ser a enunciação um ato individual ela é também social, porque ao falar, o locutor não apenas age, mas interage. A enunciação é sempre direcionado a alguém e esse alguém pode ser uma outra pessoa ou um conjunto amplo de indivíduos: Dostoiévski jamais soube a amplitude exata do interlocutor de seus romances! Portanto, não há enunciação estritamente individual, pois ela é fruto de uma interação social.

E esse é exatamente o princípio da interação humana que levará Bakhtin a formular seu conceito de dialogismo em contraposição à concepção monológica da enunciação. Para o autor, um dos problemas da filosofia da linguagem é pensar a enunciação como um ato monológico: ou como uma ação de linguagem resultado da consciência de um indivíduo ou de uma abstração, sem a interferência de outros sujeitos e de outros discursos. O mesmo autor refuta essas concepções, alegando que a palavra é sempre dirigida a uma outra palavra, um indivíduo sempre se dirige a outro(s) indivíduo(s), que não é/são passivo(s), mas responsivo(s) e constitutivo(s) do ato de enunciação do primeiro, “a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p.123).

Mas a palavra “interação” no âmbito dos estudos do Círculo de Bakhtin não se restringe à relação face a face entre dois indivíduos. Para deixar clara sua posição, Bakhtin/Voloshinov (2002) lançam mão da metáfora do diálogo. Explicam que, tomado o termo diálogo em seu sentido estrito (aquele em que duas pessoas se comunicam face a face ou no caso de dois personagens que dialogam entre si em um conto) pode-se perceber uma das formas de interação verbal. Mas nesse caso, o conceito de interação não corresponde ao que eles propõem. Assim, consideram entender o termo diálogo em um sentido amplo, presente em todo tipo de comunicação, incluindo aí a conversa face a face. Usando o livro impresso como exemplo, esclarecem que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de um discurso ideológico em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas potenciais, procura apoio etc. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p.123). É este tipo de relação que se estabelece entre os discursos/enunciados que o Círculo chamará de relação dialógica.

Bakhtin (2010, p.88) diz que

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se de uma orientação natural de todo discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa.

Segundo o autor, apenas o Adão mítico poderia evitar essa relação, na medida que apenas ele teria tomado a palavra ainda virgem. Fora do mito, todo discurso retoma outros que já falaram sobre o mesmo objeto, já o apreciaram, desvalorizaram ou iluminaram etc., assim, todo enunciado seria orientado para um “já-dito” e surge como uma resposta, uma reação contraditória ou de concordância às nuances de um enunciado com relação aos que o antecederam podem ser bastante variadas.

O caminho oposto também é verdadeiro, segundo o autor, pois

[...] o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presenteia e baseia-se nela. Ao se construir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a seguir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo (BAKHTIN, 2010, p. 89).

Nesse sentido, a enunciação é entendida como o ato de produção do enunciado, estando sempre orientada para a história e para a sociedade na qual ela surge. O objeto da enunciação, portanto, revela-se saturado de valores, de apreciações de outros enunciados ideologicamente constituídos que já dialogaram com ele, que já o abordaram por diferentes posições e, agora, o enunciado que surge não pode deixar de tocar os fios dialógicos deixados pelos anteriores. Ao mesmo tempo, constitui-se como mais um destes fios, não deixará, portanto, de antecipar os enunciados posteriores que surgirão como sua réplica: “Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se a influência profunda do discurso da resposta antecipada” (BAKHTIN, 2010, p. 89). O que o autor propõe com o conceito de dialogismo é investigar a linguagem em sua forma real de funcionamento.

Por esse motivo, a unidade de investigação do Círculo de Bakhtin não é a língua, mas o enunciado. Como podemos perceber, a relação dialógica é natural de todo enunciado posto que ele não pode esquivar-se dos enunciados que o antecederam nem dos que o sucederão, em seu interior os outros se farão ouvir, há uma interação intensa entre eles e é essa interação dialógica que o Círculo propõe investigar.

Bakhtin ([1929] 2013, p. 208) faz, então, uma distinção entre os estudos da Linguística (em sentido estrito) e do que ele chamará de Translinguística. Dirá o autor que a linguística procura investigar os elementos do sistema da língua (as formas fonológicas, lexicais e

sintáticas), e que entre eles não pode haver nenhuma relação dialógica. Tampouco pode haver tais relações entre unidades do texto, vistas no sentido estritamente linguístico. Entre os elementos puramente linguísticos, desde o fonológico até o textual, só haveria relações linguísticas. As relações dialógicas ultrapassam o material linguístico, estando carregadas de tensões sociais, ideológicas, históricas e culturais.

O autor também enfatiza que as relações dialógicas não são redutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, exemplificando com as sentenças “A vida é boa” e “A vida não é boa”. Dirá ele que, nesse caso, estamos diante de dois juízos de valor logicamente antagônicos. No entanto, não temos aí relações dialógicas. Para isso, seria necessário que uma sentença se materializasse em um enunciado de um determinado sujeito expondo o juízo de valor deste enquanto a outra se tornaria a expressão de um outro sujeito que em seu enunciado contrapõe o primeiro. Apenas nessas circunstâncias poderiam surgir relações dialógicas. Nessa perspectiva, alertamos para o fato de que as relações dialógicas são impossíveis sem as relações lógicas e concreto-semânticas. Contudo, o dialogismo é “irredutível a estas e têm especificidade própria” (BAKHTIN, [1929] 2013, p. 210).

Esclarecemos que tais sujeitos não precisam necessariamente estar frente a frente para que haja o dialogismo, como podemos observar no exemplo a seguir: entre as ideias de Ptolomeu e as de Galileu encontramos relações dialógicas, pois o primeiro acreditava que a terra era o centro do universo e todos os astros giravam em torno dela; o segundo, conhecedor do postulado de Ptolomeu, propôs, muitos séculos depois, o contrário.

Da mesma forma, as unidades da língua são essenciais para realização do enunciado, mas não são suficientes. O enunciado tem uma dimensão linguística e outra histórico-social. Sobre esse fato, Faraco (2009, p. 66) lembra que para haver relações dialógicas, qualquer material semiótico (linguístico ou não) precisa entrar na esfera do discurso e ter “sido transformado num enunciado, **ter fixado uma posição de um sujeito social**” (destaques do autor) e acrescenta: “as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor”. Por esse motivo, entre as ideias ptolomaicas de centralização do universo e as descentralizadoras de Galileu há uma constante dialogia, o que estava em jogo eram valores sociais materializados em enunciados que se contrapunham.

Assim, Bakhtin dirá que tais relações são possíveis não apenas entre enunciações integrais, mas entre qualquer parte desta. Uma palavra integrante de um enunciado pode estabelecer relações dialógicas, contanto que ela não seja percebida como palavra impessoal da língua, mas como representante do enunciado do outro, como juízo de valor deste. “Por isso as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra

isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes” (BAKHTIN, 2013, p. 211).

Dessa forma, a linguagem nos estudos dialógicos é percebida na sua realidade viva e integral, não sendo apenas expressão do pensamento, reduzida a consciência individual, nem um sistema abstrato que exclui o sujeito, este ente que a torna concreta. *Ela é compreendida como o produto da interação axiologicamente tensa e saturada entre os sujeitos sociais concretos.* É situado nessa concepção que se desenvolve este trabalho.

Passemos, agora, a tratar mais especificamente do sujeito. Isso por um lado porque, como vimos, o enunciado surge em função dele e, por outro, porque a autoria, nosso objeto de estudo, é, antes de qualquer coisa, uma forma de ser do sujeito na e pela linguagem.

1.1 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE SUJEITO

Ao falarmos de interação e dialogismo tocamos em alguns momentos na figura do sujeito. Entender o sujeito na perspectiva bakhtiniana⁴ nos é necessário, pois a autoria se configura como uma forma singular de ser do sujeito no mundo por meio da linguagem. Mas antes buscaremos explicar um pouco sobre a filosofia do ato desenvolvida por Bakhtin, porque para compreender o sujeito no/do discurso é necessário percebê-lo por meio de suas (inter)ações, ou seja, por meio de seus atos.

Segundo Sobral (2010, p. 24), a filosofia bakhtiniana do ato ético é uma proposta de estudar o agir humano, uma forma de compreender teoricamente como os indivíduos agem no mundo concreto – social e histórico. Para Bakhtin, o mundo está em constante mudança, “não apenas em termos de seu aspecto material, mas na maneira de os seres humanos o conceberem simbolicamente” (idem, p. 24). A relação do homem com o mundo, nessa perspectiva, não é vista apenas pelo aspecto natural (biológico), mas em termos de representação por meio da linguagem, em situações específicas, no interior dos mais diversos domínios da cultura imaterial (domínios ideológicos)⁵.

⁴ É importante esclarecer que Bakhtin não formula uma teoria do sujeito ou da subjetividade, mas é possível deduzi-la de seus escritos.

⁵ “Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar [...] ao universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política” (FARACO, 2009, p. 46-47), ou seja, todas as manifestações e produtos da cultura imaterial humana. O termo “ideológico” também pode significar, para o Círculo de Bakhtin, valores ou avaliações sociais. Preferimos usar ideologia/ideológico para os domínios da cultura imaterial e axiologia/axiológico para nos referirmos a valores.

Em termos bakhtinianos, o ato compreende duas partes indissolúveis: o agir humano em geral e os atos particulares. Nesse sentido, os atos particulares estão englobados nos gerais, mas mantêm as especificidades próprias que os tornam únicos. Para Sobral (2010), o empreendimento de Bakhtin é uma tentativa de generalizar os atos particulares sem perder de vista sua singularidade.

Em suas elaborações, o filósofo russo distingue o *conteúdo* dos atos de seu *processo*. O primeiro diz respeito ao que é produzido quando o ato é realizado. O segundo refere-se às diferentes operações que os sujeitos realizam para produzir seu ato, o que nos permite distinguir três elementos constitutivos do ato: o agente, o processo e o produto (SOBRAL, 2010).

Essa forma de conceber o agir humano se contrapõe tanto às teorias da ação (ou do processo) como às teorias do produto (da forma ou formalistas). Vale ressaltar que as primeiras buscavam apreender a singularidade sem levar em consideração os aspectos gerais de cada ato, além de excluir desse processo aquele que age, pois aproximava-se ao empirismo. Por outro lado, os formalistas valorizavam apenas o produto, aquilo que há em comum em todos os atos, perdendo de vista tanto as singularidades quanto o agente, nesse caso, faziam-se generalizações a partir das exclusões dos elementos particulares, o que permitia teorizar a partir dos aspectos gerais do ato. O resultado era um produto ideal, o que os aproximava das correntes filosóficas idealistas.

Bakhtin evita, desse modo, um teoreticismo absoluto e um empirismo absoluto, não reduzindo o ato humano nem à abstração geral, nem às particularidades. Portanto, se por um lado “não admite que a teoria apague a vida concreta, prática, por outro, o autor também não admite que a prática concreta apague a teoria, o plano em que se pode generalizar sobre todos os atos” (SOBRAL, 2010, p. 26).

Nessa perspectiva, é preciso, segundo Bakhtin, evitar a separação entre conteúdo (produto), aspecto no qual nos é possível generalizar, e o processo, momento concreto, histórico e social do ato, aspecto que o torna único. Como se pode perceber, o que se propõe nessa filosofia é “uma dialética do produto-processo” (SOBRAL, 2010, p. 26), na medida em que o produto e o processo se pressupõem mutuamente, assim como implicam a existência de um (inter)agente. Por esse motivo, Sobral (2010) afirma que encontramos aí uma *filosofia humana* do processo, por não excluir o ser que realiza o ato.

A proposta bakhtiniana encontra no agente um elemento de extrema importância, pois o vê não apenas como aquele que realiza, produz, mas também que media a relação entre o ato (em geral) e os atos particulares. Quando se trata da relação entre cultura e vida, Bakhtin propõe a não-separação entre esses dois mundos como, segundo ele, é comum nas ciências naturais,

filosofia e estética. O mundo da cultura congrega práticas sociais gerais, abstrações que só tomam forma na medida em que cada sujeito age, tornando-as concretas. Assim, o mundo da cultura corresponde aquele “no qual se objetivam os atos da atividade de cada um, [enquanto na vida] o ato realmente, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar” (BAKHTIN, [1920-24] 2010, p. 43).

Descrevemos anteriormente que o agir humano individual está contido nos atos humanos em geral, isso porque cada ato humano é determinado por práticas sociais organizadas, mas por outro lado são históricos, situados, estão atrelados a circunstâncias concretas e únicas de realização. Por esse motivo, para compreender o ato humano é preciso considerar tais circunstâncias (SOBRAL, 2010, p. 29), na medida em que é a situação mais imediata quem determina, em última instância, sua possibilidade de realização.

Para Sobral (2010), as práticas humanas supõem grupos humanos e não sujeitos isolados. Cada ato realiza-se, portanto, sempre por um sujeito concreto com relação a outro sujeito igualmente concreto. Quando trazemos o termo “em relação”, queremos enfatizar que tal ato é ao mesmo tempo intencional e direcionado. No entanto, isso não significa dizer nem que os atos individuais, por serem intencionais, se sobrepõem ao social nem que, constituídos como parte da coletividade, percam suas singularidades. Para Bakhtin, o que se pressupõe é um sujeito que responde pelos seus atos perante os outros. Como consequência, temos em Bakhtin uma ética do agir humano: todo sujeito é responsável pelos atos que pratica e responde por eles perante os outros seres humanos e em relação aos outros atos humanos.

Agir de forma singular não significa, para a filosofia bakhtiniana, viver para si, mas viver a partir de si, ou seja, o sujeito, ao encontrar seu lugar no mundo, responde a partir dele. Nas palavras de Bakhtin (2012, p. 108): “viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsavelmente participante, afirmar o seu não-álibi real e compulsório no existir”. Podemos concluir, portanto, que todo ato humano é sempre relacional, pois age-se sempre em relação aos outros, que pode ser um indivíduo, um grupo de pessoas, uma empresa, uma instituição, grupos humanos ou, em última instância, a humanidade.

Até aqui traçamos um percurso sobre a filosofia bakhtiniana do ato e procuramos relacioná-la ao sujeito, mas ainda não tratamos da categoria do sujeito de fato, apenas a colocamos em sua pressuposta condição de existência com relação ao ato humano em geral e aos atos em particular. A partir de agora passaremos a traçar o “perfil” do sujeito na perspectiva bakhtiniana, em sua relação com a linguagem.

Buscamos demonstrar que a natureza da linguagem, segundo Bakhtin/Voloshinov, é dialógica. Por seu turno, ao falar de atos humanos vimos que os atos individuais estão

relacionados ao conjunto dos atos humanos. Assim também se dá com a subjetividade, porque ela é “constituída pelo conjunto das relações sociais de que o sujeito participa” (FIORIN, 2006, p. 55). No mesmo sentido, a *enunciação é um ato de linguagem*, é por meio dela que os sujeitos interagem, tendo a língua como sua forma material de realização. Ao conceituar a enunciação Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 112) dirão que ela “é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”.

Para os autores, toda palavra, enquanto signo ideológico, comporta duas faces, pois ela é determinada pelo fato de que procede de alguém ao mesmo tempo em que se dirige a outro alguém, funcionando como uma ponte entre os interlocutores. Nessa relação, os sujeitos constituem-se, pois acabam por ocupar um lugar na vida social. Ao enunciar, o locutor não retira as palavras de um dicionário, ele as busca do repertório social, dos usos que delas foram feitos em diferentes situações de comunicação. A palavra “condenação”, por exemplo, enunciada em um júri popular terá peso axiológico diferente da utilizada em um culto religioso. Assim também os sujeitos que a enunciam, em ambas as situações, ocupam lugares diferenciados e a usam levando em consideração a situação de produção de seu discurso e os interlocutores que dela participam. Nesse sentido, na interação humana por meio da linguagem, o sujeito define-se sempre com relação ao outro, em última análise, com relação à coletividade (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 113).

Se os sujeitos se constituem no social, é também por meio das diferentes formas de interação entre sujeitos que a sociedade se constitui, ambos, portanto, se constroem mutuamente. Nestes termos, ao falar de psiquismo individual e de ideologia, os estudiosos russos lembrarão que a consciência individual do sujeito é construída por sua relação com a exterioridade, com o ideológico, e vão além, enfatizando que só se impregnando de conteúdo ideológico a consciência se torna consciência (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 113).

As ideologias e seus produtos não podem existir, por seu turno, sem uma materialidade semiótica, sem signo (verbal ou não-verbal) o que o torna, portanto, parte integrante tanto dos domínios ideológicos quanto da consciência individual. Esta só “adquire forma e existência nos signos criados por grupos organizados no curso de suas relações” (idem, p. 35), ela alimenta-se, desenvolve-se e reflete a lógica dos signos.

Para Bakhtin/Voloshinov (2002), a palavra é o signo por excelência. Diferente dos outros, ela é neutra, capaz de penetrar em todos os domínios ideológicos (no direito, na saúde, na educação, na religião, na arte) e servir aos propósitos destes. Como a consciência individual é constituída por signos, sua lógica é correlata a da comunicação ideológica, e por isso, mediada

por signos no interior de um grupo social. A palavra, enquanto signo, torna-se, portanto, a forma mais sensível das relações sociais, segundo os filósofos.

Entramos assim no plano verbal dos atos humanos. Sobral (2010, p. 54) nos lembra que nesse âmbito, o sujeito funciona como um mediador entre os sentidos, na medida em que a palavra, enquanto signo neutro, pode assumir diferentes nuances de significação, sendo o sujeito o “mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os discursos efetivamente produzidos em situações concretas” (Idem, p. 54). Isso significa que quando se tem algo a dizer, os homens precisam levar em consideração o(s) outro(s) e, por isso, organizam seu discurso de maneira que o parceiro da comunicação possa compreendê-lo. Assim, tanto a produção quanto a compreensão do discurso passam pelo crivo do interlocutor (mesmo o virtual) e pela mediação do locutor. A interação humana é tão constitutiva de todo discurso que até na relação consigo mesmo o indivíduo fala como se estivesse interagindo com um outro. No solilóquio, me faço outro para mim mesmo, pois sem o outro não há diálogo.

No processo de mediação, o sujeito acaba por construir uma imagem daquilo que deseja dizer sobre o mundo. Nesse momento, o mundo natural passa a ser representado pelo viés valorativo do locutor em sua interação, o que implica que por meio da linguagem o homem não reflete diretamente o mundo, mas por meio de signos valorados sócio-historicamente. Por outro lado, a experiência de cada indivíduo com a sociedade e com a história faz com que ele assimile múltiplos conjuntos de valores, por vezes contraditórios, o que leva os sujeitos também a refratarem a realidade material por determinados vieses axiológicos. Para Faraco (2009, p. 51), “a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos”. Assim, como as experiências são múltiplas, os sentidos que podem emergir dos signos também são múltiplos, tendo o sujeito que reorganizá-los a cada situação concreta de comunicação para se fazer entender.

O resultado dessa complexa relação (inter)humana nos mostra que a dinâmica da história

em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão. E essas axiologias participam, como elementos constitutivos, dos processos de significação, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos (FARACO, 2009, p. 52).

Logo, temos diferentes concepções de educação, de política etc. Na religião, por exemplo, muita coisa que era considerada pecado há três décadas, já não é mais; atualmente, o

que é pecado para uma religião pode não ser para outra. O que seria o pecado, então? Ora, cada grupo religioso recorta o pecado de acordo com seu conjunto de valores, a realidade do pecado é a realidade de cada grupo religioso. Por isso, cada sujeito traz consigo as marcas dos grupos de que participa e as registra a sua maneira a cada enunciação, refletindo e refratando-as. Concordamos com Sobral (2010, p. 57) quando diz que nesse momento o sujeito deixa uma “assinatura autoral” em seu enunciado. Portanto, na sua interação para com o outro pela linguagem (seja um indivíduo, seja um grupo social) o sujeito acaba por refratar uma determinada realidade, tornando-se autor de seu dizer.

Assim, podemos concluir que o sujeito, segundo a concepção bakhtiniana é:

- 1) Um ser que age no mundo e é responsável pelo seu ato perante os outros;
- 2) Constituído em seu agir nas relações que estabelece com os outros sujeitos, ele se define em um processo de alteridade;
- 3) É individual e social ao mesmo tempo, pois, por um lado a construção da sua consciência é historicamente única, singular; mas por outro ela só se realiza no meio social o qual ele está inserido;
- 4) Um ser ‘semiotizado’: sua relação com o mundo é mediada por signos, e ele, enquanto elemento do mundo, ao mesmo tempo que enuncia se torna um ser de seu próprio discurso;
- 5) É autor responsável pelos seus atos, portanto autor dos enunciados por ele produzidos.

Passemos agora a tratar mais detidamente à categoria do autor e da autoria, nosso objeto de estudo.

1.2 AUTOR E AUTORIA: delineando o objeto de estudo

O autor em Bakhtin (2011) é um ser puramente relacional. Ele define-se na sua relação com o outro; na literatura, com a personagem. Cada elemento que encontramos em uma obra nos é dado pela resposta que o autor dá à personagem, ou seja, ele é um agente responsivo em relação ao todo da personagem e da obra.

Encontramos nessa forma de tratar a autoria uma relação muito estreita entre a arte e a vida. Enquanto na vida lidamos com sujeitos pragmáticos, materiais, na arte existe um tipo especial de relação entre os sujeitos, a relação autor-personagem. Segundo Bakhtin: “o autor acentua cada particularidade de sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento, e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam” (BAKHTIN, 2011, p.3). O que difere a arte da vida, segundo o pensador russo, é que enquanto na arte o autor responde ao

todo da personagem, na vida respondemos a manifestações particulares do outro. Não concebemos o todo do ser humano, este é, por natureza, inacabado e, portanto, não temos acesso a ele como um todo. Nesse sentido, só respondemos aos atos particulares de cada pessoa com relação a nós. Mas, em ambos os casos, são respostas entre sujeitos, o que difere é a natureza e o princípio de cada ato-resposta.

Bakhtin tenta a todo momento aproximar esses dois mundos. A cada exemplificação da relação entre o autor e a personagem no acontecimento estético ele faz uma correlação com os eventos da vida. Ainda tratando da relação autor-personagem, ele explica que “essa resposta total à personagem tem um caráter criador, produtivo e de princípio” e em seguida conclui que, na verdade, “de modo geral, toda relação de princípio é de natureza produtiva e criadora,” portanto, “o que na vida, na cognição e no ato chamamos de objeto definido só adquire determinidade na nossa relação com ele” (Bakhtin, 2011, p.4).

Segundo o filósofo, para entender a natureza da relação entre autor e a personagem seria necessário se desfazer da noção ingênua de que tanto a personagem quanto o autor coincidem com o artista que cria a obra de arte (cria o romance, o conto, a fábula etc.). Tal confusão teria sido o grande problema da estética da criação verbal e da história da literatura, como afirma o próprio Bakhtin (2011, p.8): “Até mesmo em trabalhos histórico-literários sérios conscienciosos, o mais comum é extrair o material biográfico das obras e vice-versa”; uma tendência em explicar a obra pela biografia do artista. Assim tentava-se fazer convergirem declarações do artista com trechos da obra em que uma personagem faz declarações correspondentes. Bakhtin chega a chamar de absurda tal abordagem da relação autor-personagem.

Qual o problema desse ponto de vista? Se há coincidência, por que não explicar um pelo outro? Ora, para Bakhtin (2011, p. 8), “ignoram o essencial: a forma de tratamento do acontecimento, a forma de seu vivenciamento na totalidade da vida e do mundo”. É necessário agora entender o que o autor quer dizer com “forma de tratamento do acontecimento”. Vamos por partes. Acontecimento aqui se refere ao ato produzido em um dado campo de atividade humana (a saúde, a educação, a economia, o direito, a religião), nesse caso específico, a arte. Isto é, ignora-se a forma como a arte trata os atos que nela são produzidos, em outras palavras: ignora-se a forma como o acontecimento artístico ou estético vivencia a vida e o mundo.

A questão agora é compreender como o acontecimento estético vivencia a vida e o mundo. Faraco (2009, p.90) faz um esclarecimento significativo para entendermos a justificativa de Bakhtin. Segundo o linguista, no ato artístico aspectos da vida são recortados ou destacados e isolados em um outro plano, organizados de uma nova maneira e “subordinados

a uma nova unidade [à obra], condensados numa imagem autocontida e acabada”. Em consequência disso, o que acontece no plano da obra não pode corresponder ao plano da vida, pois é apenas um recorte reorganizado à maneira do acontecimento estético e subordinado aos desígnios deste. Como afirma Faraco (2009, p.90), “o ato artístico opera sobre sistema de valores e cria novos sistemas de valores”.

Por isso seria ingênuo acreditar que um artista que produz um romance cujo herói seja homossexual seja ele (o artista) também homossexual. Temos, então, dois planos totalmente distintos: o plano da existência inacabada, processual e contínuo da vida e o plano recortado e reorganizado e acabado da arte.

É em função dessas questões que Bakhtin condena a forma como a literatura histórica, em especial, trata a relação do autor com a personagem. Nesses termos, o filósofo russo faz uma distinção basilar e de princípio entre o autor-pessoa e o autor-criador: o autor-pessoa é o artista, o ser concreto do mundo da vida. Ele, portanto, não tem uma relação direta com a personagem na medida em que esta faz parte de outro mundo, o da arte. Por outro lado, o autor-criador é um elemento da obra. Este faz parte do conjunto da obra e ocupa um lugar no mundo artístico, é ele a unidade que dá forma ao todo artístico, “ao lado” da personagem, elemento que é responsável pelo vivenciamento ético-cognitivo do acontecimento estético. Nas palavras do próprio Bakhtin (2011, p.10): o autor “é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta”. Portanto, não vemos, não apalpamos o autor-criador, apenas o sentimos na obra. Ele é uma unidade do enunciado, não da vida concreta.

O autor-criador deve ser buscado na obra. Para encontrá-lo é necessário percebermos de que maneira o todo da obra foi construído, pois ele é a força que constrói todos os elementos: a personagem, suas emoções, suas reações, seu mundo. Podemos dizer que o autor-criador é uma instância enunciativa que se constitui na interação entre os elementos valorativos que consolida o ato estético.

Apenas encontramos esta unidade tensamente ativa quando encontrarmos num enunciado estético este movimento de unificação do todo acabado. Tanto assim que o próprio Bakhtin assevera que

É neste sentido que se deve ressaltar o caráter criativamente produtivo do autor e sua resposta total à personagem; o autor não é o agente da vivência espiritual, e sua reação não é um sentimento passivo nem uma percepção receptiva; ele é a única energia ativa e formadora, dada não na consciência psicologicamente agregativa, mas em um produto cultural de significação estável, e sua reação ativa é dada na estrutura – que ela mesma condicionada – da visão ativa da

personagem como um todo, na estrutura da sua imagem, no ritmo do seu aparecimento, na estrutura da entonação e na escolha dos elementos semânticos. (BAKHTIN, 2011, p. 6. Grifo nosso).

Expliquemos por partes a afirmação de Bakhtin para melhor esclarecer nossa leitura responsiva da concepção de autor desenvolvida pelo filósofo. Primeiramente, Bakhtin afirma que o autor não é o agente da vivência espiritual, isto é, ele não é o artista. Em seguida, destaca ainda que ele é a única energia ativa e formadora, em outras palavras, é o agente que dá forma à obra como um todo. Nega, no entanto, que ele seja dado na consciência psicológica agregativa, isto é, recusa que ele seja dado na consciência do autor-pessoa. Aliás, em outro momento, o próprio Bakhtin alerta que “o artista nada tem a dizer sobre o processo de sua criação, todo situado no produto criado, restando a ele apenas nos indicar sua obra; e de fato, somente neste momento, podemos procurá-lo” (BAKHTIN, 2011, p. 5). Pouco mais adiante o pensador russo nos dá mais um indício do autor-criador quando diz que “quando estava criando, o autor [artista, autor-pessoa] vivenciou apenas a sua personagem e lhe introduziu na imagem toda a sua atitude essencialmente criadora em face dele” (Id. Ibid, p.5). Note-se que o artista vivencia a personagem já criada mesmo durante o processo de criação, mas não alcança o próprio processo, que se encontra exatamente na atitude (energia) essencialmente criadora que introduz na imagem da personagem e a conclui, a completa, assim como o todo da obra.

Voltemos e continuemos nossa análise dos destaques relativos à citação de Bakhtin. Sabemos que o autor-criador não é dado na consciência psicológica do artista, mas, segundo Bakhtin, é dado em um produto cultural estável, em outras palavras, é dado na obra de arte acabada. Se não podemos perceber o processo de criação no momento mesmo de seu acontecimento, podemos, no entanto, recuperá-lo no todo acabado da obra, na medida em que ele é a unidade que constitui o todo, é o conjunto de procedimentos que organiza e cria o todo do acontecimento estético.

Como então é possível recuperar a unidade do todo, o autor-criador? Na reação ou na resposta que ele dá ao todo da personagem e ao todo da obra. Porque essa reação é dada a) na própria estrutura da visão ativa da personagem, ou seja, na forma em que a personagem enxerga sua realidade, o mundo que o cerca; b) no ritmo de seu aparecimento, ou seja, nos diferentes momentos em que a personagem aparece na obra e na frequência em que aparece relacionada a um determinado evento; c) na estrutura da entonação, isto é, no conjunto de valores que recobrem a obra; d) na escolha dos elementos semânticos: na escolha das palavras que dão sentido ao todo da obra, escolha esta atrelada ao conjunto de valores que constituem tanto a

personagem quanto a obra como um todo. Quando encontrarmos o elemento que dá unidade a esse conjunto de procedimentos, estaremos cientes do autor-criador.

Por não compreenderem a diferenciação, de princípio, entre o artista, a personagem e o autor-criador, gera-se, tanto na estética da criação verbal quanto na história da literatura, a “incompreensão e a deformação [...] da personalidade ética, biográfica do autor [artista], por um lado, e a incompreensão do conjunto da obra e da personagem, por outro” (Bakhtin, 2011, p. 9).

Para Faraco (2009), a distinção entre autor-pessoa e autor-criador já é, hoje, lugar comum nas teorias estéticas, o que há de especial na abordagem de Bakhtin é o fato de caracterizar o autor-criador como uma posição axiológica. Isso fica claro se levarmos em consideração que no conjunto da obra de Bakhtin e o círculo “a grande força que move o universo das práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas” (FARACO, 2009, p. 90).

Desse modo, todo ato, nessa concepção, é sempre uma resposta responsável com relação aos outros (atos e homens), ou seja, é sempre uma posição avaliativa frente ao mundo. Nesse sentido, segundo Faraco (2009, p. 90) todo texto tem como ponto de partida e como elemento estruturante uma posição axiológica, concluindo, assim, que todo texto tem um autor-criador, isto é, “uma posição autoral”.

Quando tratamos sobre as características do acontecimento estético, dissemos que o autor recorta aspectos do plano de vida e os reorganiza de um modo inteiramente novo; segundo Faraco (2009), essa transposição de valores de um plano a outro é feita pelo autor-criador. Isso significa que essa transposição é feita através de uma posição axiológica. Em outras palavras, a autoria, nesses termos, seria uma forma de posicionar-se valorativamente frente a realidade. O que nos leva a entender que o autor não reflete apenas o vivenciamento da vida material, concreta, mas também o refrata. A obra é, portanto, uma refração da vida, não um simples reflexo desta.

Nesse sentido, pode-se dizer que “o autor-criador é uma posição refratada e refratante” (FARACO, 2009, p.91), porque ao mesmo tempo em que é uma posição axiológica recortada pelo artista, é também por meio dele que se recortam, selecionam e reorganizam os valores da vida. Bakhtin (2011, p. 389) fala que autorar é usar máscaras, é assumir uma determinada posição social, ou melhor, assumir uma determinada voz social.

Outra reflexão sobre a concepção de autor formulada por Bakhtin (2011) é a encontrada no texto inacabado *O problema do texto na linguística, na filosofia e nas ciências humanas*. Na referida obra, Bakhtin reveste a concepção de autor desenvolvida em *O Autor e a Personagem*

na *Atividade Estética*, com uma roupagem de sua filosofia da linguagem, na forma como a concebeu em *O discurso no romance*. Dito de outro modo, a linguagem como heteroglossia, funcionando como um coro de vozes sociais axiológicamente determinadas e em constante interação, isto é, como “um conjunto de formações verbo-axiológicas” (FARACO, 2009, p. 92). Nessas relações entre vozes, o artista provoca um complexo jogo de descolamento de vozes, ou línguas sociais, direcionando as vozes alheias e entregando a construção do todo da obra a uma só voz: àquela voz segunda, que refrata posições sociais, em uma palavra, ao autor-criador.

O escritor, o artista, portanto, trabalha sempre com uma voz segunda. A voz do autor-criador seria, na verdade, “um ato de apropriação refratada de uma voz social qualquer de modo a poder ordenar um todo estético” (FARACO, 2009, p. 92). Aqui, Bakhtin fala do artista como um ser que trabalha uma linguagem estando deslocado dela, pois para o estudioso russo não há criatividade sem distanciamento. Retornaremos a essa questão logo mais. Por ora, basta informar que nesse segundo momento a concepção de autor em Bakhtin “se reveste de materialidade verbal e o autor-criador passa a ser identificado à voz social que cria e sustenta a unidade do todo artístico” (FARACO, 2009, p. 94).

Para Voloshinov ([1926]1976), o autor também é uma posição axiológica, acrescentando, além do autor e do herói, um terceiro elemento que entra no jogo de relações: o leitor ou receptor. Assim como Bakhtin não confunde autor-criador com o artista, Voloshinov também não confunde o receptor com o público real, ambos são compreendidos como unidades imanentes a obra. Eles (autor e leitor) determinam a obra como um todo reciprocamente, ocupando, no interior dela, cada um uma posição axiológica.

O próprio Bakhtin não faz uma sistematização dessa passagem da forma como o autor é considerado em um escrito e em outro, afinal não era pretensão dele. No entanto, enxergar a passagem de uma concepção de autoria de natureza puramente estética para uma visão revestida por uma filosofia da linguagem é importante para a compreensão de nosso percurso em direção à construção do delineamento de nosso objeto de estudo. Daí a importante dedução de que o autor em ambas as obras se configura como uma posição axiológica que coincide com uma voz social. Ao incluir as reflexões de Voloshinov ([1926]1976) sobre o tema, uma outra posição axiológica entra em jogo, a do receptor/leitor/ouvinte. Quanto a esse aspecto, deixamos claro que Bakhtin (2011) não nega a posição do ouvinte, mas que o russo o fez apenas de forma tangenciada em uma ou outra parte de seu texto sobre o autor e o herói na atividade estética.

Em consequência do que discutimos até aqui, traçamos a seguinte lógica do pensamento bakhtiniano sobre a autoria:

(O autor e o herói na atividade estética)

O autor é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra.



(O problema do texto na linguística, filologia e nas ciências humana)

O autor é uma voz social que dá unidade ao todo artístico.

Até o momento, o que temos é a condição de ser autor no acontecimento estético/artístico. Para nosso trabalho, seria necessário entender essa categoria como inerente a todo tipo de acontecimento, seja ele estético ou não-estético, para poder, enfim, aplicá-lo ao religioso. Dissemos, no entanto, aqui e ali, que todo texto tem um autor, na tentativa de sustentar nossa posição futura. Pois bem, buscaremos nas palavras de Bakhtin (2011) confirmá-la.

Recorreremos, para tanto, aos *Apontamentos de 1970-1971*, texto também inacabado de Bakhtin, que retoma com especial clareza as discussões sobre o autor-pessoa e o autor-criador, agora tratando desta categoria em qualquer acontecimento da vida. Obviamente aqui encontra-se também o estético.

Vejamos o que diz Bakhtin (2011, p. 384):

Não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que o vinculam (o discurso do líder, do sacerdote, etc.). O discurso do homem privado. Poeta. O prosador. O “escritor”. Representação do profeta, do líder, do mestre, do juiz, do promotor (acusador), do advogado (defensor). O cidadão. O jornalista (Destaque nosso).

Ora, nesse trecho, Bakhtin afirma que não se pode separar o discurso do falante, ou seja, de quem o produz. Mas quem é de fato o falante? Esta palavra (falante) é por demais genérica, pois quem fala o faz de uma determinada situação e dirige-se a alguém: assim, se for um sindicalista em uma reunião com os filiados temos um líder sindical; se for um pastor com os fiéis, temos um sacerdote e daí por diante. Aqui, o filósofo russo não falou ainda explicitamente do autor, mas já adianta que ele não é neutro, mas sim uma posição social.

Mais adiante ele retoma essa questão mais estreitamente relacionada com a ideia desenvolvida em *O autor e o herói na atividade estética*. Ao invés de “autor-pessoa” ele usa autor primário, já para “autor-criador” usa o termo autor secundário. Ele descreve estas duas entidades da seguinte maneira:

A imagem de autor. Autor primário (não criado) e autor secundário (imagem de autor, imagem criada pelo autor primário). Autor primário – *natura non creata quae creat*; autor secundário – *natura creata quae creat*. Imagem da personagem – *natura creata quae non creat*. (Id. Ibid., p.348).

Para o pensador russo, o autor primário é aquele que cria imagens por meio da linguagem e fala por meio dessa imagem, isto é, o autor segundo. Este por sua vez é uma criatura criada que cria (*natura creata quae creat*). Assim, o que encontramos em qualquer enunciado é a imagem do falante, o autor-segundo ou o autor-criador, por meio do qual o falante se faz ouvir. Em outras palavras, encontramos posições axiológicas que permitem ao autor primário enunciar em situações específicas para ouvintes/leitores/interlocutores específicos. No acontecimento estético, o autor segundo cria personagens e seu mundo. No caso das personagens, temos criatura que são criadas, mas não tem capacidade de criar (*natura creata quae non creat*).

No acontecimento não-estético temos uma posição axiológica (autor segundo ou autor-criador) que lança mão de um conjunto de vozes, algumas vezes figuradas (com estatuto de personagens), outras, apenas citadas (o caso do acontecimento cognitivo ou científico). Em todo caso, o autor primário nunca usa apenas palavras do discurso próprio, “ele precisa ser consagrado por algo superior e impessoal” (Bakhtin, 2011, p.385): a voz da ciência, do jornalista, de Deus etc.

Por esse motivo, Bakhtin dirá que procura da palavra própria é na verdade a procura por uma palavra que não é minha, mas que é maior que eu e só por meio dela consigo realmente dizer algo significativo. O autor, então, necessita sair de suas próprias palavras, assumir aquela que são necessárias em uma situação de produção específica e enunciar a partir dela: “é o intento de sair de minhas próprias palavras, por meio das quais não consigo dizer nada de essencial” (BAKHTIN, 2011, p.385).

Assim, “a mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais” (BAKHTIN, 2011, p. 390); assumir diversas vozes sociais ou posições axiológicas. Por isso, em qualquer enunciado de qualquer natureza encontramos um autor, como afirma Bakhtin (2011, p. 308): “todo texto tem um sujeito, um autor”.

Podemos agora formular um conceito de autor que dê conta também do acontecimento religioso, sem perder a base da formulação primeira de Bakhtin.

Nosso esquema de transposição de conceitos ficaria da seguinte forma:

(O autor e o herói na atividade estética)

O autor é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra.



(O problema do texto na linguística, filologia e nas ciências humana)

O autor é uma voz social que dá unidade ao todo artístico.



(Formulação nossa)

O autor é uma posição axiológica que dá unidade e acabamento relativo ao todo do enunciado, responsável pela seleção, organização e distribuição das vozes neste.

Podemos dizer que a distribuição das vozes no ato artístico é feita por meio das personagens; no científico, as vozes são enunciadas por meio da citação, enquanto o autor se “camufla” em uma impessoalidade; no acontecimento religioso, o autor se constitui na relação com uma instância superior e os fiéis, é o autor-pregador, no neopentecostalismo, a posição axiológica que seleciona, organiza e distribui as vozes que ecoam da pregação.

Cabe salientar que, para Bakhtin, a autoria se dá na relação entre o autor (criador) e o herói (mas também o leitor). Para percebermos a autoria – esse complexo processo de seleção, organização e distribuição de vozes sociais a partir de uma posição axiológica –, segundo o filósofo russo, faz-se necessário compreender a arquitetônica da relação autor-personagens, em outras palavras, arquitetônica do autor com as vozes sociais que ele organiza e distribui no enunciado. No nosso caso, acrescentamos ainda a relação com o ouvinte, pois acreditamos que a relação autor-herói-ouvinte pode ser abarcada pela arquitetônica da constituição da autoria, de forma especial e diferenciada, no acontecimento religioso.

1.3 Arquitetônica da autoria: do acontecimento estético ao acontecimento religioso

Segundo Bakhtin (2011, p. 12), para encontrarmos o autor é necessário escolher todos os elementos que concluem a personagem e seu mundo. Tais elementos são exteriores à consciência da personagem, estão para além dela mesma, e os recuperando é possível determinar e “definir a unidade ativa, criativamente tensa e de princípio desses elementos; [pois] o agente vivo dessa unidade do acabamento é o autor”.

A partir das diretrizes estabelecidas pelo filósofo destacamos cinco categorias constitutivas da autoria na relação autor-personagem no discurso estético, as quais acreditamos ser aplicáveis também ao religioso – tomadas as devidas particularidades deste – uma vez que o acontecimento religioso também recorta a realidade de uma forma específica e a reorganiza de modo novo de acordo com seus desígnios.

As categorias que constituem a relação autor-personagem são:

1) A distância: É necessário um certo distanciamento para que o autor seja criativo, não há, segundo Bakhtin, criatividade sem distanciamento. Essa posição de distanciamento do autor para com a personagem e o mundo dela permite a ele abarcar o universo da personagem como um todo. O termo usado na tradução dos textos de Bakhtin é *exotopia* e refere-se tanto à distância com relação ao espaço quanto ao tempo.

Podemos comparar essa relação de distanciamento com o pintor de quadros de figuras humanas. Para retratar a pessoa, ele precisa estar fora dela, o que lhe permite perceber o que a própria pessoa não percebe sobre ela mesma, como por exemplo, o mundo por trás do retratado, os objetos e as pessoas a seu lado, o que está acima ou abaixo dela. A distância permite ao pintor um ângulo de visão do mundo do retratado que este mesmo não tem acesso.

Mas, como adverte Bakhtin, o distanciamento deve-se dar com um certo vivenciamento. O que permite o pintor retratar alguém com expressão de tristeza ou de alegria é o fato dele ter vivenciado o mundo interior que se expressa, por exemplo, na fisionomia facial do retratado. Bakhtin chamará esse momento de vivenciamento empático. Após vivenciar o mundo do outro nos tons volitivo-emocionais do outro, o autor-criador retorna a seu lugar único, de uma distância que permite envolver o retratado com o excedente de visão exclusivo ao autor. Mas agora permeado pelo valores vivenciados a partir da vida do outro, mas não vivido pelo autor, apenas percebido como elemento que permite dar um certo acabamento ao outro, no nosso exemplo, ao retratado; o que por princípio permite ao pintor criar a obra a partir de um certo excedente de visão. A visão, portanto, é a segunda categoria da arquitetura.

2) A visão: segundo Bakhtin (2011, p. 11): “O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas”. Esse excedente de visão só é possível, como mencionamos acima, em função da distância do autor.

A visão do sujeito-autor é sempre singular. Isso porque cada ser humano está sempre situado em um tempo e espaço únicos. Bakhtin, tratando da relação entre os indivíduos a partir da concepção do excedente de visão, dirá que

Esse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstitutibilidade do meu lugar do mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que eu sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2011, p. 22).

Dessa forma, tanto a relação de distância quanto a de excedente de visão corroboram com o fundamento de base do dialogismo: o fato de que o sujeito se constitui na sua interação com o outro, pois na medida em que estou fora dos outros indivíduos e só a partir de mim é possível a eles conhecerem o todo espacial que os envolve, assim também somente a partir deles, que estão fora de mim, posso conhecer a mim mesmo por meio do excedente de visão deles. No entanto, enquanto no acontecimento estético o mundo criado pode ser totalmente acabado e concludente, no mundo da vida só é possível um relativo acabamento em função de relações particulares entre sujeitos em situações específicas.

Percebe-se dessa forma que tanto o deslocamento quanto a visão são elementos comuns às relações humanas e não somente ao acontecimento estético, por isso, buscaremos apreendê-los no acontecimento religioso.

É necessário ainda explicitar que

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal como ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter tornado a meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente de minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu conhecimento (BAKHTIN, 2011, p. 23. Grifo nosso).

A visão do autor é, portanto, o que permite dar forma ao enunciado (a obra), permite completar a personagem e seu mundo, mas para isso, segundo Bakhtin, é necessário vivenciar o mundo da personagem (do outro) de dentro dela e depois retornar ao seu lugar fora dela para completá-la com o excedente de visão. Essa imersão no mundo do outro Bakhtin chama de compenetração.

A compenetração é o que permite vivenciar o mundo do outro *como mundo do outro a partir do lugar do outro*. Os elementos extraídos pela compenetração serão enformados e receberão um acabamento por meio de elementos transgredientes à personagem e à obra como

um todo, acessíveis apenas ao autor. Assim, o terceiro elemento acontece a partir da visão: o acabamento.

3) **O acabamento:** no excedente de visão e conhecimento do autor “é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra” (BAKHTIN, 2011, p. 11). Se para o acontecimento estético este acabamento é consolidado, na medida em que a personagem é um todo acabado dentro do mundo da obra, no acontecimento aberto da vida só é permitido um relativo acabamento. Como lembra Bakhtin, na vida, lidamos com atos particulares do homem que nos interessam de alguma forma. Partimos do pressuposto de que no acontecimento religioso da pregação interessa ao autor a sua relação com os fiéis, uma vez que é nessa interação que a pregação se desenvolve.

Ainda segundo Bakhtin (2011, p. 25), cada palavra na obra tem função dupla: “orienta a compenetração e lhe dá acabamento”, no entanto, em alguns momentos um ou outro elemento pode predominar. Portanto, em alguns momentos é possível captar o processo do acabamento dado pelo autor à personagem.

4) **A diretriz volitivo-emocional concreta:** é dada a partir da consciência da personagem (seus sentimentos, seus desejos), ela é realizada pelo acabamento que o autor dá a personagem. Assim os sentimentos, os desejos, frustrações, alegrias, antipatias da personagem são abrangidas “de todos os lados, como em um círculo, pela consciência concludente do autor a respeito dele e seu mundo” (BAKHTIN, 2011, p.11).

Por fim, a diretriz volitivo-emocional concreta é dada em função de um centro axiológico.

5) **O centro axiológico** é o homem no interior do enunciado ou “O todo da personagem e do acontecimento a ela referente, ao qual devem estar subordinados todos os valores éticos e cognitivos” (BAKHTIN, 2011, p. 11). No interior da pregação não temos apenas o homem, mas também entidades espirituais tais como Deus, o diabo, o anjo etc.

Acreditamos que é possível verificar a constituição da autoria na pregação religiosa a partir da análise e verificação dessas categorias, levando em conta a forma de tratamento do acontecimento religioso, que difere do estético.

Nestes termos, o próprio Bakhtin (2011, p. 20) nos indica o caminho, fazendo a distinção entre quatro tipos de acontecimentos:

1. O acontecimento estético: este só pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem (um romance, um conto etc.).
2. O acontecimento ético: quando o autor e a personagem coincidem ou estão lado a lado, diante de um valor comum ou frente a frente como inimigos (um panfleto, o manifesto, o discurso acusatório etc.).
3. O acontecimento cognitivo: quando não há personagem, nem potencial (um tratado, um artigo, uma dissertação, uma conferência);
4. O acontecimento religioso: onde a outra consciência é a consciência englobante de Deus (uma oração, um culto, um ritual, uma pregação).

Surge a questão: o que há em comum entre os acontecimentos? Apenas a presença do autor. Mesmo no acontecimento cognitivo, que não há personagem, a figura do autor persiste. No acontecimento religioso, no entanto, há uma consciência transgrediente à do autor, a divina. Não se pode esquecer ainda do terceiro participante, o fiel, que por vezes aparece como uma personagem no interior da pregação. Sem ele não há religião possível. Portanto, no jogo arquitetônico da autoria no acontecimento religioso torna-se necessário observar as peculiaridades da relação autor-Deus-fiel.

Ainda com relação à classificação dos acontecimentos, podemos perceber que Bakhtin exemplifica cada um em termos de gêneros do discurso (oração, culto etc.). Nesta pesquisa trataremos mais especificamente da autoria na pregação religiosa. Evidentemente, a cada gênero a forma de autoria dar-se-á de maneira diferenciada. Esta pesquisa, portanto, limita-se a uma forma específica de autoria: a que ocorre no acontecimento religioso da pregação neopentecostal. Por uma questão de adequação ao gênero, passaremos a chamar o autor-criador de autor-pregador.

Como na pregação não podemos tratar da relação do autor-pregador com a personagem, examinaremos a relação dele com as demais vozes que perpassam a pregação. Em função disso, trataremos nas seções que se seguem sobre o gênero pregação e sobre o processo de transmissão do discurso de outrem.

1.4 O gênero do discurso e a pregação religiosa

Antes de entrarmos especificamente na questão do gênero do discurso cabe lembrar o texto *Conteúdo, o Material e a Forma*, no qual Bakhtin (2011) acrescenta à relação do autor

com o herói a ideia de forma, conteúdo e material. O autor, portanto, trabalha com um material, a língua; uma forma, um modo de dizer; e visa a um conteúdo – os atos humanos, um querer dizer, segundo Sobral (2009).

A forma, o modo de dizer, é materializada por meio da língua e é definida em função do conteúdo e do ouvinte. Sobral (2009) nos dá uma importante contribuição nesse sentido. Este autor lembra que quando se fala em forma, no âmbito do Círculo, refere-se na verdade a duas formas: a forma arquitetônica e a forma composicional.

A forma arquitetônica refere-se “à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos das relações entre o autor, o tópico [herói] e o ouvinte” (SOBRAL, 2009, p. 68). Já a forma composicional diz respeito à materialidade textual.

Dois apontamentos feitos por este linguista sobre a relação entre estas formas nos são muito pertinentes: 1) no caso do discurso estético, a forma composicional cria um objeto externo e a forma arquitetônica um objeto estético; nos outros discursos, a forma composicional cria um dado texto e a arquitetônica um dada relação entre autor e ouvinte. 2) O ativismo do autor incide especialmente sobre a forma arquitetônica, já que visa à organização do discurso em termos de sua (inter)relação com o ouvinte, enquanto a forma composicional vincula-se à língua e materializa textualmente o conteúdo dessa relação enunciativa.

A observação destes apontamentos leva-nos a tomar a relação do autor com o ouvinte (no nosso caso, o fiel) como fundamental na constituição da autoria no gênero pregação. Vale lembrar que o ouvinte, assim como o autor, não se confunde com o fiel em pessoa, mas com a imagem típica deste em cada evento de interação, que acaba por ser refratada no enunciado por meio das avaliações que dele faz do autor.

Todos esses elementos encontram-se fundidos no gênero do discurso. De acordo com Bakhtin (2011, p. 262), os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” constituídos por uma forma composicional, conteúdo temático e estilo. Como mencionamos acima, a forma de composição refere-se à forma de organização da estrutura textual do gênero. Ela não é estável, mudará de acordo com o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores nesse ou naquele gênero, pois é determinada pela arquitetônica dessa interação.

O conteúdo temático é “um domínio de sentido de que se ocupa um gênero” (FIORIN, 2006, p. 62), assim, as pregações, por exemplo, tratam do conteúdo temático da relação entre Deus e os homens. Não se pode confundir conteúdo temático com assunto, pois num mesmo conteúdo temático vários assuntos podem ser abordados: na pregação fala-se da obediência do homem a Deus, do pecado do fiel para com Deus, dos milagres que Deus concede ao fiel etc.; todos estes assuntos, porém, abarcados pela relação entre Deus e os homens.

O estilo tem a ver com a seleção de elementos gramaticais, fraseológicos e lexicais da língua em função das diferentes formas de interação. A imagem que o autor faz de seu interlocutor define a forma como ele usará os elementos linguísticos disponíveis. Isso também se dá em função de como o autor presume a compreensão de seu enunciado pelo ouvinte. Assim, a depender do contexto, nas relações de amizade as escolhas linguísticas podem implicar um estilo suave, familiar e informal; mas uma pregação religiosa, em função da relação entre Deus e os homens reflete um estilo mais autoritário, o que não significa sempre um grau de formalidade maior.

Essa relação autor-ouvinte é tão determinante do estilo do gênero que Voloshinov (1921, p. 14) chega a dizer que “o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa”. Essa concepção sociológica do estilo contradiz àquela que pensa o estilo apenas como a marca de individualidade do sujeito.

É verdade que o estilo é onde a singularidade do sujeito pode ser encontrada, afinal, ele é produto da escolha dos elementos da língua que comporão o gênero, mas essas escolhas não são feitas deliberadamente apenas ao gosto do autor, como queriam os criticados vosslerianos, representantes do subjetivista idealista. No entanto, os estudos homiléticos que versam sobre a pregação religiosa tendem a justificar o estilo apenas como a marca da individualidade do pregador-autor, como podemos perceber nas palavras de Marinho (2008, p. 165) “[...] o estilo expressa a própria personalidade do pregador. Isso significa que o estilo é uma propriedade individual tão íntima e peculiar que não pode ser imitado” e também na de Broadus (2009, p. 211): “O estilo de uma pessoa, portanto, é sua maneira característica de expressar seus pensamentos [...]”. Ambos refletem uma característica peculiar herdada pelo pensamento cartesiano de linguagem como expressão do pensamento, assim como o faziam os representantes do já citado subjetivismo idealista.

Tanto Bakhtin quanto Voloshinov ampliam essa visão sobre o estilo e passam a comportar também o interlocutor como constitutivo desse elemento genérico. Portanto, o estilo passa a ser definido não pela ação individual do autor, mas pela situação de comunicação e, especialmente, pelo tipo de relação estabelecida entre autor e interlocutor. Assim, o estilo tem, ao mesmo tempo, um caráter individual, por ser resultado de uma forma peculiar de organização dos elementos linguísticos pelo autor; e outro social, porque tal organização é também determinada pela relação que este autor tem com seu interlocutor. Variará, portanto, se for uma relação médico-paciente, professor-aluno, juiz-acusado, pregador-fiel etc.

Para Bakhtin (2011), os gêneros e seus elementos refletem condições específicas e finalidades de um dado campo da atividade humana. Podemos entender estes campos como espaços específicos de relações humanas sócio-históricas mais ou menos estabilizadas. São os diferentes tipos de “institucionalizações sociais”, como as relações na saúde, educação, justiça, religião, família, amigos, e assim por adiante. Faz-se necessário lembrar que *para o Círculo as instituições não se limitam às práticas burocráticas*, mas a todo tipo de relações humanas, da mais informal, como as interações entre amigos, até a mais formal, como um júri popular. Isso porque, como dissemos na seção sobre o sujeito, as relações humanas específicas, os atos humanos particulares, refletem, em alguma medida, as relações gerais da sociedade.

Nosso propósito, nesta pesquisa, desenvolve-se em torno do campo de atividade humana religioso. Interessa-nos tratar as relações que aí se estabelecem entre seus integrantes como um tipo especial de relação entre os homens (o pregador e os fiéis) e uma divindade (Deus) em um gênero específico (a pregação).

Em termos das condições específicas de produção desse gênero podemos dizer que seu espaço particular é o templo religioso, mais especificamente, o púlpito. Este é o lugar dedicado aos líderes religiosos para o proferimento das pregações. O púlpito é um lugar elevado em relação aos demais espaços do templo, isto para diferenciar a posição do pregador em relação aos fiéis: aquele exerce uma relação de autoridade com relação a estes, e a assimetria entre o espaço do púlpito e os demais lugares do templo reflete a condição e os papéis de cada participante neste evento comunicativo.

De acordo com Figueiredo *et. al* (2009, p. 145), a finalidade da pregação religiosa é “formar o caráter dos fiéis, mantê-los na comunidade, bem como converter aqueles que ainda não são”. Este gênero tem, portanto, um aspecto de conversão por um lado e de doutrinação, por outro.

Em função da relação assimétrica entre o líder religioso (representante *autorizado* por Deus na terra e da Instituição) e os fiéis, a pregação revela um estilo predominantemente autoritário, marcado por recursos ao imperativo, em tom de ordem na forma direta ou com modalizações do tipo “eu gostaria que”, suavizando o tom autoritário do enunciado:

[...] **olha** pro teu irmão co/ a qua/ com carinho... **olha** pra ele e diz assim [...] ⁶
 [...] **deixa tua Bíblia aberta** que eu vou citando o versículo e vamos comentando pra gente aproveitar bastante o tempo [...]
 [...] **eu gostaria que** você acompanhasse atentamente aquilo que acontece na sua vida. (Grifo nosso)

⁶ Ambos os fragmentos que servem de exemplo para esclarecer o estilo na pregação religiosa foram retirados de nosso *corpus* e podem ser conferidos no apêndice deste trabalho.

Portanto, encontramos nela um certo nível de formalidade. Por outro lado, por ser predominantemente oral, a pregação pode variar no grau de formalidade, mas o caráter autoritário se mantém, como é possível perceber no exceto abaixo:

[...] quando o diabo fala se cala... **o diabo levanta pá meter o pau...** ninguém diz nada... **e quando tem gente corajosa pá dizer pra Eroles que ele pode mandar nas negas dele** mas na igreja tem Deus tem rei e tem senhor e é Jesus CrisTO! (Grifo nosso)

O conteúdo temático das pregações centra-se na relação entre Deus e os homens. Os participantes do evento são os fiéis e o líder religioso (o pregador). Estes, por sua vez, são determinados pela doutrina institucional: cada instituição tem regimentos doutrinários próprios. Isso diz respeito aos hábitos dos convertidos tanto dentro quanto fora do templo, mas também aos modos de vestir, aos usos de instrumentos de cultuar próprios: hinários, bíblia, etc.

A Bíblia, no caso do cristianismo, é o livro sagrado e dela advém todo princípio da doutrina. É também ela a base escrita de sustentação da própria pregação, não pode haver pregação sem um excerto bíblico (capítulos e/ou versículos) que sustente a exposição do pregador, conferindo autoridade ao seu dizer, segundo Figueredo (2009, p. 149-150). Veremos em nossas análises que este elemento se configura muito mais que apenas um recurso à autoridade da voz do livro sagrado, mais uma forma do próprio autor se aproximar do plano divino.

Quanto à estrutura composicional, as pregações tendem a formas relativamente cristalizadas. Em geral, sua composição aparece atrelada a três ou quatro formas de classificação desse gênero amplamente difundidas pelos estudos homiléticos: textual, tópica ou temática e expositiva. Alguns autores acrescentam a tópico-textual, como é o caso de Broadus (2009), no entanto, preferimos as três formas clássicas, pois acreditamos que não há pregação “pura”, no geral, há uma mistura dentre estas formas metodológicas de classificação da pregação. Em todos os três métodos acima classificados, há, em geral, uma estrutura comum que segue o seguinte padrão, descrito por Marinho (2008, p. 196), e adaptado por nós:

TÍTULO: DEUS PERDOA

I. INTRODUÇÃO

A. *Ilustração*: um versículo da Bíblia Sagrada que contém um tipo específico de relação de Deus para como os homens, nesse caso, o perdão.

B. *Transição*: inserção de elementos que permitam a passagem da ilustração para a argumentação que sustenta a ideia que irá defender o pregador (o perdão de Deus para com os homens pecadores), no caso em pauta personagens bíblicas que foram perdoadas por Deus.

II. DESENVOLVIMENTO: desdobramentos do assunto abordados por meio da contextualização da forma como Deus perdoou cada personagem. Essa parte é desenvolvida na forma de um silogismo que se conclui dentro do próprio desenvolvimento. Como se pode perceber na sequência abaixo:

A. Perdoou Davi – SL 51.1

1. O crime
2. O adultério

B. Perdoou a Pedro – Lc 22.62

1. A negação de cristo
2. A blasfêmia

C. Perdoa a você

1. Os pecados passados
2. Os pecados presentes

III. CONCLUSÃO

A. *Resumo aplicativo*: reafirmação da afirmativa inicial da relação piedosa de Deus para com os homens na forma de perdão.

B. *Apelo*: Esse elemento, geralmente, é dirigido aos não convertidos. É um chamado à conversão deste, isto é, a fazer parte da Instituição. No caso da pregação em pauta, isso levaria Deus a perdoar todos os pecados do novo convertido, na medida em que ele é considerado arrependido por meio da conversão.

Independentemente do tipo de pregação utilizada (textual, tópica ou expositiva) essa estrutura pouco mudará, apenas os conteúdos nela inseridos irão variar. Veja que a introdução, o desenvolvimento e a conclusão da pregação não coincidem com os que são desenvolvidos em outros gêneros, cada um de seus elementos são ajustados às necessidades do gênero, determinado pela forma especial de atingir o fiel.

Não podemos dizer, no entanto, que essa forma é estática. O dinamismo dos gêneros não permite a estabilidade total, mas gêneros mais elaborados como a pregação ganham uma certa estabilidade que nos permitem reconhecer características estruturais próprias, que variarão pouco (mas a variação existe sempre) de uma para outra.

Poderíamos incluir ainda, nessa forma composicional, a *saudação*: “saúdo os irmãos com a paz do senhor”, “saúdo os irmãos com a paz de cristo” ou ainda “saúdo os irmãos nessa noite de bênçãos”. Este elemento já foi muito comum para estabelecer um primeiro contato do pregador com o fiel, mas percebemos que tal elemento está aparecendo cada vez menos, especialmente nos eventos neopentecostais. Em nosso *corpus* ele não aparece uma vez se quer, por isso preferimos não inseri-lo.

Segundo Broadus (2008), a forma como a pregação é produzida hoje vem do desenvolvimento sistemático dos estudos homiléticos, que se dedicam ao desenvolvimento da construção desse gênero. Mas o mesmo autor deixa claro que essa forma de comunicação surgiu ainda no mundo judaico antigo. Nesse período ele ainda era sinônimo de homilia, na medida em que era mais informal, como uma conversa ou discurso familiar.

Ao longo da história, no entanto, o contato do povo judeu com os gregos fez o gênero sofrer alterações significativas em função do desenvolvimento da retórica grega. Após a ascensão do cristianismo, muitos “gentios” converteram-se, alguns desses exímios oradores, mestres em retórica. Broadus cita Basílio, Gregório, Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho, que usaram a retórica em função da transmissão da mensagem cristã.

Até hoje este contato é significativo. Para Broadus (2008, p. 12) foi dessa forma que surgiu a homilética, “que nada mais é que a adaptação da retórica às finalidades e às exigências particulares da pregação. A homilética pode ser definida como a ciência da preparação e a entrega de um discurso baseado nas escrituras”. Assim, o estudo homilético acabou por acentuar uma relativa estabilização à pregação como uma forma especializada de transmissão oral da doutrina cristã.

Esse gênero, portanto, se enquadraria no que Bakhtin (2011, p. 263) chama de gêneros discursivos secundários, aqueles que são elaborados em condições culturais mais complexas e desenvolvidas. Embora para o estudioso russo esse tipo seja predominantemente escrito, ele não descarta como um todo os gêneros orais, como a pregação. Ao lado deles encontram-se os primários: as conversas cotidianas, os diálogos nas narrativas, as reclamações etc. Segundo o autor, eles são absorvidos pelos gêneros secundários e passam a integrar sua composição, perdendo a relação direta com a realidade, passando a ser elementos constitutivos destes.

Por outro lado, não apenas o gênero pode ser absorvido por outro, mas apenas alguns de seus elementos, como as vozes, por exemplo. No gênero do discurso em estudo, estas vozes podem aparecer como um suposto pensamento do fiel, representado pelo pregador, ou uma suposta conversa entre fiéis, como no exceto abaixo retirado de nosso *corpus*:

[...] quanta gente que levanta pá combater o mal tem logo crente pra pacificar **vamos ser amigo do capeta... bandeira branca calma!... devemos amar o mundo** [...]. (Grifo nosso).

É possível perceber no exceto acima que no decorrer da pregação o autor insere a voz de um suposto fiel que se passa por “bonzinho” em uma conversa com outro (não explicitado no texto, mas presumido) e se mostra querendo apaziguar a relação com o diabo (o capeta). Essa é uma forma especial de assimilação de um aspecto do gênero primário pelo secundário (da suposta conversa pela pregação). Mas, neste caso, acontece também um fenômeno que nos interessa mais de perto, que diz respeito à transmissão do discurso de outrem, à inserção de outras vozes na pregação.

Percebemos nesse recurso usado pelo autor uma forma próxima ao acontecimento estético, quando este insere personagens e as conclui. É perceptível na pregação a inserção de vozes, que por vezes cria a imagem do indivíduo, muito similar ao que acontece no romance, porém, com especificidades próprias relativas ao acontecimento religioso. Na seção que se segue passaremos a abordar esse fenômeno mais de perto, já que ele será o elemento sobre o qual desenvolveremos nossa análise na busca da autoria na pregação religiosa.

É preciso esclarecermos que nosso interesse aqui não é fazer uma caracterização precisa e geral da pregação, por isso apenas mostramos uma possível caracterização sumária de sua composição (estrutura, conteúdo e estilo). Salientamos, porém, que um trabalho nessa direção é muito pertinente para a área. Nesse sentido, na literatura brasileira, encontramos apenas o trabalho de Figueiredo (2008), que faz uma caracterização desse gênero, mas se debruçando sobre o aspecto linguístico e, muito sumariamente, sobre o contextual, em sentido estrito, cabendo ainda uma descrição mais profunda desse gênero em termos dialógicos.

Por fim, dissemos acima que a estrutura composicional se adapta a uma das formas metodológicas clássicas da pregação, quais sejam, a textual, a tópica e a expositiva. Também não é nosso interesse descrever cada uma delas. Cabe, no entanto, adiantar que a escolha por uma dessas formas é também determinada pelo conteúdo, a finalidade específica da pregação e, mais especificamente, pela relação imediata que presume estabelecer o autor-pregador com os fiéis.

Passemos, agora, à descrição das formas de transmissão do discurso de outrem à luz da teoria bakhtiniana.

1.5 Espaço dialógico da autoria: formas de transmissão do discurso de outrem

Uma das críticas feita por Bakhtin ao estruturalismo linguístico é direcionada ao fato de essa corrente linguística dar excessiva atenção aos aspectos fonológicos e morfológicos da língua, relegando a sintaxe a segundo plano. Para o estudioso russo, mesmo quando essa corrente linguística aborda o aspecto sintático, o faz levando em consideração diretrizes fonológicas e morfológicas, assim, o estudo sintático torna-se um estudo de morfologia ou fonologia.

No olhar de Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 140), a sintaxe é o aspecto da língua que mais se aproxima da enunciação, da verdadeira realidade da linguagem, pois “as formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas e fonéticas e são mais estreitamente ligadas às condições reais de fala”. Por esse motivo, os autores detêm mais atenção a ela que as formas morfológicas ou fonéticas. Todavia, alertam sobre a necessidade de uma abordagem enunciativa, caso contrário seu estudo não será fecundo, ao menos em termos de abordagem do enunciado como um todo. É evidente que se pode estudar a sintaxe enquanto um objeto abstrato, dentro dos limites frasais, assim como fazem os estruturalistas e os gerativistas, mas o resultado que daí advém, por si só, em nada contribui para compreender a realidade concreta da língua. Essa compreensão só pode acontecer em uma situação real, no interior de uma enunciação completa, como parte integrante de um todo.

Nestes termos, Bakhtin/Voloshinov (2002) se dedicam mais atentamente ao discurso citado, fenômeno linguístico que serve à transmissão do discurso de outrem no interior do enunciado. Tal fenômeno não será tratado em termos estritamente linguísticos pelos estudiosos russos, mas dotado de uma orientação sociológica, buscando-se nele os aspectos dialógicos, mais especificamente, a forma como o discurso citante do autor se relaciona com o discurso citado de outrem.

A proposição que abre o capítulo sobre esse tema é a de que “o discurso citado é o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, *um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (id. *ibid*, p. 144. Grifos do autor). Para os autores, muito mais que o conteúdo do que é dito (tema), o discurso citado, mantendo sua autonomia estrutural e semântica, entra no discurso do falante integralmente, mantendo a trama linguística do enunciado que o integrou, mas como passa a integrar o corpo de outro discurso,

o texto citado, que comportava parte de um tema de outro contexto de enunciação, passa a se tornar tema de um tema.

Por outro lado, segundo os autores, a enunciação citada é vista também como uma enunciação de outra pessoa pelo falante e para integrá-la no contexto narrativo deste são elaboradas regras sintáticas, estilísticas e composicionais que fazem com que ela seja assimilada parcialmente pelo enunciado do autor, embora mantendo conteúdo e traços rudimentares da sua origem autônoma e de sua integralidade linguística para que a mesma seja compreendida. Daí conclui-se que a transmissão do discurso de outrem não é apenas um esquema sintático que se limita as formas abstratas de uma língua imanente, aos limites frásticos, ela é, na verdade, uma manifestação de “uma relação ativa de uma enunciação à outra” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 145).

O grande problema da linguística, segundo os autores, foi ter divorciado o discurso citado do contexto narrativo do enunciado que o transmite, pois é justamente a inter-relação entre eles que possibilita suas existências. O discurso citado não vive isoladamente, o discurso citante também não, só em termos abstratos tal fato pode ser verificado. Na realidade da língua estamos a todo tempo recorrendo à palavra do outro, que proclama seu estatuto em nosso enunciado. Por esse motivo, os estudiosos russos concluem que a dinâmica da relação entre o discurso citado e o contexto de sua transmissão reflete a interação verbal dos indivíduos na comunicação ideológica de uma determinada sociedade.

Segundo Bakhtin/Voloshinov essa dinâmica reação da palavra à palavra desenvolve-se em duas direções, ou em duas tendências: 1) na tentativa de conservação da integridade do discurso de outrem ou 2) no esforço em diluir as fronteiras entre o discurso citado e o discurso citante. A primeira corresponde ao que os autores chamarão de estilo linear e a segunda ao estilo pictórico.

O estilo linear tende a criar contextos exteriores nítidos entre o discurso citante e o discurso citado. Nele, “os esquemas linguísticos e suas variantes têm função de isolar mais clara e mais estritamente o discurso citado, de protegê-lo de infiltração pelas entoações próprias ao autor”. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p. 149).

Ainda com relação ao estilo linear, é importante perceber como cada comunidade social apreende essa forma de transmissão da enunciação de outrem. Em alguns campos de atividade humana a especificidade da palavra alheia impõe fronteiras mais nítidas que outros. Em alguns acontecimentos discursivos a palavra alheia pode ser recebida como um bloco homogêneo de comportamento social e tal palavra torna-se inalienável como posição de um outro falante;

assim sendo, apenas o “o que” foi dito pode ser apreendido, mas o “como” foi dito, não. Aqui, o nível de autoritarismo e dogmatismo é alto.

De acordo com o grau de dogmatismo e autoritarismo, podem-se diferenciar duas variantes linear de apreensão e transmissão do discurso de outrem. A primeira é o *dogmatismo autoritário*, no qual a apreensão apreciativa toma a realidade sob um aspecto dual: verdadeiro ou falso, bem ou mal, certo ou errado. Assim, a passagem de um polo a outro é quase impossível. Não há aqui possibilidade de verdades, há apenas “A” verdade, o discurso citado não pode, portanto, ser contestado, é explicitado de forma impessoal e monumental. Nesses casos, de acordo com Bakhtin/Voloshinov, predomina o discurso direto com sujeito não aparente.

A segunda é o *dogmatismo racionalista*, muito próximo ao anterior, mas com orientações distintas. Nesse caso, as fronteiras que separam o discurso do outro são nítidas e invioláveis. Há o predomínio das variantes analisadoras de conteúdo do discurso indireto e variantes retóricas do discurso direto. O primeiro dogmatismo aproxima-se do discurso religioso enquanto o segundo do discurso legal ou jurídico.

Por outro lado, o *estilo pictórico* tende a atenuar os contornos externos nítidos na palavra de outrem, consequentemente, fortalece a individuação do discurso. Nele, “o narrador pode apagar as fronteiras do discurso citado a fim de colori-lo com suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo [...]” (id. *ibid*, p. 150). O dogmatismo tende a desaparecer, nesses casos. As apreciações sociais tornam-se mais relativizadas, isso possibilita ao autor colorir o contexto com suas entoações e avaliações, em outros termos, favorece à proeminência de sua individualidade.

Esse estilo subdivide-se em: a) *Individualista e crítica*: cuja tendência é a de infiltrar os discursos citados com as réplicas e os comentários do autor; b) *Individualista relativista*: que favorece a diluição do contexto narrativo em favor do discurso citado. Assim, o discurso citado torna-se mais dominante e desabrocha com maior atividade que o próprio contexto narrativo no qual está enquadrado. Nesses casos, o discurso do narrador torna-se fluido e funde-se com o discurso citado. O autoritarismo, aqui, perde força e as consciências sociossemióticas como que se colocam em pé de igualdade.

O estilo pictórico é caracterizado pelo desenvolvimento dos discursos mistos nas formas do discurso indireto sem sujeito aparente e, em especial, do discurso indireto livre, no qual a diluição das fronteiras entre o discurso citante e o citado chega ao extremo. Esses recursos encontram-se muito bem representados, segundo Bakhtin/Voloshinov, nas obras de Dostoievski.

É necessário considerar “a importância que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 153), pois quanto mais dogmático, mais um discurso se impõe hierarquicamente sobre os outros discursos, mais claras e evidentes serão suas fronteiras e menos espaço haverá para a individuação, para penetração de réplicas e apreciação do sujeito.

Ambas as tendências da orientação dinâmica entre o contexto narrativo e o discurso citado (a linear e a pictórica) encontram nas formas sintáticas do discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre suas expressões linguísticas mais visíveis. Bakhtin/Voloshinov (2002) alertam, porém, para o fato de estas três formas sintáticas serem, na verdade, esquemas de base de transmissão do discurso de outrem, que se materializam sempre na forma de uma variante. Os autores apontam ainda que “os esquemas exprimem uma tendência à apreensão ativa do discurso de outrem. Cada esquema recria à sua maneira a enunciação, dando-lhe assim, uma orientação particular, específica” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p. 158) e, por isso, não se pode fazer uma transposição literal de um esquema a outro, como é recorrente nas atividades escolares, puramente gramaticais.

Assim, os autores procuram caracterizar os esquemas de base e suas variantes de acordo com suas especificidades, levando em consideração sua relação com uma das duas tendências que descrevemos acima. Quanto ao esquema indireto de transmissão do discurso de outrem, os autores revelam que este tem como característica fundamental sua capacidade analítica. Nesse caso, há uma análise do discurso citado simultânea à transposição do mesmo.

A transmissão por meio do discurso indireto leva em consideração apenas o conteúdo do que é dito, o “o que”, e por isso não são transpostos literalmente os elementos emotivos e afetivos do discurso, na medida em que esses elementos se dão diretamente na forma. Para incorporar a transmissão indireta devem passar de forma a conteúdo da enunciação ou transpostos na oração principal por meio de *verbum dicendi* (Id. Ibid., p. 159). O discurso indireto, segundo os filósofos russos, não ouve o discurso de outrem da mesma forma que os outros esquemas, e introduz em sua matriz elementos que os outros esquemas deixam de fora.

Segundo a proposta dos autores, O discurso indireto comporta três variantes: 1) *a analisadora de conteúdo*: nesse caso, apreende-se de forma analítica o conteúdo objetivo do que disse o falante. Importa, aqui, apenas o que se diz, deixando de lado a maneira como o falante se expressou. De acordo com Bakhtin/Voloshinov, essa variante possibilita a réplica e o comentário no contexto narrativo, mas, ao mesmo tempo, mantém distância do discurso citado. Graças a essa possibilidade de distanciamento, ela torna-se perfeita à transmissão no estilo linear, o que aponta na direção dos discursos racional e dogmáticos, cujo interesse pelo

conteúdo do que é dito revela-se de primordial importância e “o autor afirma através de sua própria palavra, com sua própria personalidade, uma posição de forte conteúdo semântico” (id. *ibid.*, p. 161).

2) *A variante analisadora de expressão*: em sua composição são integradas às palavras e aos modos de dizer de outrem. Dessa maneira, é possível perceber por meio dessa variante características subjetivas do falante citado como seus sentimentos, suas dúvidas etc. Com isso, a individualidade do falante é representada como que criando uma imagem dele. Assim, se “supõe um alto grau de individuação da enunciação citada na consciência linguística, e a capacidade de perceber com discriminação as representações linguísticas da enunciação” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p. 158) permitindo extrair objetivamente o sentido dela. Tal variante é incompatível com o autoritarismo e o dogmatismo, sendo perfeitamente enquadrada na tendência pictórica do individualismo crítico e realista.

Ao olharmos atentamente para essas duas variantes do discurso indireto, podemos perceber que há aí duas formas totalmente opostas, enquanto a primeira apaga totalmente a imagem daquele que fala, sendo o conteúdo do dizer controlado pelo autor; a segunda faz o contrário, permitindo a individuação da enunciação citada. A primeira é mais dogmática, a segunda mais relativa e flexível. Ambas, no entanto, partem de uma base analítica comum e apontam para posições avaliativas distintas por parte do autor com relação ao discurso citado.

3) *a impressionista*: esta apresenta-se a meio termo com relação às anteriores. Sendo que ela se caracteriza pela flutuação da entoação do autor sobre o discurso citado, ora focando o conteúdo, ora a expressão.

Quanto às variantes do discurso direto, o objetivo de Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 165) é analisar apenas as formas nas quais há uma troca de entoações, “nas quais se constata um estágio recíproco entre o contexto narrativo e o discurso citado”, pois na língua russa esse esquema tem uma variedade muito grande, diferente do que ocorre no discurso indireto, que é quase inexistente.

A primeira variante é chamada de *discurso direto preparado*: caracteriza-se pela imposição do autor. É um discurso direto que emerge quase que de dentro do indireto e, por vezes, também do indireto livre. Assim, como ele é preparado pelas outras formas, e seus temas básicos, antes de surgir, são de antemão coloridos pelas entoações e avaliação do autor, gera-se um enfraquecimento das fronteiras do discurso citado. Assim, o discurso citado apresenta-se como sendo metade do autor e metade do herói. No entanto, fica perceptível “uma infiltração profunda das entoações dos autores no discurso direto [que é] quase sempre acompanhada por um enfraquecimento da objetividade do contexto narrativo” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p.

166).

A segunda variante é denominada *discurso direto esvaziado*: caracteriza-se pela ênfase no contexto narrativo, de tal forma que a caracterização feita do herói pelo autor deixa o discurso citado um pouco apagado, em segundo plano. Assim, enquanto o peso semântico do discurso citado diminui, “sua significação caracterizadora se reforça, da mesma forma que sua tonalidade e seu valor típico” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, p. 166), isso permite antecipar, já pelo contexto narrativo, os tons do enunciado alheio. Da mesma forma como em um circo, já estamos prontos para rir antes mesmo que o palhaço se ponha a enunciar.

Uma outra variante é o *discurso citado antecipado e disseminado*: ele fica oculto no contexto narrativo e se mostra no discurso citado do herói. Sua marca específica são os qualificadores (ou epítetos, segundo a tradução), que, segundo os filósofos russos, poderiam ser colocados todos entre aspas. Como não aparecem entre aspas, tais qualificadores acabam sendo percebidos como contendo duas entoações distintas, dois pontos de vista opostos que se confrontam sob um mesmo plano de expressão: o do autor e o do herói. Vemos que até aqui o autor toca apenas nos discursos diretos mais flexíveis, pouco ou nada convergem com as formas lineares, mais rígidas.

Uma forma linear é a denominada *discurso direto retórico*: essa tem um caráter persuasivo forte e, segundo os autores, uma significação sociológica importante. Realiza-se nas formas de pergunta e exclamação retóricas e encontram-se nas fronteiras entre o contexto narrativo e o discurso citado. Por isso, a pergunta ou exclamação pode ser percebida tanto como de responsabilidade do autor como da personagem. Segue um exemplo dado pelo próprio Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 171):

Mas quem então, à luz da lua, em meio a um silêncio profundo, caminha com passos furtivos? O Russo bruscamente percebeu. Diante dos seus olhos, fazendo-lhe uma saudação terna e muda, está uma jovem circassiana. (...) Ele olha-a em silêncio e pensa: “É um sonho ilusório, o jogo mentiroso dos meus sentidos fatigados”. (Púchkin, O Prisioneiro do Cáucaso.).

Vê-se, portanto, que no caso acima, a resposta da personagem responde, de alguma maneira, a pergunta feita pelo autor. Por outro lado, a própria pergunta do autor pode ser interpretada como sendo do herói, ao menos como uma pergunta do pensamento interior deste.

A última variante do discurso direto descrita pelos autores é o *discurso direto substituído*: nesse caso, o autor pergunta e ele mesmo, como que substituindo o herói, responde. Mas aqui, o autor responde apenas aquilo que possivelmente o herói responderia, há uma certa solidariedade. De certa forma, o discurso do autor como que se funde com o discurso citado do

herói. Esse tipo de variante está muito próximo do discurso indireto livre. Os pensadores russos nos dão um exemplo curto, mas autoexplicativo: “Tudo acabou, disse o som terrível; a natureza diante dele revelou-se. Adeus, liberdade sagrada! Ele é um escravo” (id., *ibid*, loc. cit.).

Quanto ao discurso indireto livre os autores dão um aprofundamento maior nessa categoria por expressar mais vivamente o que ambos buscam no acontecimento estético, todavia não nos aprofundaremos, apenas apontamos que este esquema se caracteriza pelo fato de “[...] o herói e o autor exprimirem-se conjuntamente, de, nos limites de uma mesma e única construção, ouvirem-se ressoar as entoações de duas vozes diferentes” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p. 177). Nesse caso, não há uma fronteira que separe o contexto narrativo e o discurso citado, o que faz com que as vozes se misturem, no entanto, podemos claramente distingui-las.

Encontra-se aí um fenômeno de bivocalidade da palavra, onde nos limites de uma mesma palavra é possível encontrar duas entoações, dois pontos de vista pertencentes a duas entidades distintas: o autor e o herói. O discurso indireto livre encontra-se totalmente contemplado na tendência pictórica da inter-relação do contexto narrativo com discurso citado. Não há espaço, portanto, para a linearidade autoritária racionalista ou para a dogmática.

As duas grandes tendências de transmissão de outrem (linear e pictórica) são muito similares ao que Bakhtin (2010) chama de palavra autoritária e palavra interiormente persuasiva. A palavra autoritária está vinculada aos discursos que aparecem como uma verdade absoluta, incontestável. Ela entra no discurso do locutor para justificar e reforçar essas verdades. Em geral, é originária do campo jurídico, religioso, científico etc. A apropriação dessa palavra serve para reforçar ou justificar uma verdade estabelecida que o autor deseja impor. No entanto, sua rigidez não permite uma variação semântica, seu sentido é dado e imutável. Independentemente do contexto, não é possível manipulá-la, pois ela “entra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível” (BAKHTIN, 2010, p.144), similar ao que ocorre nas variantes da tendência linear.

Por outro lado, a palavra interiormente persuasiva presta-se aos mais diferentes enquadramentos e seu sentido muda de acordo com o contexto na qual ela é usada. Ela surge como palavra do outro, mas ao mesmo tempo como palavra minha: “a estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um de seus novos contextos dialogizados” (BAKHTIN, 2010, p. 144), o que converge na direção da tendência pictórica.

Quando dizemos que as formas de transmissão do estilo linear ou a palavra autoritária são comuns ao acontecimento religioso, não negamos que num gênero do discurso como a

pregação não apareçam esquemas e variantes da tendência pictórica ou da palavra interiormente persuasiva. O que ocorre é que quando uma enunciação citada origina-se do campo religioso, ela tende ao estilo linear. Uma citação bíblica, por exemplo, não pode ser citada sem fronteiras claras entre o contexto narrativo e o discurso citado. No entanto, em uma pregação religiosa outras vozes se fazem ouvir além da palavra bíblica, ou como preferimos chamá-la, a palavra divina. Até porque, como afirmam Bakhtin/Voloshinov (2002, p. 195), excetuando-se o contexto científico (em especial as ciências exatas e naturais) “em todas as outras áreas da criação verbal é a ficção que domina e não mais a asserção. Toda atividade verbal consiste, então, em distribuir 'a palavra de outrem' e a 'palavra que parece ser de outrem’”.

O que queremos apontar é apenas uma amostra de que, ao se apropriar do discurso alheio para transmiti-lo em sua enunciação concreta, o autor não o faz de forma aleatória: cada escolha por uma das formas de transmissão leva em consideração a relação dele tanto com o conteúdo do dizer, quanto a orientação para o ouvinte. Aliás, o ouvinte é de extrema importância nesse processo, pois ele “reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p.146). Nesse sentido, Francelino (2007, p. 128) nos traz uma importante contribuição ao perceber que o autor, ao se apropriar de vozes alheias, torna-se “um orquestrador da multivocalidade que se estabelece em sua produção de linguagem”.

Entendemos que o autor rege o coro de vozes que entra em sua enunciação tomando diferentes posições axiológicas de acordo com o tipo de relação que se estabelece entre o contexto narrativo de seu dizer e a orientação estável do discurso citado, em outras palavras, a posição do autor com relação ao discurso citado dependerá do estatuto valorativo que este discurso ocupa na sociedade. Assim, a palavra de outrem pode entrar na enunciação do autor de forma compacta e inerte ou de forma relativa e fluida.

Para nós, as diferentes vozes, que entram na enunciação do autor, estabelecem um tipo de relação especial com ele, que pode nos revelar os diferentes elementos que constituem o que chamamos de arquitetônica da autoria: o deslocamento, a visão, o acabamento, a posição volitivo-emocional concreta e o centro axiológico. Isto porque percebemos que nas pregações as vozes que são citadas acabam gerando uma imagem específica do ser citado, que pode ser Deus, o fiel ou o diabo.

Na seção que se segue trataremos prioritariamente do discurso religioso para que possamos compreender melhor sua natureza e, conseqüentemente, a forma como acontecimento religioso reflete e refrata o mundo, pois só assim teremos subsídio para compreender a autoria na pregação religiosa.

2 O DISCURSO RELIGIOSO: das especificidades à relação com o homem

2.1 O discurso religioso e suas especificidades

É notório o pouco destaque dado pela linguística brasileira ao estudo dos fenômenos do discurso religioso. Na busca de respostas as suas indagações sobre essa área, o linguista, hoje, encontrará um arcabouço teórico pequeno, em termos quantitativos, se comparado a estudos linguísticos voltados a outras áreas, como educação, direito, propaganda e até saúde. No entanto, há alguns anos, em especial, no fim da década de 70 e início dos anos 80, pesquisas foram desenvolvidas dentro dos parâmetros da chamada Análise do discurso francesa, desenvolvidas por Orlandi.

As contribuições dessa pesquisadora são ainda de grande importância, pois, após quase quarenta anos, no âmbito da linguística brasileira, os trabalhos desenvolvidos por ela são os que ainda orientam os pesquisadores da área quando o tema é discurso religioso. Percebendo essa lacuna, o Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação, do Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba vem desenvolvendo, à luz dos Estudos dialógicos da linguagem, pesquisas voltadas ao estudo do discurso religioso com a finalidade de compreender como o homem interage por meio da linguagem nesse campo de atividade humana. Dentre estas pesquisas encontra-se este trabalho.

Portanto, nesse capítulo, não poderíamos deixar de partir dos ensinamentos deixados por Orlandi. Porém, advertimos de antemão que deslocamos, quando necessário, os conceitos desenvolvidos pela autora para nossa perspectiva, a dos Estudos dialógicos da linguagem. Por esse motivo, durante esta exposição, traçamos um paralelo entre as ideias da autora e as de Bakhtin com relação ao discurso religioso. O resultado desse procedimento resultou no que entendemos por discurso religioso.

É necessário ainda deixar claro que acreditamos não haver incompatibilidade epistemológica nos deslocamentos que fazemos aqui. Entendemos as diferenças e incompatibilidades entre algumas concepções de ambas as teorias, em especial, as que dizem respeito a noção de sujeito. No entanto, nos casos que pomos em paralelo entendemos que a compatibilidade é possível.

Como Orlandi entende o discurso religioso? Para responder esta questão é necessário esclarecer uma noção de base sobre a qual a pesquisadora se apoia para discuti-la, a qual refere-se ao que ela chama de *reversibilidade*, em outras palavras, “a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui” (ORLANDI, 2011, p. 239). Com isso, a autora

procura sustentar a ideia de que no processo de interação verbal há sempre uma troca de papéis entre locutor e ouvinte, o que significa dizer que esses lugares (locutor/ouvinte) não são fixos, pois não se definem em sua essência, mas sempre no processo discursivo. Na medida em que um se define pela sua relação com o outro, essa mesma relação define o espaço discursivo.

Dessa forma, a troca de papéis ou a *reversibilidade* é a condição do discurso. Portanto, não pode haver discurso sem a reversibilidade. Por outro lado, a forma como se dá a reversibilidade varia de acordo com o tipo de discurso. Uns, como o polêmico, a realiza pela tomada da palavra, já o discurso lúdico, em sua direção fática⁷, tende a elevar a reversibilidade ao máximo; enquanto o discurso autoritário busca anulá-la. Assim, como não haveria reversibilidade de fato no discurso autoritário, o que sustenta tal tipo de discurso é a ilusão de reversibilidade.

Em seguida, Orlandi ([1987]2011) acrescenta que a noção de reversibilidade está diretamente ligada à de polissemia. E conclui que enquanto o discurso lúdico tende para a polissemia (revelar várias possibilidades de sentido), o discurso autoritário tende para a monossemia. A autora alerta para a necessidade de esclarecer que tender a monossemia não significa aqui ser completamente (e só) monossêmico, mas que procura estancar a polissemia. Com isso, o discurso autoritário procura sempre um sentido único, uma verdade absoluta e uma posição estável e absoluta entre os interlocutores.

Após essa reflexão, a autora dirá que o discurso religioso constitui-se como um discurso autoritário, portanto, em sua produção ele tende sempre à monossemia e a anular a reversibilidade ou criar uma ilusão de que ela exista nele.

Desse modo, define o discurso religioso como “aquele em que fala a voz de Deus” (ORLANDI, [1987] 2011, p. 242-243), que pode ser a voz do padre, o pregador ou qualquer representante de Deus na terra. Assim, a voz do pregador seria a voz de Deus.

Tomando essa definição como parâmetro, Orlandi ([1987] 2011) esclarece que há um desnivelamento na relação entre o locutor e o ouvinte. Aqui a autora insere uma reflexão importante e de princípio da natureza do acontecimento religioso que é relevante considerar: a relação entre locutor e ouvinte é uma relação entre planos de natureza distinta. O locutor (Deus) é do plano espiritual, o ouvinte (os fiéis), do plano temporal. Nesses termos, segundo a linguista, o plano espiritual governa o plano temporal. Há nessa relação, uma diferença hierárquica, por isso são assimétricas.

⁷ Para Orlandi ([1987]2011, pp. 239-240) o discurso lúdico pode ir em duas direções: em direção ao fático ou em direção ao poético. Enquanto o primeiro tende a elevar a reversibilidade ao máximo, o último tende a reduzi-la ao máximo.

Todos os elementos de um plano encontram-se em dessimetria em relação ao outro. O plano espiritual caracteriza-se pela eternidade, infalibilidade, imortalidade etc.; características que, de acordo com a crença, são atribuídas ao próprio Deus, aquele que detém todo o poder. Enquanto no plano temporal, os homens são mortais, falíveis, efêmeros e, segundo a autora, dotado de poder relativo.

Constituída dessa forma, tal relação impossibilita o homem de ocupar o lugar de Deus. Sendo assim, não pode haver troca, ou reversibilidade: locutor é sempre locutor, ouvinte sempre ouvinte. Com base nisso, qual, então, seria o lugar do autor-pregador nesse contexto se o locutor é Deus e o ouvinte é o fiel? Segundo Orlandi, o lugar dele seria o da representação de alguém que fala *como se* fosse outra pessoa. Ou seja, o pregador fala como se fosse Deus, isto é, a voz de Deus se fala no pregador. A autora chama esse processo de mistificação: “em termos de discurso, é a subsunção de uma voz pela outra. Sem que se mostre o mecanismo pelo qual essa voz se mostre na outra” (ORLANDI, [1987] 2011, p. 244).

Em nossa pesquisa buscamos evidenciar que esse mecanismo se mostra sim em todos os níveis: linguístico/estilístico, enunciativo e discursivo. O que podemos dizer é que a forma como esse mecanismo se apresenta para o ouvinte provoca um efeito de sentido que apaga (momentaneamente) a imagem do autor-pregador e faz surgir em sua voz a de Deus. No entanto, a mistificação se mostra um fato.

É importante salientar que o “como se” não corresponde ao “faz de conta”. Este, segundo a autora, tem relação com o imaginário, à fantasia; aquele constitui-se em sua relação com o simbólico, isto é, com o domínio das instituições, em termos bakhtinianos, com o produto das interações humanas nos diversos campos de atividade. Isso implica que, ao dizer que a voz de Deus se fala no pregador, diz-se na verdade que é como se Deus falasse. O que implica dizer que a voz do pregador, do padre e de qualquer representante seu é a voz de Deus. Para Orlandi ([1987]2011, p. 252), isso é o que distingue o discurso religioso de todos os outros, na medida em que “ser representante, no discurso religioso, é *estar no lugar de*, não é estar no *lugar próprio*” (Itálicos da autora). Ainda de acordo com a autora há uma transformação do representante naquele o qual ele ocupa o lugar.

O que decorre disso, segundo Orlandi ([1987]2011, p. 245), é que a apropriação da voz divina não pode ser feita de qualquer forma, existem procedimentos que devem ser seguidos pelos representantes para tal apropriação. Nesse caso, a relação entre o representante a voz divina é regulada, no cristianismo, pelo livro sagrado (a Bíblia), pela igreja e pela cerimônia. Todo esse controle sobre a palavra faz com que o discurso religioso tenda a monossemia, pois

o sentido que dela deriva deve ser compreendido segundo os parâmetros de dado acontecimento religioso. Orlandi ([1987]2011, p. 246) conclui, portanto, que

A interpretação própria a palavra de Deus é, pois, regulada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossemia. No cristianismo, enquanto religião institucional, a interpretação própria é a da igreja, o texto próprio é a Bíblia, que é a revelação da palavra de Deus, o lugar próprio para a palavra é determinado por diferentes cerimônias.

Disso decorre que na ordem do plano temporal há representantes específicos, autorizados pelas religiões (pelas igrejas, nesse caso), para interpretar a palavra de Deus: os padres, os bispos e o papa no catolicismo; os pregadores, no protestantismo. Segundo a autora, no catolicismo há também intérpretes no próprio plano divino, que funcionam como mediadores, que seriam Nossa Senhora e os santos.

Um elemento importante trazido pela autora sobre a relação entre Deus e os fiéis é a noção de espírito. Nesse espaço dual que é a religião, o espírito é o único elemento que pode estabelecer a relação entre os planos. Baseada em Gramsci, a autora explica que há, no universo religioso, uma relação negativa entre o homem e a natureza. Esta é percebida como uma realidade exterior, material e objetiva; aquele é percebido como puro espírito, portanto independente do mundo natural.

A natureza faz parte do plano temporal, assim como o homem em si. Ora, parece haver aqui uma contradição. No entanto, não há. No espaço puramente religioso, o homem deve alcançar as qualidades do espírito, deve vivenciar o seu mundo não no plano material, mas no espiritual. Como então o homem, ser material, mortal e falível pode alcançar a espiritualidade? Ora, a principal qualidade do espírito, dada por Deus aos homens, é a fé: “a fé é o móvel para a salvação [...] com a fé o homem tem muito mais poder” (ORLANDI, [1987]2011, p. 250). Uma das características da fé é a exclusão: ela distingue os fiéis dos não-fiéis. Assim, pela qualidade da fé são delimitadas as comunidades religiosas. Dessa forma, cada igreja congrega ou exclui segundo o fato de ter ou não ter fé respectivamente. Aquele que se converte à fé, portanto, tem uma qualidade do espírito e pode relacionar-se com o plano espiritual.

É assim, segundo a linguista, que se dá a ilusão, isto é, a passagem de um plano a outro. Ela ainda acrescenta uma distinção fundamental nessa passagem, que chamará de *formas de ultrapassagem*. Há, segundo ela, duas formas de ultrapassagem de um plano a outro: o movimento de baixo para cima, quando o homem vai até Deus; e o movimento de cima para baixo, quando Deus partilha de suas qualidades com o homem. No primeiro caso, o homem alcança as qualidades atemporais (onipresença, onisciência, eternidade etc.), é nesses casos que

se revelam os dons de profecia, de visão. É o caso do profeta, do vidente e do místico. No segundo caso, Deus partilha com os homens suas qualidades divinas: “é o caso em que se consideram as fórmulas religiosas em seu caráter performativo: a infalibilidade do Papa, a possibilidade de ministrar sacramentos, a consagração da missa, as bênçãos etc.”. (ORLANDI, [1987]2011, p. 251). Aqui, concluímos nossa leitura sobre as contribuições de Orlandi. Passemos aos preceitos bakhtinianos sobre o discurso religioso.

Já na década de 30, Bakhtin desenvolveu sua teoria do romance⁸. No artigo *O Discurso no Romance*, o autor, ao tratar mais especificamente da palavra autoritária e da palavra interiormente persuasiva, assimila aquela à palavra religiosa. Sobre ela, dirá que é muito difícil fazer modificações em seu “sentido com a ajuda do contexto que a enquadra, sua estrutura semântica é imóvel e amorfa, ou então é acabada e **monossêmica**, seu sentido se refere ao pé da letra, se torna rígido” (BAKHTIN, [1975]2010, p. 144. Grifo nosso). Aqui já encontramos a primeira coincidência.

Apesar disso, a distinção proposta por Bakhtin entre a palavra autoritária e a interiormente persuasiva não é em termos de monossêmia e polissemia, mas de monologia e dialogia. Sabemos que para o filósofo a natureza da linguagem é dialógica, no entanto, o autor faz uma distinção entre os discursos que são mais “dialogizados”, é o caso do discurso romanesco e o lúdico ou humorístico, e os menos dialógicos, isto é, o monológico. Entre estes encontramos o discurso científico, jurídico e religioso.

A dialogia pressupõe tanto a polissemia quanto a responsividade, ou seja, se por um lado os discursos dialógicos, na forma da palavra interiormente persuasiva, refletem sempre “o inacabamento do sentido” (id. idid, p. 146), isto é, há a possibilidade do sentido ser sempre outro; por outro lado ele se apresenta sempre aguardando uma resposta. Aqui, o discurso se abre para a resposta alheia ao mesmo tempo que se apresenta como uma resposta a discursos anteriores com o qual dialoga. Dito de outra forma, na concepção de dialogia a de reversibilidade já se encontra contemplada. Na dialogia a troca de papéis já é um pressuposto. Tanto assim, que ao caracterizar o enunciado, unidade de análise da teoria dialógica, o primeiro critério usado pelo autor é a alternância dos sujeitos do discurso: “a alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura o enunciado e cria pra ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados, é a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado” (BAKHTIN, [1979]2011, p. 279-280). Sem ela, portanto, não há enunciado; assim como para Orlandi, sem reversibilidade não há discurso.

⁸ A reflexão sobre a teoria do romance só fora publicada tardiamente no texto “O discurso no romance”, em 1975.

No sentido contrário, o discurso monológico, representado pela palavra autoritária, busca estancar a dialogia. Enquadrado nesse grupo está o discurso religioso, o qual pode ser caracterizado como um discurso monológico. É importante esclarecer que o fato de ser monológico, segundo Bakhtin (2011, p. 332), não anula sua natureza dialógica, pois "entre obras de discurso **profundamente** monológicas sempre estão presentes relações dialógicas" (Grifo nosso). Isso nos permite dizer que o discurso religioso, em termos bakhtinianos, tende a monologia.

Examinemos mais atentamente o que o pensador russo diz sobre as características da palavra autoritária. Segundo ele, esta palavra exige reconhecimento e assimilação incondicional. Ela não precisa de nenhum movimento de persuasão com relação ao outro, na medida em que ela já aparece unida à autoridade. Não a selecionamos entre outras na sociedade, porque “sua linguagem é uma linguagem especial [...] aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão” (BAKHTIN, [1975]2010, p. 143).

Não se deve confundir a palavra autoritária apenas com o discurso religioso. Segundo o autor, ela pode incorporar diferentes graus de autoritarismo e aparece também na ciência, na moda, no direito etc.; mas o dogma religioso é, provavelmente, o mais alto grau de autoritarismo. Nas palavras de Bakhtin ([1975] 2010, p. 144) “ela entra na nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, é preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la por inteiro”.

Por esse motivo, outra característica da palavra autoritária é que ela não pode ser representada, apenas transmitida. Assim é que os líderes religiosos são falados por meio dela, ele não pode fazer modificação no dizer divino, apenas o transmite.

Apesar de Bakhtin não desejar fazer um estudo aprofundado da palavra religiosa, ele o tempo todo faz sua vinculação à forma de transmissão e recepção da palavra autoritária, mais especificamente sobre o discurso religioso, em *O Discurso no Romance*, o autor condensa em poucas palavras, mais especificamente em um parágrafo, alguns apontamentos sobre esse tipo de discurso.

O primeiro deles é que “seu objeto principal é o ser que fala: uma divindade, um demônio, um anunciador, um profeta” (Bakhtin, 2010, p. 150). Vê-se que aqui, a palavra religiosa não é veiculada apenas ao cristianismo, seu escopo abrange a mitologia, a mística, a magia etc. Há nesse ponto uma aproximação com o conceito de Orlandi sobre o discurso religioso, isto é, aquele em que fala a voz de Deus. O segundo é a adivinhação da vontade divina. Neste caso, se inclui também a vontade do “demônio (bom ou mal), a interpretação dos

signos da cólera ou da boa vontade, os presságios, as instruções e, finalmente, a transmissão e a exegese das palavras diretas de Deus” (id. *ibid.*, p. 50).

O terceiro é a repercussão e a interpretação da palavra, e, por fim, o aparato metodológico da interpretação e transmissão da palavra divina: “Todos os sistemas religiosos, mesmo os mais primitivos, possuem à sua disposição um imenso aparato especial e metodológico que transmite e interpreta os diferentes aspectos da palavra divina” (id. *ibid.*, p. 50). Nesse sentido, Orlandi dirá que a interpretação e transmissão da palavra é regulada, no cristianismo, pela Bíblia, pela igreja e pela cerimônia; para Bakhtin, pela hermenêutica.

Por outro lado, cabe lembrar que Bakhtin não formulou um conceito para o discurso religioso, afinal, o acontecimento sobre o qual se debruçava para formular seus conceitos e verificá-los por meio de análises sistemáticas era o estético. No entanto, nos deixou a importante contribuição de distinguir o acontecimento estético do religioso, no qual, além da consciência do autor, se faz presente uma consciência englobante.

Cabe, agora, construir um quadro que nos mostre um paralelo entre as ideias de ambos os autores a fim de formularmos tanto nosso conceito de discurso religioso quanto para definirmos quais elementos usaremos como subsídio para nossa análise:

O discurso religioso em Orlandi e Bakhtin

Orlandi		Bakhtin	
Discurso Religioso		Discurso Religioso	
Autoritário		Autoritário	
Procura anular a reversibilidade		Procura anular a dialogia	
Tende à monossemia		Tende à monologia	
Natureza		Natureza	
Plano espiritual ou divino	Plano temporal ou humano	Consciência englobante de Deus	Consciência Autoral
Conceito		Conceito	
Aquele em que fala a voz de Deus		Aquele cujo objetivo é o ser espiritual que fala	

Fonte: própria

A partir da mescla desse quadro, para nossos objetivos, podemos reformulá-lo da seguinte maneira:

Discurso religioso: características, natureza e conceito

DISCURSO RELIGIOSO	
CARACTERÍSTICAS	Autoritário
	Tende à monologia
	Procura anular a dialogia
NATUREZA	Plano espiritual Consciência englobante de Deus
	 Autoria 
	Plano temporal Fiéis
CONCEITO	Aquele cujo objetivo é a transmissão da palavra de um ser espiritual.

Fonte: própria

Como se pode perceber no quadro acima, colocamos a autoria no espaço intervalar entre os planos espiritual e temporal. Entendemos com isso que, *em função da natureza do acontecimento religioso, o autor se movimenta na fronteira entre os dois planos*. Ocupando uma posição axiológica, o autor, no acontecimento religioso, procura justificar um conjunto de valores que se materializam em seu enunciado (a pregação religiosa), através da relação com as vozes que seleciona, organiza e distribui ao longo da pregação. É importante esclarecer que o autor não é quem cria tais vozes. Estas, assim como as personagens, já estão consolidadas na sociedade, o autor apenas as seleciona dentre outras e, por isso, necessita estabelecer uma certa posição valorada a partir do lugar que ocupa, ou seja, ele é antes de tudo, uma posição

axiológica que reflete e refrata relações sociais a partir do conjunto de vozes que se instalam em seu discurso.

Por meio desse processo autoral, o autor se estabelece em uma distância necessária para que seu ativismo criativo desabroche. Acreditamos que todos os elementos que compõem a arquitetura da autoria no discurso religioso se constituem nesse movimento de deslocamento entre os planos, na mediada em que o autor estabelece relações diversas com as vozes que deles ecoam e se manifestam na materialidade discursiva da pregação.

Passemos agora a tratar do contexto mais amplo de produção do acontecimento religioso, começando pelas contribuições de Eliade (2010) sobre a relação do homem com o sagrado desde a mundo pré-moderno até os dias atuais, quando encontramos o pentecostalismo e o neopentecostalismo, nesse momento nos subsidiaremos também nas contribuições, dentre outros, de Rivera (2001) e Passos (2006).

2.2 Entre o sagrado e o profano

Ao apontar a relação entre o espaço espiritual e o temporal não deixamos claro como os fiéis encaram ou respondem a essa relação nem se houve mudanças nessa relação ao longo da história, apontamos mais especificamente a assimetria entre os planos e seus constituintes. Isso se deu pelo fato da teoria que a propõe não dá conta nem subsídios para que pudéssemos esclarecê-la. Optamos, então, por fazê-lo em uma seção à parte. Iniciamos pela afirmação de que tal relação é de caráter responsivo. Esclareceremos tal afirmação ao longo dessa exposição, por ora, basta dizer que os fiéis respondem a relação com o espiritual a partir da rotura que se estabelece no espaço de qualquer evento religioso. Para entender o que significa tal “rotura” nos debruçaremos doravante nas contribuições de Mircea Eliade sobre a relação entre o sagrado e o profano.

Para Eliade (2010), o sagrado se mostra ao homem, isto é, o homem só tem acesso ao sagrado quando este se manifesta. O homem, por seu turno, encontra-se em um mundo totalmente profano. Por isso, o reconhecimento do sagrado se dá na medida que este manifesta-se como algo totalmente diferente do mundo natural ou profano.

Para explicar a manifestação do sagrado, Eliade propõe o termo *hierofania*, para designar que “*algo de sagrado se nos revela*” (ELIADE, 2010, p. 17. *Itálico do autor*). Por isso, segundo o autor, a história das religiões pode ser explicada com base nas diferentes forma de manifestação da hierofania ao longo do tempo nas mais diferentes culturas, desde a mais

simples manifestação do sagrado nos objetos e animais até a manifestação de Deus em Jesus Cristo, no mundo cristão.

Dito isso, o leitor não deixará de perceber que a hierofania se dá, de alguma forma, em algo natural, ou seja, o sagrado se revela por meio do profano: em objetos, animais, no homem etc. Temos, portanto, duas realidades diferentes nas quais o homem está envolto e entre elas vive, o que comumente é chamado de cosmo. Daí resulta algumas características daquilo que é sagrado. A primeira delas é que o sagrado é tudo aquilo que se opõe ao profano, isto é, ao mundo natural. Por outro lado, só por meio do mundo natural é possível ter acesso ao sagrado, na medida em que este só se manifesta em algo profano. Assim, para o homem não-religioso uma igreja pode não passar de um amontoado de tijolos amalgamados por concreto e cimento. Mas para o homem religioso a igreja não corresponde a uma casa ou instituição qualquer. Uma casa vizinha a uma igreja não tem o mesmo estatuto que esta, ambas podem ser feitas do mesmo material, no entanto, o material do qual é feita a igreja não tem relevância em termos espirituais: o templo religioso é qualitativamente diferente da casa porque ele é um espaço sacralizado. Temos portanto a segunda e a terceira característica: o sagrado se manifesta no profano e ao mesmo tempo o sagrado é algo qualitativamente diferente da realidade natural, é algo que se manifesta por meio dela, mas não coincide com ela.

Isso não significa que o objeto sacralizado deixe de ser algo natural, como explica Eliade (2010, p. 18), uma pedra não deixa de ser pedra por ter sido sacralizada, por ela servir de manifestação do sagrado, mas deve ser percebida pelo homem religioso como algo qualitativamente diferente de todas as outras pedras: enquanto hierofania, deve ser adorada por revelar algo que não é uma pedra, mas algo sagrado, que está para além do mundo natural, pois “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica”. Quando Moisés estava diante da sarça que ardia em chamas e ao mesmo tempo suas folhas tornavam-se verdejantes, ele logo se deu conta de que aquela planta manifestava algo sagrado, não era a voz da planta que ele escutava, mas a voz de Deus que se revelava naquele pequeno arbusto. A hierofania da sarça é um exemplo claro da manifestação do sagrado em um objeto natural. A natureza sacralizada cria uma separação, uma diferenciação, um rotura entre aquilo que é sagrado e o que é profano.

Segundo Eliade (2010, p. 25), para o homem religioso o espaço não é homogêneo. Há porções de espaço qualitativamente diferenciada de todas as outras: “Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfo”. Para o homem religioso, apenas o espaço sagrado seria o mundo que realmente existe, enquanto toda porção restante constitui uma

vaguidão informe, um lugar impreciso, o caos. A experiência da rotura entre o espaço sagrado e o profano é equivalente a “criação do mundo” para o homem religioso. Isso porque a sacralização do espaço cria um “ponto fixo”, isto é, um lugar real por meio do qual o homem religioso pode se orientar em meio ao caos do mundo profano. Eliade (2010, p. 26) elucida que por esse motivo o homem religioso “sempre se esforçou por estabelecer-se no ‘Centro do mundo’. *Para viver no mundo é preciso fundá-lo* – e nenhum mundo pode nascer no caos da homogeneidade e da relatividade do espaço profano”.

O autor acrescenta ainda que a saída do espaço profano para o sagrado se dá por meio de um limiar, ou seja, uma porta ou um ponto específico no qual há uma passagem em direção ao sagrado. Eliade cita o exemplo da porta da igreja: ela é o lugar aonde o homem faz a passagem do mundo exterior em direção ao templo. Para fora dele tudo é caos, o profano se exacerba e se constitui. Para dentro do templo o sagrado se manifesta, o homem aproxima-se do absoluto, do eterno, do real por excelência.

É no recinto sagrado que é possível a comunicação com os deuses, por isso a porta é uma continuidade, o lugar em que há a possibilidade imediata de saída do profano e entrada no universo sacralizado.

É possível ainda que dentro do próprio espaço sagrado haja um limiar imediato que transcende o próprio espaço do templo. Se pensarmos nas igrejas modernas, por exemplo, o púlpito é o limiar do templo. Ele é o lugar mais elevado em relação aos outros espaços da igreja. Diferente de qualquer outra elevação que haja no templo, apenas o púlpito é reservado aos ensinamentos e transmissão da palavra divina, é o limiar onde o padre, o pastor ou um pregador designado pode entrar em contato imediato com Deus.

Sendo o limiar um espaço de fronteira entre o sagrado e o profano, podemos dizer que aquele que ocupa o limiar está na fronteira entre os dois planos. Se quem está na porta da igreja encontra-se no limite entre o mundo profano e o templo sagrado, quem está no púlpito está na fronteira entre Deus e os homens. Esse dado nos é importante, na medida que acreditamos ser o autor-pregador é um ser de fronteira, aquele que encontra-se no limiar entre os dois planos.

Cabe ainda salientar que, para Eliade, o profano e o sagrado são duas modalidades de ser do homem no mundo. Por esse motivo, é possível reconstruir a história da humanidade contrapondo o homem religioso ao homem profano. As sociedades arcaicas, segundo o autor, foram construídas fundamentalmente de homens religiosos, em contrapartida, a sociedade moderna dessacralizou o mundo e nela o homem volta-se ao desenvolvimento da ciência, aproximando-se do profano. Isso significa que a religião é, em última análise, um fato e um produto histórico.

Tratamos a seguir mais especificamente da experiência do homem com esse mundo dividido, o mundo heterogêneo, consagrado e dessacralizado. Abrimos espaços para colaboração de outros autores e mostraremos que as mudanças sociais e históricas revelaram diferentes experiências do homem com mundo profano e o sagrado e que o crescimento das religiões neopentecostais revela uma mudança na relação do homem com o sagrado.

2.2.1 Sacralização, dessacralização e ressacralização: da pré à pós-modernidade

Começemos pelos homens primitivos e arcaicos, desde os caçadores nômades até os agricultores estabilizados, fixados em uma terra que lhes possibilite subsistência. Para os nômades a terra não tinha a mesma significação religiosa que para os agricultores, pois sua relação imediata era como a vida animal, a qual lhes possibilitava sobrevivência. Tirar a vida do animal tinha um significado sagrado, por isso uma série de rituais envolvia o momento da alimentação. Esses rituais não perderam sua validade ao longo da história, o homem o manteve, mas sem a mesma significação do homem arcaico.

Para o homem que descobre a agricultura, a terra terá uma significação sagrada, a fonte da vida. Será a terra que emana leite e mel, como descrito em Êxodo 33:3. A peregrinação judaica foi acima de tudo uma busca pela terra santa, uma terra prometida por Deus, portanto sacralizada. Segundo Eliade (2010, p. 121), a terra e a mulher são constantemente relacionadas nas sociedades arcaicas, ambas sendo fonte de vida. A Terra Mãe revela uma autossuficiência para gerar a vida. Um exemplo dado pelo autor é a deusa mediterrânea Gea que teria, segundo a mitologia, parido Uranos sem a interferência de nenhum outro deus. Entre os homens nômades e os caçadores subsistia a relação com o sagrado. Nas palavras de Eliade (2010, p. 22)

uma sociedade pré-agrícola, especializada na caça, não podia sentir da mesma maneira, nem com a mesma intensidade, a sacralidade da Terra-Mãe. Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, cultura e organização social – numa palavra pela história. Contudo, entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há uma similitude de comportamento que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças: *tanto uns quanto os outros vivem num Cosmos sacralizado*; uns como os outros participam de uma sacralidade cósmica, que se manifesta tanto no mundo animal quanto no mundo vegetal. (Itálicos do autor)

É notável que o homem arcaico vive em um mundo totalmente sacralizado. Veremos mais adiante que as transformações sociais, em especial a científica e econômicas ao longo da

história mudaram o modo do homem se relacionar com o cosmos. Eliade distingue dois “homens” ao longo da relação histórica do ser humano com a religião: o homem religioso pré-moderno, das sociedades primitivas e arcaicas e o homem moderno a-religioso ou profano, que, embora herdeiro do anterior, esvazia as crenças da sociedade que o antecederam provocando, para ele, uma dessacralização do cosmos. Passos (2006) fala também do homem religioso pós-moderno, seria o homem atual, que provoca uma ressacralização do mundo. Veremos que esse movimento não é tão linear e homogêneo como se apresenta à primeira vista.

O que caracteriza, então, o homem religioso pré-moderno, que coincide com o homem religioso das sociedades primitivas e arcaicas⁹, segundo Eliade? O princípio fundamental desse homem religioso é a crença de que o mundo é uma criação dos deuses, ele só existe porque foi criado pelos deuses. Segundo Eliade (2010, p. 135), a existência do mundo para essa sociedade religiosa já significa algo para além dele, ou seja, “a própria existência do Mundo ‘quer dizer’ alguma coisa, que o Mundo não é mudo nem opaco [...] para o homem religioso o cosmos ‘vive’ e ‘fala’”. Não é de se estranhar que para a sociedade pré-moderna a manifestação dos deuses aconteça por meio de uma árvore, de uma pedra, de um animal: a terra é sagrada, os deuses têm forma animal (Anúbis tinha a forma de um cão, no Egito antigo, por exemplo), as árvores tem poderes sobrenaturais (é o caso da Yggdrasil, árvore que representa o centro do universo na antiga mitologia nórdica). Todo o cosmo, tudo que existe, é, de alguma maneira, santificado, sagrado, na medida que é uma criação dos deuses e pode manifestar a vontade destes. O cosmos existe como forma de manifestação dos deuses na natureza.

Para Eliade (2010, p. 135) o homem, num determinado momento cultural, acaba por assimilar-se ao todo cosmológico, ele mesmo se compreende como uma criação dos deuses, “ele encontra em si a santidade que reconhece no cosmos”. Tudo na vida do homem religioso tem uma representação sagrada ou pode santificar-se. Para ele, a existência é aberta para além da vida natural, a vida humana é apenas uma parte da vida cósmica, da vida sagrada, que revela a existência por excelência, o absoluto sem fim. Isso significa que viver é, para ele, uma existência duplicada: “desenrola-se como existência humana e, ao mesmo tempo, participa de uma vida transumana, a do Cosmos ou dos deuses” (ELIADE, 2010, p.137). Segundo o autor, é possível que num passado longínquo todos os órgãos e comportamentos humanos correspondessem a um significado religioso.

⁹ Chamamos de sociedade primitiva aquela anterior ao desenvolvimento da agricultura na qual o homem ainda era nômade. Enquanto a arcaica estende-se do surgimento da agricultura até por volta do final da idade média, conforme pode-se depreender de Eliade (2010, p. 22).

O homem religioso¹⁰ é aberto às experiências espirituais e tudo que o cerca tem caráter sobrenatural. Poderíamos dar inúmeros exemplos: o sexo como fonte de vida (“sede fecundo e multiplicai”, uma ordem divina, em Gênesis 1:28), o casamento e seus ritos nas mais diferentes culturas, a casa e o corpo como morada dos espíritos e representação do centro cosmológico. Em suma, a vida desse homem religioso é terminantemente aberta e explicada por via da sacralização do mundo.

Este homem é um ser que vive ativamente uma existência ao mesmo tempo humana por natureza e santificada por consagração, pois seu mundo é simultaneamente natural e hierofanizado ou hierofanizável. É interessante notar que o próprio modo “científico” de enxergar a vida era religioso, era centralizador. O próprio Ptolomeu compreendia a Terra como o centro do universo. A influência religiosa que aí se encerra é exemplar: a terra é o Cosmos, todo o resto é o caos.

Para Eliade (2010), o homem religioso responde ao mundo de acordo com o que acredita ser a realidade que o cerca, ele não é um homem passivo, mas responsivo¹¹. Ele próprio procura sacralizar aquilo que considera manifestação dos deuses. No Judaísmo e no Cristianismo, por exemplo, temos o caso de Jacó que ao deitar e apoiar a cabeça sobre uma pedra que fizera de travesseiro, sonhou que havia ali uma escada que se erguia até o Céu e viu anjos andando de um lado para outro e Deus falando que aquele lugar seria a morada de seu povo. Jacó acorda e põe a pedra em pé e chama aquela terra de Betel, a morada de Deus e de seu povo, pois ali estava a porta do céu¹².

O papel central da vida agrícola (desprovida de conhecimento técnico científico) é fundamental para crença em um mundo enigmático e mágico, explicado pela via religiosa, sem a necessidade de uma lógica humana. Basta o entendimento de que algo de sobrenatural rege o cosmos para aceitar aquilo que não se conhece como uma possibilidade sempre aberta de acontecer e buscar a sacralização do mundo. Mas a ascensão da ciência e sua aceitação como forma legítima de explicação dos fenômenos naturais, aliada ao desenvolvimento industrial levaram a uma forma diferenciada de encarar a vida, causando o que Eliade chama de dessacralização da vida ou desencantamento do mundo, nas palavras de Max Weber.

¹⁰ Esta é uma nomenclatura utilizada por Eliade (2010).

¹¹ O termo “responsivo” não foi cunhado por Eliade, mas por Bakhtin, e indica aquele que responde e é responsável por sua resposta. No entanto, como Eliade afirma que o homem religioso responde a realidade que o cerca, acreditamos oportuno o uso do termo.

¹² Cf. Gênesis, capítulo 28, versículos 10-19.

2.2.2 Modernização e dessacralização: o mundo desencantado

A consequente urbanização causada pela revolução industrial, que moveu a força econômica do eixo agrícola para as grandes cidades, não causou apenas uma mudança econômica e de organização do *habitat* humano, mas também uma nova forma de compreender a realidade em que se vive.

O homem das grandes cidades buscou dominar as forças da natureza, tendo na ciência uma forma legítima de explicação dos fenômenos naturais, o que levou ao conhecimento de fenômenos que antes eram explicados pela força sobrenatural dos deuses. A própria agricultura acabou por aderir ao domínio das técnicas desenvolvidas pelos métodos científicos, o que levou a compreender a terra como um elemento sobre o controle humano. Assim, o homem místico passou ao homem racional. As explicações religiosas dos fenômenos da vida deram espaço ao esclarecimento lógico e racional.

Isso não significa que a religião tenha sido desprovida de significação. Sua lógica tem lugar nesse mundo, mas não com a mesma intensidade primitiva. Por outro lado, nem tudo é acessível ao conhecimento científico, a própria existência humana não tem uma explicação um todo plausível e aceita como absoluta e irrefutável.

No mundo racionalizado da modernidade pós-industrial, a religião não ocupa o lugar central, mas também não ocupa um lugar subalterno, mas paralelo. Tal efeito da racionalização é tão evidente que as religiões tradicionais, como o catolicismo, por exemplo, tiveram que aderir a confirmação científica para justificar os milagres e beatificar os santos. Mas é necessário atentar que para ser milagre, um determinado evento misterioso, teria que resistir aos métodos científicos: é milagre porque a ciência não explica! Encontra-se aí o paradoxo da resistência do religioso ao científico pela via da racionalização. Isto é, a razão que não explica o sagrado acaba por justificá-lo e legitimá-lo.

É necessário não confundir racionalização com o aumento da intelectualidade humana. Weber (s/d, p. 30) deixa claro que a intelectualização é um fenômeno que acontece anteriormente à ciência como a conhecemos hoje. O desenvolvimento intelectual científico, inclusive, não é um fenômeno que é acessível a todo homem moderno, mas especificamente ao homem da ciência. Isso, no entender do autor supracitado, acaba por influenciar e criar uma forma de compreender a realidade que afeta o indivíduo que não domina a ciência. É como se o homem moderno a adotasse. A racionalização seria um efeito de longo prazo, mas que se consolida com a ascensão da ciência.

O próprio homem selvagem tinha o domínio das técnicas de caça e do plantio, ele sabia como produzir, mas explicava os fenômenos naturais pela via religiosa, pela bênção e interferência dos deuses. O que difere o homem racionalizado é o fato de este não necessitar de nenhuma explicação fora da lógica humana para entender a realidade, não é preciso que uma divindade se revele para explicar aquilo que o homem ainda não conhece, é como se ele soubesse que a qualquer momento pode dar conta de conhecer o que necessita. Como afirma Weber (s/d, p. 30),

A intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente das condições em que vivemos. Significam, antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, poderíamos, bastando que quiséssemos, provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra que podemos dominar tudo, por meio da previsão. Equivale isso a despojar a magia do mundo.

Para Passos (2006), a religião perdeu seu papel de investigação dos fenômenos na vida pública moderna. Mas isso não significa que a modernidade seja linear e homogênea. No descompasso do que aparenta, ela também conserva suas contradições e heterogeneidade. Diferentes culturas encaram essa forma de vida à sua maneira. O autor salienta que, em termos globais, a humanidade passou por processos diferenciados de modernização-racionalização, que variam de acordo com aspectos espaciais, históricos e culturais. Algumas culturas teriam inclusive atingindo altos graus de racionalização e ainda assim continuaram fortemente religiosas, um exemplo cabal seria a sociedade Norte-americana. Na contramão da modernização, algumas culturas, segundo Passos (2006), permaneceram com suas referências pré-modernas, alheias ao processo racionalizador da modernidade.

Do ponto de vista histórico, o desenvolvimento da modernidade, por via da ciência com foco na racionalidade econômica e no consumo, provocou uma contradição interna no próprio sistema à medida que as promessas de um bem estar social não se concretizavam e a desigualdade aumentava significativamente. Além disso, paralelo aos

[...] grupos que sempre resistiram religiosamente ao desencantamento, assistimos hoje a um crescimento dos grupos e expressões religiosas que trazem de volta e de forma contundente visões religiosas de mundo que, não raro, peitam fanaticamente as interpretações e estruturas racionais modernas (PASSOS, 2006, p. 51).

É nesses termos que se pode falar em ressacralização ou, como preferem os Weberianos, reencantamento do mundo.

2.2.3 Pós-modernidade e o reencantamento do mundo: o surgimento do pentecostalismo e a ascensão das religiões neopentecostais

Essa renovação dos aspectos religiosos, que surgiu como resistência e implementou uma reação à modernização, acentua uma característica fundamental do que os estudiosos da sociologia chamam de pós-modernidade. Para Passos (2006), a pós-modernidade é consequência das contradições surgidas no interior do projeto moderno que apregoava a melhoria da vida individual e social a partir do desenvolvimento econômico e industrial, alavancados pelo desenvolvimento da ciência.

O autor destaca que o projeto de modernidade foi implantado primeiramente na Europa e dela para todo Ocidente e daí para o restante do mundo. Em cada cultura seu impacto provocou mudanças significativas, mas também contradições não previstas pela modernidade em sua origem, em especial a manutenção dos costumes religiosos e a não abolição das crenças em dogmas e nas explicações sagradas de aspectos os quais a ciência não tinha (e ainda não tem) instrumentos para investigar e, conseqüentemente, não consegue expor as leis que o regem. Nesse sentido, “longe de qualquer uniformização cultural, tratou-se de uma mudança contraditória que, mesmo tendo introduzido novos hábitos de vida nos mais recônditos lugares, gerou em seu interior reafirmações pré-modernas” (PASSOS, 2006, p. 126), o desencantamento do mundo não se deu por completo e a modernidade conviveu com essa contradição em seu interior.

A prometida derrocada do sagrado em um mundo totalmente racionalizado não se concretizou, embora tenha legado certamente uma nova forma de entender a realidade que convive agora em paralelo com a religiosidade. Esta por sua vez já não pode existir alheia ao homem “modernizado”: o homem construído sob o modelo racional ou profano de vida precisa de explicações e soluções que tenham uma lógica fundamentada na razão, mas justificada pela tradição, pela religião. Como afirma Passos (2006, p. 126), “O mundo não se desencantou, a religião permanece viva e ativa e qualquer possibilidade de reencantamento deve ser vista dentro de um encantamento, que na verdade, nunca se foi”. O caso da Igreja Católica é emblemático, pois manteve em seu núcleo duro a estrutura hierárquica das tradições e organizações medievais – embora tenha, segundo Passos (2006), caminhado na direção da modernidade, especialmente, com Concílio Vaticano II.

No contexto brasileiro, teve importância fundamental o surgimento das instituições pentecostais, pois “conseguiram, nesse sentido, preservar em essência os elementos religiosos arcaicos do contexto rural e reeditá-los com novas formas de organização no espaço cultural

metropolitano” (PASSOS, 2006, p. 127). Aliás, a forma de organização da modernidade no Brasil foi muito singular, não houve um planejamento territorial de urbanização nem uma distribuição de renda mais ou menos igualitária. O êxodo rural provocou um inchaço populacional nas grandes metrópoles e um aumento desenfreado de habitações desregulares além de um alto nível de desemprego. Por isso, uma população marginal e sedenta por uma melhoria de vida busca um caminho paralelo ao desenvolvimento moderno – dentro desse mesmo sistema – que pudesse suprir suas demandas por bens, consumo, moradia, alimentação e bem estar, isto é, busca em outras formas atingir a promessa outrora feita pela modernidade. E nesse sentido, coerentemente, Passos (2006, p. 128) percebe que na pós-modernidade

As contradições do processo excludente da modernização puderam contar com visões e estratégias pré-modernas que construíram redes de relação direta com suas comunidades e, com suas ofertas religiosas, ofereceram, quase sempre, exatamente o que as promessas modernas não realizaram em termos de bem-estar pessoal e social.

Como se pode perceber, foi com o desenvolvimento das grandes metrópoles que a modernidade atingiu sua “cota” de contradição. Como expusemos acima, o aumento da mão de obra advinda do campo, a pequena oferta de emprego e o aumento populacional que fez inchar as periferias; acentuados pela cultura do consumo, colocaram em cheque o movimento anterior e expuseram as contradições da modernização. Alie-se a tudo isso o desenvolvimento e aprimoramento dos meios de comunicação além do acesso ao rádio e a televisão, a princípio, e a internet mais recentemente, que acabaram por explicitar ainda mais essa contradição: modernização, desenvolvimento e desigualdade.

Para Passos (2006, p. 129), no caso brasileiro ocorreu uma cisão entre economia e cultura que marcou o percurso de modernização do país. O crescimento urbano e as mazelas dele decorrentes acabaram por dar força a movimentos religiosos que pregavam a cura divina e a prosperidade financeira. Encontra-se aí a fonte dos movimentos pentecostais e, mais recentemente, os chamados neopentecostais.

Segundo Silva (2008, p.170), o movimento pentecostal tem suas origens em meados do século XIX e início do século XX, vindo da Europa para América do norte, o que faz dele uma expressão religiosa muito recente. O autor ainda explica que a afirmação de que possuíam o dom espiritual da cura era o que os pregadores desse movimento traziam de novo para o mundo religioso, fato que demarcava originalmente o movimento.

Já na América Latina, seu aparecimento se deu no sec. XX. O mesmo autor ressalta a importância do êxodo rural para o desenvolvimento do pentecostalismo: “surgiram no início do

século XX e se explicam mais por uma *anomia* das massas que iam migrando para as cidades, do que por sua relação com movimentos religiosos” (SILVA, 2008, p. 171. Grifo do auto). O sociólogo associa as mazelas decorrentes do êxodo rural e o inchaço dos grandes centros urbanos ao surgimento desse movimento religioso, chegando a afirmar que o aumento da pobreza, da injustiça, da fome e da enfermidade foram determinantes para a expansão desse grupo no âmbito religioso latino-americano.

Mais especificamente no Brasil, Silva (2008, p. 171) relata que o movimento pentecostal se desenvolveu de forma autóctone, não tendo nenhuma relação com organizações eclesiais estrangeiras. A primeira instituição foi a Congregação Cristã no Brasil, que se manteve totalmente independente de outras denominações, garantindo sua originalidade. O fator originalidade, aliás, é uma marca preponderante do pentecostalismo no Brasil.

O autor distingue três gerações do pentecostalismo no Brasil. A primeira tem como representação a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus, que iniciaram em 1911 e que se tornaram altamente institucionalizadas. Nesse período, a “cura divina” é um importante fator observado nessas instituições, mas não se apresenta como objeto de grandes seções e as pregações encontram-se confinadas aos templos e, no máximo, às praças públicas. Só no final do sec. XX a Assembleia de Deus expandiu suas pregações pelas ondas do rádio.

A segunda geração surgiu a partir dos anos 50 e é considerada pelo autor como “o movimento da cura divina”. Como representantes dessa geração podem ser citadas a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo e a Igreja Evangélica Deus é Amor. Segundo Silva (2008, p. 172), o ponto focal dessas instituições era a promoção de eventos, “[...] na concentração de massa, [...] sobretudo, nas sessões de cura divina, que vão ao encontro das necessidades imediatas do povo”.

A terceira geração é composta pelos Neopentecostais, surgidos há, mais ou menos, quatro décadas, todos derivados do pentecostalismo tradicional. O autor faz questão de salientar que não surgiram apenas dos protestantes, mas também da Igreja Católica Romana, como é o caso da Igreja Rosa Mística. Para o autor, não existe fronteira nítida entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo, aliás, ele adianta que ambas se influenciam mutuamente e ainda: “as igrejas que se situam dentro do neopentecostalismo seguem, cada uma a sua maneira, os fundamentos doutrinários do pentecostalismo tradicional, apresentando características próprias e por isso denominadas neopentecostais” (SILVA, 2008, p. 173).

Na sequência o autor salienta que é importante admitir a capacidade desse terceiro grupo de se reinventar, criar o novo dentro do tradicional, levando sempre em conta a vida cotidiana dos fiéis:

Há que se admitir a imensa capacidade que esses grupos religiosos têm de se reinventar cada um à sua maneira de ser pentecostal, que surge da inspiração tradicional ao “novo”, descoberto na malha fina do cotidiano. A força dessas expressões religiosas reside exatamente nisso: sabem que, metodologicamente, o ponto de partida para se ter êxito na forma de evangelizar consiste em colocar bastante acento na vida cotidiana dos fiéis (SILVA, 2008, p. 173).

É nesse movimento de reinvenção e de inovação tendo como base a vida cotidiana dos fiéis que surge a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, dela recortamos os enunciados que compõem nosso objeto de estudo. Diferentemente da Assembleia tradicional, esta promove grandes eventos regionais e nacionais, tem programas em rede aberta da televisão brasileira, inclusive com transmissão para os Estados Unidos, Europa e África e também um site próprio na rede mundial de computadores. Por esse e outros fatores esta instituição acaba por entrar em vários lares brasileiros, sendo uma forte e relevante representante desse movimento, e suas pregações acabam por tornar-se modelo de pregação, influenciando, inclusive, a tradicional.

Por esse motivo, a *Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo* conserva traços peculiares que a distinguem da Assembleia tradicional e esses traços podem aparecer no discurso dessa instituição, demarcando, assim, o território do sujeito “centrado” nela e não em outra instituição religiosa. Um desses traços pode ser o foco na vida dos fiéis, suas necessidades, seus anseios além do combate incessante as forças do mal na figura do diabo, que é outra característica do neopentecostalismo, segundo Silva (2008). Se antes a pregação discorria basicamente sobre a salvação humana, agora é a conquista da riqueza, da saúde, de bens materiais, de emprego etc., que são foco do tema da pregação.

Uma das características que difere esta instituição é exatamente o desprendimento do que chamam de “legalização”, marca da igreja tradicional. A legalização refere-se aos costumes e as doutrinas que tendiam a limitar as ações dos fiéis. Como exemplo temos a regulação sobre a forma de vestimenta dos fiéis, como as saias muito longas ou o não uso de assessórios como batom e brincos para as mulheres assim como bermudas para os homens. Nas neopentecostais, os fiéis são livres de tal legalização, por esse motivo, não é mais possível atualmente distinguir tais fiéis dos não-fiéis por meio de suas vestimentas, como era comum outrora nas igrejas pentecostais tradicionais¹³.

Os cultos já não se restringem aos templos, agora partem dos templos para atingirem a maior quantidade de lares possíveis. Em sua página na internet são frequentes mensagens de

¹³ Quanto a isso, conferir “As vozes prementes”, de Manoel Luiz G. Correia (1989).

apelo aos fiéis (indiretamente também aos não-fiéis) solicitando que “não percam os cultos da semana ao vivo pela web”¹⁴.

É importante ainda trazer informações concernentes ao pregador nessas instituições. Segundo Rivera (2001), diferente do sacerdote católico que tem sua autoridade baseada na própria sacralidade da instituição e seus rituais, os pregadores neopentecostais dessacralizaram a instituição e seus rituais e têm sua autoridade baseada na escritura sagrada. Por esse motivo, em certa medida, a pregação acaba por se tornar o culto em si, ou ao menos, o momento mais importante da cerimônia.

Não há nessas instituições um conjunto de momentos rituais considerados sagrados, mas um conjunto de ações prévias que antecedem a pregação, como por exemplo, momentos de cânticos e instruções sobre os próximos cultos, sobre os dízimos e ofertas e até leitura de cartas com relatos de milagres vividos pelos fiéis, mas é a pregação o momento fundamental do culto. O pregador passa a ser compreendido como um especialista na interpretação e transmissão da palavra da *sola Scriptura*.

Para Rivera (2001, p. 148), pregador vive em uma constante ambiguidade: deve ser considerado ao mesmo tempo leigo e consagrado. Nesse sentido, salienta o autor: “Em muitos casos, o seu *status* sagrado não tem a ver necessariamente com a instituição eclesiástica. Daí deriva uma tensão natural da figura do pregador, ele não deve sua legitimidade apenas por representar a instituição, mas pela capacidade de convencer os fiéis a aceitarem sua mensagem como uma verdade sagrada, na medida em que esta é baseada nas escrituras.

A centralidade da pregação na Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) é uma herança de sua relação com a igreja tradicional da qual deriva, podemos dizer que nela o culto racional é a forma tradicionalmente aceita de pregação. O movimento neopentecostal nela é, portanto, uma retomada da sacralização do mundo sem a perda da racionalização construída na modernidade. O pregador ocupa nesse processo uma figura central, sendo o portador da capacidade de interpretar o sagrado bíblico por uma via racionalizadora sem deixar o lado místico da relação Deus/fiel perder sua validade. O sagrado deve se fazer presente, deve ser misterioso, mas, ao mesmo tempo, coerente.

Por fim, com relação às principais características do neopentecostalismo como um todo, Mariano (1999, p. 36) destaca três pontos principais: 1) a guerra espiritual contra o Diabo; 2) a ênfase na teologia da Prosperidade; e, como apontado acima, 3) a saída da legalização, isto é, abandono dos tradicionais usos e costumes de santidade. Se entendermos essas características

¹⁴ Site da ADVEC: <<http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advtec/inicial.cfm>> Acesso em 20/07/2015.

como constitutivas do neopentecostalismo, apontá-las aqui pode nos ajudar a compreender por que o autor-pregador seleciona algumas vozes no ato de enunciar.

Com relação à primeira característica, vê-se nas pregações neopentecostais uma certa centralidade da figura do diabo como a posição axiológica a ser combatida. O diabo, no entanto, não se apresenta em tais pregações como uma entidade puramente espiritual, mas como um indivíduo que pratica a ação demoníaca de derrocada da santidade ou impede a conquista futura dos fiéis, seja de bens materiais, saúde ou emprego. Para vencer, o fiel tem que resisti-lo e combatê-lo.

A segunda característica é uma marca comum aos neopentecostais, tanto católicos quanto protestantes, pois não afastam a possibilidade de riqueza, antes pregada pelo pentecostalismo tradicional. Visto que os neopentecostais, como tratamos acima, surgem em uma sociedade sedenta por conquistar aquilo que a modernidade não deu conta. Sobre esse fato, Passos (2006, p.131) afirma que “[...] as promessas modernas de bem-estar, há muito falidas, são transferidas para o plano sobrenatural e ‘possibilitadas’ por gestos rituais. Deus é o Deus do ouro e da prata, o senhor da prosperidade econômica e existencial”. Como consequência, caem por terra todos os elementos que não levam a uma possibilidade aberta de melhoria de vida, junto com isso a própria legalização, que configura a terceira característica.

Nos capítulos a seguir, tratamos do aspectos metodológicos dessa pesquisa e em seguida na análise propriamente dita.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa está vinculada a uma linha de estudos que busca investigar os fenômenos de linguagem que se constituem a partir da relação entre os discursos produzidos pelos sujeitos e a sociedade na qual estes estão inseridos, isto é, da relação entre discurso e sociedade.

No conjunto desses estudos, situamo-nos na perspectiva epistemológica e metodológica dos Estudos Dialógicos da Linguagem. Nela, cabe ao pesquisador não antever as categorias analíticas que serão aplicadas aos dados dos objetos de estudo, mas antes observar atentamente as regularidades e as singularidades que emergem dos dados extraídos desse objeto. Só a partir daí buscam-se categorias analíticas que possam dar conta de compreender e explicar os fenômenos inerentes a determinados acontecimentos enunciativos.

O pesquisador é, portanto, um ser ativamente responsável pela compreensão e explicação que produz a partir da análise dos dados. Por outro lado, como seu objeto de estudo é o discurso, ele não pode silenciar o ser que fala, pelo contrário, sua análise é antes mais um diálogo que se estabelece com o discurso do sujeito em investigação. Por esse motivo, segundo Rohling (2014, p. 48)

Nesse contexto epistêmico-metodológico, estabelecer o objeto, gerar os dados de pesquisa e circunscrever os espaços de pesquisas (suas delimitações) constitui um trabalho teórico-metodológico do pesquisador cuja base é de natureza dialógica e axiológica.

O pesquisador também se constitui um agente (um autor) que procura adentrar no mundo do pesquisado para conhecê-lo, senti-lo, ouvi-lo e, ao retornar à sua posição de observador, dar-lhe uma certa interpretação de modo que explique o fenômeno sem deformá-lo nem denegri-lo. Isso nos leva à concepção de responsabilidade moral e especial apontada por Bakhtin ([1986] 2010) e compreendida desta forma por Rohling (2014, p. 48-49):

A responsabilidade especial corresponde ao significado objetivo, isto é, tem relação com o conteúdo unitário relativo ao domínio da cultura. Já a responsabilidade moral está relacionada ao evento único do ato (BAKHTIN, 2010[1986]: 43). Na pesquisa dialógica, em todo momento, o pesquisador trava um diálogo entre essas duas facetas da responsabilidade, pois faz parte da posição de pesquisador objetificar os dados, conferindo-lhes sentidos validados no campo epistemológico (responsabilidade especial). Por outro lado, o pesquisador se coloca em um lugar ético-responsivo no ato de se fazer pesquisa, um lugar de *não-álibi* em que ele não pode não dizer/calar e, ao mesmo tempo, não pode fragilizar o campo ou silenciar os sujeitos implicados na pesquisa (responsabilidade moral).

Tal afirmação é de essencial importância, pois, como nos adverte Amorim (2004, p. 29-30), o objeto de estudo não é um dado *a priori*, mas antes uma construção feita pelo pesquisador a partir de uma concepção teórica específica, o que já marca sua posição valorativa e certo viés avaliativo.

Portanto, a partir da observação de nossos dados e compreendendo que nossa pesquisa é mais um elo na cadeia comunicativa desse diálogo incessante entre vozes sociais, traçamos o percurso metodológico a seguir.

3.1 DELINEAMENTO E *CORPUS* DA PESQUISA

Este trabalho, segundo a abordagem, pode ser classificado como qualitativo. De acordo com Minayo (1995, p.21-22),

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No nosso caso, trabalhamos com um fenômeno imensurável, a autoria, que não se presta a uma observação quantitativa, devendo ser investigado na sua relação com o contexto que o envolve assim como com os participantes que o integram (GODOY, 1995, p. 21).

De acordo com o objetivo, trata-se de uma pesquisa interpretativa de caráter responsivo, pois tem como propósito compreender os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de um fenômeno. Buscaremos, nesse caso, a compreender fatores que determinam a constituição da autoria na pregação religiosa neopentecostal.

Para sua realização, foram selecionadas pregações religiosas disponíveis no site da ADVEC¹⁵. Nesse caso, as fontes de nossos dados podem ser consideradas documentos, pois encontram-se em arquivos digitais dessa instituição religiosa. Esses documentos ainda não haviam passado por um tratamento analítico, estando apenas à disposição dos usuários no site da instituição. Partindo dessas indicações, quanto à obtenção dos dados, este estudo configura-se como uma pesquisa documental, pois esse tipo de pesquisa entende como documento as mais diversas fontes, “sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas,

¹⁵ <http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advec/multimedia-cultos-gravados.cfm>. Também podem ser visualizadas no site Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=1vxKH5TPV0I>.

relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.” (FONSECA, 2002, p. 32).

Nosso *corpus* é composto por cinco pregações, produzidas por um mesmo pastor, com formação em teologia e também em administração empresarial, campos do conhecimento que acabar por deixar marcas linguísticas e discursivas constantes em seu discurso. Após a audição e observação atenta dos dados, foi selecionada uma pregação com duração de uma hora, trinta minutos e um segundo, que corresponde a amostra do que foi observado no conjunto do *corpus*. Durante esta etapa, percebemos que alguns elementos se destacavam em todas as pregações enunciadas, o que nos levou a identificá-los como elementos constitutivos da arquitetura da autoria nesse gênero do discurso, tais como a distância, o excedente de visão, a diretriz volitivo-emocional, o acabamento e o centro axiológico; sendo que nossa amostra apresenta dados mais claros que nos levaram a cumprir o intuito de compreender como o autor-pregador se constitui nesse gênero discursivo.

A função do pregador é transmitir a palavra de Deus por meio da pregação, um gênero que tem como materialidade a oralidade. Por esse motivo, marcas comuns à transmissão do discurso de outrem na escrita tais como as aspas, o travessão e, por vezes, até mesmo o *verbum dicendi* não aparecem na oralidade, mesmo nas variantes do discurso direto. No entanto, estes verbos (os *dicendi*) são uma das poucas marcas encontradas tanto na escrita quanto na oralidade, mesmo que algumas vezes sejam omitidos na forma oral.

Outro fator importante para a compreensão do movimento autoral nesse gênero é o reconhecimento do contexto imediato no qual ele está inserido. A pregação selecionada foi proferida no final do ano de 2014, mais precisamente na semana anterior ao período natalino do referido ano. Esta data sugere um período de mudança, na passagem de um ano a outro, cuja esperança por novas conquistas e melhoria de vida é sempre renovada, o que determinou, em certa medida, a temática da pregação em tela: a liberação do potencial oculto no fiel. Este “potencial” seria algo que Deus deu ao crente desde seu nascimento e que após aflorar transformaria a vida deste para melhor. O momento, portanto, torna oportuna a discussão do tema.

Além do período em que foi proferida, cabe esclarecer ainda que a ADVEC divide suas atividades eclesiais em cultos temáticos: Culto da Celebração, Escola Dominical, Santa Ceia, Culto da Palavra e Culto da Vitória. Estes cultos são semanais e permanentes. Outras atividades também são desenvolvidas, mas ou são anuais ou mensais.

A pregação que selecionamos faz parte do Culto da Vitória, que é um culto cujos temas buscam orientar os fiéis para obtenção de sucesso na vida material, saúde, finanças etc. Esse é

um fator importante, pois o Culto da Vitória é um exemplo cabal de como os neopentecostais dirigem suas atenções para as necessidades cotidianas do fiel, mas sempre vinculando suas conquistas à concessão divina.

No conjunto de eventos de um culto, a pregação é o ápice, o momento específico de transmissão da palavra de Deus. Em geral, ela é proferida por um pastor com conhecimentos teológicos, como é o caso de nosso *corpus*.

Alguns eventos a antecederam. Primeiramente, um momento de oração no qual o pastor pede a Deus para derramar bênçãos para os fiéis, pois é Culto da Vitória. Em seguida, uma cantora gospel canta alguns hinos, é o chamado momento de louvor. Na sequência, outro pastor ocupa o púlpito para aconselhar os fiéis que, no período natalino, se preocupem mais em ofertar a Deus que em gastar com os festejos de final de ano, acrescentando que este momento não deve impedir que eles ofertem a Deus o que têm de melhor. Nesse momento, são distribuídos os envelopes nos quais os fiéis contribuem com suas ofertas, ao mesmo tempo em que o instrumental da igreja toca uma música. Após esse evento são lidas mensagens escritas por fiéis nas quais agradecem pelas bênçãos conquistadas. Em seguida, são informados os eventos que acontecerão durante a semana natalina. Após essa sequência de eventos, o pastor que ministra a pregação é convidado a ocupar o púlpito. Assim ele dá início à pregação. Esses elementos constituem a situação imediata da produção do enunciado do autor-pregador e devem ser levados em consideração no momento de nossa análise, pois determinam, em alguma medida, como elementos externos mais imediatos, o que deve ou não ser dito na referida pregação.

3.2 TRATAMENTO DOS DADOS

Como as pregações são fontes orais, para melhor controle e observação dos dados, foi feita uma transcrição baseada no modelo do Projeto NURC – Norma Urbana Culta. No texto transcrito foram observados e selecionados os fragmentos que correspondiam às formas de transmissão de discurso de outrem, sendo agrupados e classificados de acordo com a variante na qual cada fragmento se enquadra, para que pudessem ser descritos segundo sua natureza linguístico-estilística, enunciativa e discursiva no contexto da pregação em que estão inseridos. Assim, os fragmentos devem ser compreendidos como enunciados constitutivos do todo da pregação e não como um elemento isolado desta.

Em seguida, nos detivemos na observação atenta das formas como cada variante se organizava na pregação, a fim de selecionarmos apenas aqueles fragmentos que melhor correspondessem a nosso procedimento de análise.

Tal seleção levou em consideração ainda os pressupostos teóricos dos Estudos Dialógicos da Linguagem, o que nos direcionou ao que chamamos de “arquitetônica da autoria”, isto é: a distância, o excedente de visão, o acabamento e a diretriz volitivo-emocional concreta e centro axiológico, uma vez que os dados apontavam na direção dessas categorias analíticas, conforme descritas na seção 1.3.

Após esse percurso e tendo selecionado as vozes presentes na pregação, concluímos que a pregação religiosa agrupa três conjuntos de vozes, que se materializam em algumas variantes, quais sejam: a voz divina, a voz do fiel e a voz do diabo. Por esse motivo, decidimos analisar como o autor-pregador relaciona-se com cada uma dessas vozes nas diferentes categorias analíticas citadas acima. Cabe ainda explicar que, por voz divina, entendemos tanto a inserção, no interior do enunciado do autor, do próprio Deus falando, que chamamos de “voz divina propriamente dita”, quanto os versículos bíblicos, que denominamos de voz divina bíblica.

Tomamos como parâmetro para tal seleção a natureza da autoria no acontecimento religioso, seguindo os ensinamentos de Bakhtin, que se constitui na relação entre duas consciências: a do autor e a consciência englobante de Deus. Também, em termo de natureza do acontecimento, reconhecemos a diferença hierárquica entre o plano espiritual e o plano temporal (dos homens), conforme descrito por Orlandi. Com isso, a voz divina e do diabo comportam o plano espiritual, enquanto a voz do fiel, o temporal.

Em seguida, buscamos analisar a relação do autor-pregador com as diferentes vozes que se instauram na pregação religiosa a fim de identificar o estatuto dele nesse gênero do discurso. Cabe lembrar que autor-pregador aqui corresponde a uma posição axiológica que reflete e refrata as situações sócio-históricas que o cercam retratadas de maneira singular no sermão.

Com relação ao procedimento da sequência analítica, o fizemos a partir de categorias que chamamos de arquitetura da autoria: Distância, Excedente de visão, Acabamento, Diretriz volitivo-emocional concreta e Centro axiológico. Considerando o fato de todas as categorias estarem interligadas entre si, construímos uma análise integrada, ou seja, na medida em que fomos analisando as formas de relação e inserção das vozes de outrem na pregação, fomos explicitando o processo de construção da enunciação por meio de cada uma das categorias supracitadas.

Observamos, portanto, simultaneamente à arquitetura da autoria, as diferentes relações que o autor-pregador estabelece com as diferentes vozes (divina, do fiel e do diabo) e como essas relações refletem e refratam as condições sob as quais a enunciação é produzida no acontecimento religioso da pregação, buscando descrever e explicar o movimento autoral do autor-pregador como uma posição axiológica, que por um lado é determinada por seu contexto

de produção, mas por outro faz escolhas individuais das diferentes vozes e as organiza de acordo com sua intenção comunicativa.

4 O PROCESSO AUTORAL NA PREGAÇÃO RELIGIOSA NEOPENTECOSTAL

Este capítulo tem como objetivo desenvolver uma análise da autoria na pregação religiosa neopentecostal, tomando como categorias de análise o que chamamos de arquitetura da autoria: a distância, excedente de visão, diretriz volitivo-emocional concreta, acabamento e centro axiológico. Como todas as categorias estão interligadas e compõem o todo do processo autoral, durante a análise, selecionamos alguns fragmentos da pregação que possibilitaram explicitar o funcionamento da arquitetura da autoria, evidenciando, em diferentes momentos, a categoria que se destaca em relação às vozes citadas.

Nos recortes escolhidos marcamos em negrito os discursos citados referentes à voz divina, à voz do diabo e à voz do fiel e as descrevemos em termos linguísticos e estilísticos, evidenciando se as vozes são introduzidas na enunciação de forma linear ou pictórica, o que nos permitiu analisar como o autor-pregador articula as diferentes vozes na pregação e qual o lugar dele nesse processo enunciativo.

A pregação em análise, que foi enunciada no Culto da Vitória, um dos eventos realizados semanalmente pela ADVEC nas quintas-feiras à noite, este, mais especificamente, próximo ao período natalino, no dia 18/12/2014. Tal culto tem como característica a temática da realização pessoal do fiel, a busca por uma “vitória” por meio da graça divina.

Vale salientar que nesse período a ADVEC estava promovendo uma campanha chamada de “Campanha da vitória”, cujo objetivo seria o fiel pedir a Deus uma conquista em uma área específica e em contrapartida teria que participar de sete Cultos da Vitória consecutivos.

No espaço atrás do púlpito, um grande painel de lona com a imagem de uma porta branca aberta e no centro dela gramíneas verdes na parte inferior e um sol brilhante na superior; ao lado esquerdo dessa imagem, está inscrito o número 2015 e no direito, ANO DA OPORTUNIDADE, ambos em letras garrafais e em tom cinza cromático que destaca a informação. Este painel aponta para o sentido de passagem de uma situação a outras, a porta indica a passagem de um ano a outro e, ao mesmo tempo, da situação atual à oportunidade vindoura no ano seguinte e, conseqüentemente, a uma mudança de vida por meio da vitória que o fiel possa vir a alcançar.

Este ambiente ampara a pregação em análise, intitulada “Arrancando do cárcere o potencial de Deus”. A temática desenvolvida nela gira em torno de um potencial que Deus, segundo o pregador, teria dado ao fiel antes mesmo de seu nascimento e que ele (o fiel) teria que desenvolver durante a sua vida. Mas para que isso aconteça, teria que superar os empecilhos impostos pelo diabo que deseja impedir que tal potencial seja desenvolvido. O autor-pregador,

portanto, introduz e se relaciona de diferentes maneiras com as vozes dessas três “entidades” discursivas: Deus, o fiel e o diabo.

Em termos composicionais, a pregação está estruturada da seguinte forma:

TÍTULO: Arrancando do cárcere o potencial de Deus

I. INTRODUÇÃO

A. *Ilustração*: Atos 12: 1 – 11.

B. *Transição*: Comparação do domínio do rei Herodes com o domínio do diabo nos dias atuais: tentativa de impedir que o fiel desenvolva o potencial de Deus na terra.

II. DESENVOLVIMENTO: desdobramentos do assunto abordados por meio da contextualização da forma como cada personagem bíblico desenvolveu seu potencial ou foi impedido de desenvolvê-lo e como o fiel deve agir para conquistar o potencial existente nele:

A. Tiago era um potencial de Deus

1. Herodes prendeu e destruiu Tiago
2. O diabo pode prender o seu potencial e destruir você

B. Atitude é a forma de despertar o potencial de Deus

1. Pedro teve atitude e as cadeias do cárcere caíram
2. Pedro despertou o potencial de Deus

C. Você é um potencial de Deus

1. Tenha atitude e as cadeias do cárcere vão cair
2. Você despertará o potencial de Deus

III. CONCLUSÃO

A. *Resumo aplicativo*: Se o fiel tiver atitude em 2015 as cadeias do cárcere vão cair e ele desenvolverá o potencial de Deus e conquistará a vitória desejada.

B. *Apelo*: Convite aos fiéis para que dirijam-se à frente do púlpito para que seja feita uma oração em função da liberação do potencial de Deus neles.

Verifica-se, portanto, que ao longo da estruturação dessa pregação a temática é desenvolvida por meio da relação entre personagens: Deus, o fiel e algumas representações do diabo. Ao longo desta análise, constataremos que tais personagens surgem como vozes que

interagem entre si na construção do todo desse gênero. Como o autor-pregador participa desse processo enunciativo é o que buscamos analisar, a fim de verificar o processo autoral na singularidade de uma posição axiológica que ocupa um lugar único e responsável por aquilo que enuncia a partir de sua relação com o(s) outro(s).

4.1 A compreensão da palavra alheia: o processo arquitetônico do autor-pregador

A arquitetura da autoria se constitui da (inter)relação entre a distância, o excedente de visão, a diretriz volitivo-emocional concreta e o acabamento que envolvem e concluem relativamente o centro axiológico (um ser) a partir de uma posição valorativa, ou seja, a partir de um autor. Assim, o autor trabalha a linguagem do outro no interior de seu próprio discurso.

Com relação a esses seres (outros) o autor detém sempre um excedente de visão, ou seja, ele está sempre os olhando de fora e desse lugar, fora do outro, ele os conclui (relativamente) dando um certo acabamento, construindo uma imagem deles em função da temática e dos envolvidos naquele evento comunicativo. Essas imagens do outro são dadas tanto pelo contexto discursivo criado pelo autor quanto pelas vozes desses outros que o autor seleciona e valora, uma vez que as vozes revelam uma diretriz volitivo-emocional concreta: dito de outra forma, expressam desejos, anseios, sentimentos dos seres objetivados, ou seja, tornados imagem concreta da pregação em tela.

A pregação, portanto, se organiza em torno de três centros axiológicos: o fiel, Deus e o diabo. Como vimos, o discurso religioso comporta sempre dois planos: o espiritual e o temporal. Logo, o diabo e Deus fazem parte do plano espiritual e são valorados opostamente: o primeiro tem valor negativo e o segundo positivo. O fiel encontra-se no plano temporal e os valores que daí se originam são afetados pela relação de subordinação deste plano em relação ao espiritual. E todos eles são abarcados pelo ato concreto enunciado pelo autor-pregador: a pregação.

Vejamos como todos esses aspectos que envolvem a arquitetura da autoria encontram-se organizados no todo da pregação enunciada:

Ao iniciar a pregação, o autor-pregador lança mão de um excerto bíblico:

FRAGMENTO 1	
L5	Amém... minha gente... vamos abrir nossas bíblias Atos dos apóstolos... capítulo de número doze a partir do versículo de número um... deixa tua bíblia aberta... que eu vou citando o versículo e vamos comentando pra gente aproveitar bastante o tempo... atos dos apóstolos capítulo de número doze a partir do verso UM... acharam?! amém?!... e por aquele mesmo tempo o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja para os maltratar... e matou à espada Tiago irmão de João... e vendo qui:... isso agradara aos judeus... continuou... mandando prender também a Pedro e eram os dias dos ázimos... ¹⁶ deixe a sua bíblia aberta nós vamos ler até aqui e... depois nós vamos mais alguns versículos à frente... oquei?!...

Esse excerto revela um primeiro momento de distanciamento e excedente de visão do autor-pregador em relação ao outro e à linguagem do outro. Segundo Bakhtin (2011, p. 23), o autor vivencia o mundo nos tons volitivo-emocionais do outro e assim consegue “entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo dele, tal qual ele o vê” e depois retorna a seu lugar singular no mundo e completa esse mundo do outro com o excedente de visão e conhecimento do qual dispõe o autor.

No caso do excerto do fragmento (1), o autor-pregador seleciona uma passagem bíblica para sua exposição, passagem esta que retrata o momento em que o rei Herodes perseguiu os discípulos de Jesus Cristo chegando a prender e matar Tiago. Como o povo judeu aprovara a atitude do rei, ele prendeu também Pedro.

Em termos linguísticos e estilísticos, temos um estilo linear de transmissão do discurso de outrem, na forma de base do discurso direto. As fronteiras entre o contexto narrativo do autor-pregador e o discurso citado é demarcada tanto pelas pausas quanto pela explicitação do capítulo e versículos, que indicam a origem exata do excerto, estabelecendo uma fronteira nítida entre a palavra do autor e a palavra do outro. Como esta voz já se encontra pré-definida, isto é, registrada em um livro sagrado e não pode ser utilizada em vão, o autor-pregador apenas se apropria dela, mas não faz modificações, serve-o apenas como base estável para construção e sustentação de um sentido novo que ele revelará mais adiante. Chamaremos esta marca estilística de *apropriação*: quando o autor apenas cita um discurso previamente conhecido sem fazer-lhe alterações.

¹⁶ Bíblia Sagrada, Atos 12: 1-3.

O autor-pregador, no entanto, após contextualizar essa passagem informando sobre a perseguição do rei aos discípulos, acrescenta a ela o seu excedente de visão e reacentua¹⁷ a passagem a partir de sua perspectiva, avalia, portanto, da seguinte forma:

FRAGMENTO 2	
L14	[...] aqui fala do domínio do rei Erodes... e eu quero trazer... esse tema... para os dias atuais para a sua vida e pra minha vida... e a primeira coisa que eu gostaria de compartilhar com você... vamos estabelecer um paralelo com o mundo espiritual da malignidade... a bíblia diz este mundo jaz no... maligno... como é o governo... maligno... para impedir para se contrapor a aquilo que Deus quer fazer? Nós sabemos que Deus quer fazer uma grande obra e vai fazer e o faz através de mim através de você através da igreja... e como é que o reino... maligno... que é representado por esse Erodes... como ele se levanta para Impedir essa caminhada e TEntar impedir que esse avanço... então eu gostaria que você acompanhasse atentamente aquilo que acontece na sua vida... Erodes estendeu as mãos para maltratar alguns da igreja... [...]

Neste momento, o autor-pregador primeiro vivencia o relato bíblico presente no fragmento 1, nos tons descritos na Bíblia. Ele, a princípio, não descontextualiza, pelo contrário, ele usa o próprio excerto para fazer o relato e o situa na época do acontecimento: “aqui fala do domínio do rei Herodes”. Só depois de vivenciá-lo nestes termos propõe compreender a passagem por outra ótica e em outro tempo – “os dias atuais”. Nesse caso, a distância entre a voz divina bíblica e a do autor-pregador é marcada pelo afastamento temporal¹⁸ entre o evento relatado e a enunciação da pregação.

O aspecto linguístico e estilístico em relação à voz citada é o mesmo do caso anterior, a diferença é que, nesse caso, a fronteira do discurso citado é apenas esse marco temporal e a explicitação de que é uma passagem bíblica, explicitada pela expressão “a Bíblia diz”.

A ação do autor-pregador sobre a palavra bíblica, a princípio, se dá no aspecto temporal (“eu quero trazer... esse tema... para os dias atuais”), isto é, o novo sentido que ele acrescentará a partir do seu excedente de visão sustenta-se na diferença temporal entre a passagem bíblica e a compreensão avaliativa dele sobre tal passagem.

¹⁷ Para Bakhtin (2010, p. 140), é quando uma palavra ou enunciado alheio passa a ter um novo sentido a partir do enquadramento em outro contexto em função do novo valor atribuído a ele pelo autor.

¹⁸ É necessário não confundir o afastamento temporal do indivíduo, que é um movimento exotópico – pois corresponde a um lugar do autor ou da personagem no espaço específico do tempo –, com o especto geral do tempo que rege todo gênero do discurso, que corresponde a outra categoria Bakhtiniana, o cronotopo. Para maiores esclarecimento quanto a estas duas categorias, conferir o texto AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAINT, Beth. BAKHTIN: outros coneitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2014.

Em seguida, ele centra-se no movimento entre o plano temporal e o espiritual. Assim, divide o mundo espiritual em dois grupos: o da malignidade, expresso no enunciado e o da benignidade, subentendido. O mundo espiritual da malignidade “é representado por “esse Erodes” que deseja “se contrapor a aquilo que Deus quer fazer”, sendo Deus o representante do mundo espiritual da benignidade, subentendido no enunciado. Por outro lado, o plano temporal, dos fiéis, está submetido ao plano espiritual, seja pela via da benignidade divina “[...] Deus quer fazer uma grande obra e vai fazer e o faz através de mim através de você através da igreja... [...]”, seja pela via da malignidade: “[...] este mundo jaz no... maligno... [...]”.

A partir dessa relação tríade estabelecida entre os planos e os centros axiológicos (Deus, o diabo e o fiel) se desenvolve toda a pregação. Do que vimos, podemos dizer que o plano espiritual da malignidade é valorado negativamente enquanto o da benignidade positivamente. Sendo o plano temporal subordinado ao espiritual, torna-se o fiel suscetível à interferência do bem e do mal. Assim, tudo no fiel resulta dessa relação.

A noção de tempo torna-se determinante, uma vez que os planos comportam noções temporais totalmente distintas, mas interrelacionadas. No plano espiritual, o tempo é eterno; enquanto no temporal, é finito e afeta os valores da vida do homem. Nessa relação temporal entre os planos, a vida do fiel é medida pelo seu nascimento e sua morte, entendidos como um momento (finito) dentro da infinidade da eternidade.

Assim, na visão do autor-pregador, o homem nasce e morre dentro de um determinado momento da eternidade. Isto é, a vida inteira do homem corresponde a um momento valorado da eternidade, cuja função é realizar uma demanda divina. O elemento cujo valor determina a existência do fiel é o “potencial”, único capaz de fazer com que o fiel cumpra o propósito de Deus na terra:

FRAGMENTO 3	
L169	[...] mas era você quem tinha de nascer... aí Deus sabia que era você que tinha que nascer... porque o potencial para atender a demanda de Deus dentro dum tempo da eternidade Deus já tinha colocado em você antes mesmo de sua mãe te conhecer e antes mesmo de você ser concebido... aí vai Deus torcendo por você... vai lá... vai lá... é aquele lá... é meio tortinho... tinha gente esperto na frente... ((faz mímica como de um piloto e ruído [uá uá uá])) dá cabeçada no óvulo e não entra... Deus... trava ele! Trava! ... num entra... aí vem você meio torto... prá lá meu fi... pra lá... aí dá uma rodada e não sai do lugar... pra lá ((o pregador faz cara de quem quase chora))... aí tu chega no óvulo E entra VÁ... Deus... yés!... meu filho minha filha vai atender uma demanda num determinado tempo da eternidade... porque eu já coloquei um potencial dentro dele... que o capacita fazer tudo que ele necessita fazer... estenda suas mãos assim!... ((estende as mãos com a palma para cima)) Deus já colocou dentro de você tudo aquilo que

	você precisa pra vencer!... você pode receber e aplaudir a Jesus?... ((Fiéis aplaudem))...
--	--

Nesse momento, o autor se põe como um contemplador de um evento – o nascimento do fiel – que ele mesmo simula a forma pela qual tenha acontecido. Tal momento poderia ser descrito de diferentes formas, mas de seu lugar único e responsável de contemplador, o autor-pregador seleciona uma voz divina específica e a enquadra em um contexto avaliativo próprio, criando uma imagem de Deus como um torcedor: “[...] e vai Deus torcendo por você [...]”. Não qualquer torcedor, mas um fervoroso, que sofre ao perceber os desafios enfrentados pelo fiel (ainda um espermatozoide) que ele escolheu para nascer “[...]... **prá lá meu fi... pra lá...** aí dá uma rodada e não sai do lugar... **pra lá** ((o pregador faz cara de quem quase chora))... [...]”.

Note-se que a ideia de que Deus criou o fiel com um potencial para cumprir uma demanda na terra não estava presente no versículo de Atos dos apóstolos que inicia a pregação, isto é, a Bíblia enquanto “a palavra de Deus” não fornece elementos suficientes para sustentar o argumento do autor-pregador, então ele simula um evento e uma voz divina que aparece apenas nesta pregação. Esta voz não é predeterminada, não é um já-dito definido no livro sagrado, porém é ela quem justifica o argumento do autor-pregador. Quando ela é lançada em seu enunciado acrescenta um valor de verdade ao evento. A inserção da voz de Deus no estilo direto, como se fosse a própria divindade falando, justifica ponto de vista do pregador: “[...] Deus... yés!... meu filho minha filha vai atender uma demanda num determinado tempo da eternidade... porque eu já coloquei um potencial dentro dele... que o capacita fazer tudo que ele necessita fazer... [...]”.

Nesse caso, não há apropriação de uma voz pré-definida, mas a simulação tanto de um evento quanto da própria divindade falando. Cria-se com isso uma forma discursiva de manifestação do sagrado. Simula-se no interior mesmo do discurso uma ação divina sobre o fiel. Essa forma aparece em outro momento da pregação resultando numa característica estilística, por isso a denominamos de *hierofania discursiva*, ou seja, a simulação discursiva da manifestação do sagrado.

Esta forma de inserção do discurso direto é feita no estilo pictórico, uma vez que a voz divina é antecedida por avaliações que determinam como ela deve ser compreendida. No excerto acima isso ocorre com o uso de expressões faciais para indicar que Deus falava quase chorando e do verbo torcer em “Deus torcendo”. As avaliações do autor interferem, portanto, diretamente na forma como deve ser compreendida a voz de Deus.

Em tal evento (o nascimento) exclue-se praticamente todo ato natural ou humano, uma vez que em termos biológicos a fecundação e o nascimento são determinados pela relação entre um homem e uma mulher. Mas no excerto do fragmento (3) exclui-se a determinação humana, todo evento é descrito como um ato divino. Nesse caso, a interferência divina agrega um valor positivo enquanto a humana é neutra: o homem é objeto da vontade de Deus.

É possível compreender ainda que aí também exclui-se o fator social e histórico, pois basta ter o potencial e o ser humano cumprirá a demanda de Deus na terra, estes dependem da interferência do espiritual na vida humana e seu valor varia de acordo com a interferência da malignidade ou da benignidade.

Assim, o centro axiológico do mal, o diabo, aparece interferindo na vida do fiel de diferentes formas e por meio de diferentes agentes:

FRAGMENTO 4	
L103	[...] você é o potencial de Deus na terra... Deus trabalha através de indivíduos... Deus trabalha com pessoas nós somos o potencial de Deus na terra... que que Herodes faz?
L104	Vamos pegar esse cara... seu potencial... a gente pega ele e o resto vaza... o que é que a bíblia diz ferireis o pastor e as ovelhas se dispersam... pega Pedro... prende Pedro... amarra Pedro... primeira coisa que só agradou a religioso aos religiosos...
L106	irmão! ô Jesus dos crentes misericórdia! ... quer ver alguma coisa agradar a alguns “religiosos”...(faz sinais de aspas nesta palavra) são aqueles que combatem pela fé começar a responder processo... a ter problema... cê quer ver um negócio que vou dizer aqui? Aproveitar o dia... mais feliz... na vida de alguns religiosos seri:a e vão ficar querendo... o dia em que Silas Malafaia saísse da televisão... ia ter religioso dando glória a Deus cambalhota virando hã hã hã... há vibrando... porque religioso ele vibra por causa de desgraça dos outros... ele vibra com problema no evangelho... a legalidade dele a religiosidade dele ele não quer combater o mal ele se associa ao mal... ele não confronta o mal... ele convive com o mal... ele não se livra do mal... ele caminha paralelamente ao mal... e essa gente não gosta do confronto... fica
L117	arranjando confusão... fica arranjando increnca... sabe há a melhor coisa é ter paz como alguém no mundo dizendo há o diabo não tem nada com essa encrenca... paz e amor capeta...você lá e eu cá... quem se constitui amigo do mundo se torna inimigo
L119	de Deus... é impossível a gente ter amizade com as coisas do mundo... com a regra do mundo... como tá sendo pregado e feito no mundo... com esse mundo de pecado... nós não temos comunhão...

Neste fragmento, o diabo aparece representado de duas formas: Herodes e o religioso. O primeiro associado ao passado por meio da ação do rei contra o discípulo de Jesus Cristo, Pedro. O segundo, ao presente. O religioso é aqui diferente do fiel, pois é uma representação social do mundo espiritual da malignidade que interfere no dia a dia dos fiéis. Assim, tudo aquilo que interfere negativamente na vida do crente ali presente é representação maligna.

O contexto avaliativo do autor-pregador coincide com os valores divinos e opõe-se a tudo que não converge com eles. É notável, por exemplo, a diferença de estatuto entre a voz de Deus e a voz do diabo: aquela tem autonomia, esta aparece sempre atrelada a alguma figura humana. Apesar de ser uma entidade do plano espiritual, sua voz é sempre representada através de Herodes, do religioso etc.

Assim, o fato de Herodes prender Pedro é reacentuado como uma ação do diabo para impedir o discípulo de exercer o seu potencial. O excedente de visão e conhecimento do autor-pregador nesse excerto é fundamental para a construção de sentido dessa passagem histórica. Nesse caso, o autor não apenas descreve o evento, ele compreende a ação de Herodes como um ato do diabo para impedir o desenvolvimento do potencial de Pedro e também para desencorajar os outros discípulos a não desenvolvê-lo: “que que Eroles faz? **“Vamos pegar esse cara... seu potencial... a gente pega ele e o resto vaza... [...]**”.

Neste caso, a voz de Herodes é simulada pelo autor-pregador como se o rei realmente tivesse dito isso, justificando tal ato, quase que profeticamente, com a remissão a outra passagem bíblica **“ferireis o pastor e as ovelhas se dispersam”**, que remete aos textos Zacarias 13:7, Mateus 26:31e Marcos 14:27. Note-se que o autor-pregador não menciona qual das passagens ele está retomando, apenas afirma que a “Bíblia diz”. Ora, em Zacarias a passagem é uma profecia sobre os últimos dias de Jerusalém, enquanto em Marcos e Mateus trata-se da prisão de Jesus. Mas a seleção dessa voz bíblica não surge por acaso: acrescentando a ela seu excedente de visão e conhecimento, o autor-pregador a retoma para justificar a sua afirmação de que Herodes prendeu Pedro para desencorajar os discípulos e assim inibir os potenciais de Deus na Terra. Temos novamente nesse excerto a *apropriação*, uma vez que a passagem bíblica em si não é alterada.

Quanto à voz do diabo, temos uma *simulação*. Este caso difere da hierofania discursiva, pois o sagrado não se revela, mas apenas um ser humano que é interpretado como se fosse o diabo, o homem aqui é um mensageiro, não o diabo em pessoa, como no caso do religioso, que não é retomada do texto bíblico, mas inserida como uma simulação de alguém dizendo **“irmão! ô Jesus dos crentes misericórdia”**, que faz aparecer no discurso um tipo específico de personagem, no caso em análise, o religioso: uma representatividade do diabo. A simulação, portanto, em suas diferentes formas, constitui um aspecto estilístico da pregação neopentecostal. Em termos linguísticos, ela aparece a forma de discurso direto, mas sempre no estilo pictórico, uma vez que sua inserção no interior da enunciação do autor-pregador é abarcada por todos os lados pelo ponto de vista do autor.

Não cessa aqui a visão do autor-pregador. Em sua compreensão do evento bíblico faz uma transposição para o cotidiano dos fiéis ali presentes e a figura que representa o mundo da malignidade agora é o “religioso”. A principal característica deste é a oposição à ação das lideranças religiosas que confrontam o diabo:

[...] essa gente não gosta do confronto... ***fica arranjando confusão... fica arranjando incrensa... sabe há a melhor coisa é ter paz*** como alguém no mundo dizendo ***há o diabo não tem nada com essa encrensa... paz e amor capeta...você lá e eu cá...*** [...].

Assim, opor-se às lideranças religiosas é o mesmo que se associar ao diabo, é ser um “religioso”. E religioso “se constitui amigo do mundo se torna inimigo de Deus...”. Logo, contrapor-se ao próprio pregador como liderança é opor-se a Deus. Esse trecho dialoga com o texto bíblico de Tiago 4:4: “aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”. Nesse caso, temos uma apropriação dissimulada¹⁹, nesses casos a inserção do discurso do outro é feita sem marcas formais que separam o discurso citado do discurso citante. Assim a palavra do autor se mistura a palavra bíblica e esta é enunciada como se fosse dele.

Neste sentido, o ponto de vista do autor-pregador é retomado e em seguida confirmado pela voz de Deus propriamente dita. Esta, diferentemente da voz do diabo, tem autonomia e por vezes se mistura à do autor-pregador e este fala como se fosse o próprio Deus, mas nos tons valorativos da divindade:

FRAGMENTO 5	
L213	... toda promessa de Deus é um desafio... diga pro teu irmão aí... toda promessa de Deus é um desafio! ((fiéis repetem))... <i>é Deus dizendo corre atrás que você consegue... mas vou conseguir como Deus?... Eu já coloquei dentro de você um potencial!...</i>

No fragmento (5), o autor-pregador argumenta que quando Deus promete algo ao fiel é porque este conseguirá alcançar, mesmo que pareça muito difícil, porque a promessa divina é na verdade um desafio. Inserindo a voz divina no estilo indireto, o autor-pregador compreende a promessa como “*Deus dizendo corre atrás que você consegue*”. Note que aqui não é Deus falando diretamente com o fiel, mas a análise do conteúdo da promessa divina nas palavras do autor-pregador. Não é o próprio Deus que diz, mas uma avaliação do autor-pregador sobre a

¹⁹ As formas de dissimulação do discurso são tratadas em detalhes no texto bakhtiniano “O discurso no romance” e “Marxismo e filosofia da linguagem”.

promessa feita por Deus ao fiel. Novamente nesse caso, acrescenta-se à palavra divina o excedente de visão e conhecimento do autor-pregador. Diferentemente do que acontece nos enunciados subsequentes, por meio dos quais é simulado um diálogo entre Deus e o fiel: “[...] **mas vou conseguir como Deus?... Eu já coloquei dentro de você um potencial!...** [...]”. O pregador, nesse caso, assume a voz de Deus e do fiel ao mesmo tempo. Como fiel ele indaga como irá conseguir superar o desafio e assumindo a voz divina responde de forma enfática “Eu já coloquei dentro de você um potencial!”. É como se o sagrado se revelasse por meio desse diálogo: a pura representação da interação entre Deus e os homens. Como vimos, esse é mais um caso de hierofania discursiva.

Em termos linguísticos, no primeiro caso temos um discurso indireto, na variante analisadora de conteúdo, assim o autor-pregador transmite apenas o conteúdo que lhe interessa daquilo que Deus realmente teria dito e não as próprias palavras da divindade. Essa forma é geralmente introduzida pela locução “é Deus dizendo”, que indica que as palavras citadas correspondem ao que se compreende da enunciação de outrem. Logo, a análise de conteúdo pressupõe a seleção daquilo que o autor-pregador quer dizer sobre o discurso do outro. Já nos casos de simulação, como na hierofania discursiva acima, há sempre a introdução do discurso direto do outro, mas como é simulado, este sempre é dado ao mesmo tempo nos tons valorativos do autor-pregador e dos centros axiológicos (fiel e Deus). Dessa forma, ao mesmo tempo que faz uso da palavra do outro ele determina a entonação destas, gerando e associando a um (o fiel) dúvida e a outro (Deus) certeza e autoridade.

Outros aspectos são relevantes nesse excerto em termos da arquitetônica da relação entre o autor-pregador, Deus e o fiel. Trata-se da forma como a diretriz volitivo- emocional concreta evidencia marcas características do próprio fiel, ou seja, da forma como a voz deste é objetivada e como isso cria uma imagem específica do fiel nessa pregação. A voz do fiel reflete incertezas, fraqueza, passividade, aspectos inerentes ao plano temporal e, portanto, refratadas negativamente. Opostamente à voz divina, que corresponde a valores positivados: afirmação, certeza, verdade.

A incerteza, a passividade são aspectos relevantes para a construção da imagem do fiel neste contexto enunciativo, o que gera um relativo acabamento a ele e seu mundo. Com isso, sempre que o fiel é retomado no interior da enunciação surge um mundo baseado na incerteza, na contradição, como no fragmento abaixo:

FRAGMENTO 6	
L3 17	meu irmão se você quer atingir todo seu potencial em cristo você vai ter que ter um tissorão pra cortar cordão umbilical... cê vai ter que escolher entre ser o que Deus quer que você seja ou ser um escravo da família que até diz que te ama mas quer você vê você na prisão... cê precisa pagar o preço do teu potencial... cê pode tá mas pastor eu sei que tenho potencial mas agora eu tô num momento ai eu fico naquele reco reco na máquina de lavar eu fico ali lavando mas eu sei que Deus não me chamou pra isso...

Nesse fragmento é posto em relevo um elemento subjetivo do fiel, a contradição. Note-se que esse aspecto está intimamente ligado com o mundo do fiel, nesse caso, à família. O apego a família seria, na avaliação do autor-pregador, um empecilho ao fiel, impedindo-o de alcançar aquilo que Deus preparou para ele. Tal contradição é explicitada nas palavras do próprio fiel e é marcada pelo uso do operador argumentativo “mas”, que opõe dois pontos de vista no interior de um mesmo enunciado: “**sei que tenho potencial mas [...] fico no reco reco [...] ou eu fico ali lavando mas [...] sei que Deus não me chamou pra isso...**” gerando imagem de um sujeito contraditório, mas também fraco, covarde, acomodado. Essa imagem faz parte de um projeto maior da própria enunciação, que busca construir a ideia de que o fiel ainda não atingiu o seu potencial e sua condição atual é frágil e contraditória.

Essas imagens construídas ao longo da pregação são refrações do autor-pregador com relação aos fiéis ali presentes, nesses casos, “frequentemente, em vez de imagens das personagens, tem-se em vista pessoas aparentemente vivas” uma vez que “a relação do autor com o representado sempre faz parte da composição da imagem” (BAKHTIN, 2011, p. 321).

FRAGMENTO 7	
L453 L454 L456 L460 L463	Ô rapaz tu tá ficando velho vai esperar o quê vai ficar borocoxô esperando há eu tô velho cof cof (imita um idoso tossindo)... acabado ACORDA RAPAZ!... tem muito o que fazer Deus está contando contigo JOVEM deixa de ser banana!... molenga!... é... não vou a igreja não tô cansado... bota sangue nessa veia rapaz bota dinamismo... tenha uma boa ambição de ser alguém na vida! Deus te fez para ser melhor que os teus pais... cê tem que ser melhor do que ELES!... ((fiéis aplaudem e dão glórias a Deus)) ACORDA MINHA IRMÃ! vai deixar tocar o casamento pro buraco?! Mas é que meu marido... sacode a poeira minha irmã! se arrume! vai pro salão mete um vestido em cima! compra uma lingerie! bota esse cara de quatro e miando igual gatinho minha irmã! Vai ficando dando mole pra cojaque... há é que tem uma sirigaita na rua que tá encantando meu marido pastor... ((em tom de deboche)) com essa cara também que se olha no espelho espanta até capeta a meia noite....

Novamente, os pontos de vista do fiel sobre si mesmo e sua vida são dados nos tons valorativos do autor-pregador para refletir e ao mesmo tempo refreter a imagem que se deseja criar do fiel nessa pregação. Mas outro aspecto enunciativo pode ser evidenciado em relação ao mundo do fiel e a si mesmo: o tempo.

O elemento temporal nesse fragmento é relevante em termos axiológicos. O conjunto temático da pregação é sustentado pela ideia de transposição de um ponto a outro no tempo, de um estado de ser do fiel a outro, de um ano (2014) a outro (2015). Nesse sentido, o tempo presente corresponde ao estado de incerteza, estabilidade e inércia com relação ao fiel e seu mundo. Note-se que as vozes dos fiéis são refratadas negativamente em relação ao estado de ser deles no tempo presente. A irmã é impotente, incapaz e despojada de adornos e vaidade:

“ACORDA MINHA IRMÃ! vai deixar tocar o casamento pro buraco?! **Mas é que meu marido...** [...] Vai ficando dando mole pra cojaque... **há é que tem uma sirigaita na rua que tá encantando meu marido pastor...** ((em tom de deboche)) com essa cara também que se olha no espelho espanta até capeta a meia noite....

Enquanto o jovem/rapaz é preguiçoso, inativo e “molenga”:

Ô rapaz tu tá ficando velho vai esperar o quê vai ficar borocoxô esperando **há eu tô velho cof cof** (imita um idoso tossindo)... acabado ACORDA RAPAZ!... tem muito o que fazer Deus está contando contigo JOVEM deixa de ser banana!... molenga!... **é... não vou a igreja não tô cansado...**

Todo o estado de ser “eu tô velho [...] tô cansado” e o mundo do fiel “há é que tem uma sirigaita na rua que tá encantando meu marido pastor...” referem-se apenas ao presente.

Esta imagem do fiel no presente se opõe ao plano espiritual da benignidade, cujos valores são positivamente afirmados. A consonância entre eles dar-se-á apenas no tempo futuro, cujos valores são positivamente afirmados e recobrem tanto o estado de ser quanto o mundo do fiel. Nesse caso, o futuro aponta para a saída da inércia, para a ação, movimento e mudança.

Essa ponte em direção ao estado futuro e à conjunção com o divino dar-se-á, na avaliação do autor-pregador, por meio da “atitude”. Este fato pode ser verificado indiretamente por meio da inserção da voz do apóstolo Paulo:

FRAGMENTO 8	
L83	Tiago se transformou num mártir... e nem todo mundo quer se transformar em mártir... o apóstolo Paulo diz estão pregando o evangelho cês tão chiando cês tão reclamando o quê?... cês ainda não combateram até o sangue! cês não deram o sangue (???) pastores comecem apertar o cerco pra ver se esta festa... essa festa de gente sem firmeza se vai continuar...vai tê gente rapando o rapidinho... aqui amigo... só permanece nessa quem tem verdadeiro compromisso com Deus e que reconhece que a nossa vida não pertence mais a nós mesmos mas pertence a Deus...

Nesse excerto, Paulo aparece sustentando a ideia de que os fiéis estão passivos e que devem lutar por seu potencial “**cês ainda não combateram até o sangue! cês não deram o sangue**”. O verbo “combateram” traz consigo a sensação de movimento, de ação e está valorado opostamente ao estado de ser dos fiéis, soando como uma crítica à falta de atitude efetiva deles.

Importa também notar que esta passagem dialoga com o texto da carta de Paulo a Timóteo²⁰: “combati um bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”. Ora, no contexto da carta, Paulo não critica Timóteo, apenas informa sobre sua trajetória como apóstolo e orienta-o sobre as dificuldades de uma vida cristã naquela época. Ao enquadrar tal passagem na pregação em análise, o autor-pregador cria um outro ambiente para o discurso do apóstolo. Nesse novo contexto, simula uma situação em que Paulo aparece criticando os fiéis e insere, de forma dissimulada, isto é, misturadas com a palavra de outro contexto que não o original, a palavra “combateram”, apelando para a memória cristalizada dos fiéis a respeito da carta a Timóteo.

Associada à Bíblia, a voz de Paulo surge como uma autoridade religiosa sagrada que justifica o argumento de que os fiéis estão passivos perante o mundo espiritual da malignidade. O combate é, portanto, nesse caso, a atitude necessária para a mudança.

Mais adiante o autor-pregador traz a passagem a seguir:

²⁰ 2 Tímóteo 4:7.

FRAGMENTO 9	
L493	[...] você sabe que tem um potencial e a sua atitude vai fazer o potencial entrar em ação... potencial é como uma semente... se não for liberado se não sair da tua mão se não for liberado não se transforma e não dá colheita... <i>atitude é a forma como você manifesta o potencial</i> [...]
	[...]
L 498	[...] a chave que quebra cadeia se chama atitude... o anjo diz levanta depressa quando <i>Pedro teve atitude as cadeiras caíram...</i> [...] <i>tome uma atitude e as cadeias vão cair...</i> a chave da liberdade... atitude... e hoje ele diz cinge com tuas alparcas e assim o fez lança às tuas costas tua capa e segue-me e saindo a seguir olha o que aconteceu!... <i>e não sabia que era real estava sendo feito pelo anjo mas cuidava que era alguma visão...</i>

No enunciado do fragmento (9) a atitude passa a ser explicitada como aquilo que libera o “potencial” do fiel, isto é, “*atitude é a forma como você [o fiel] manifesta o potencial*”. Essa é uma característica, segundo Bakhtin (2011, p. 12), comum ao autor, uma vez que ele não apenas enxerga e conhece mais que suas personagens (aqui, mais que os fiéis) como também conhece e enxerga em outro sentido. No excerto acima podemos verificar novamente o excedente de visão do autor-pregador ao trazer à tona o elemento “atitude”.

Nesse momento da pregação é retomada a leitura de Atos dos apóstolos, agora no versículo de número sete, quando um anjo aparece diante de Pedro, que estava preso, e ordena que ele levante depressa. Assim, o fato de o apóstolo ter se levantado em atendimento à ordem do anjo é compreendido pelo autor-pregador como a “atitude” de Pedro. E em seguida direciona a voz divina bíblica (a voz do anjo) aos fiéis ali presente: “hoje ele diz **cinge com tuas alparcas e assim o fez lança às tuas costas tua capa e segue-me e saindo a seguir**”. Essa voz é, na verdade, o próprio versículo oito de Atos 12 e corresponde à instrução do anjo a Pedro solicitando que o seguisse, com a finalidade de libertar o apóstolo da prisão. E aqui o autor-pregador justifica o próprio título da pregação “Arrancando do cárcere o potencial de Deus”.

Como um construtor, o autor-pregador não apenas vai selecionando o material (as vozes) necessário para a construção da pregação, ele também as organiza e distribui em partes específicas ao longo do processo enunciativo, amalgamando uma parte à outra com elementos transgredientes ao todo do enunciado. A introdução do elemento “atitude” serve de acabamento ao todo tanto da personagem como da própria pregação, pois aqui ele vai dando os últimos retoques em direção à conclusão, no sentido composicional inerente a esse gênero.

Distanciado no tempo (“nos dias de atuais”) em relação à passagem bíblica, o autor-pregador reacentua a figura de Pedro, isto é, o apóstolo aprisionado no passado corresponde ao fiel no presente. O anjo que outrora ordena a Pedro que levante, agora solicita atitude dos fiéis e “hoje diz [...] segue-me [...]”. A passagem bíblica aqui tem a função de acabamento do todo do enunciado, ela vai concluindo a intenção comunicativa do autor, diferentemente das citações iniciais, que serviam para ilustrar sua temática.

A distribuição das vozes, portanto, é feita de forma organizada, obedecendo às necessidades comunicativas do autor-pregador e determinando a composição do gênero. Como se vê, um mesmo enunciado bíblico é distribuído “a conta gotas”, um pouco no início, outro no fim da pregação.

Entra em cena a voz profética, aquela que ao mesmo tempo aparece como confirmação divina, mas de responsabilidade do próprio pregador:

FRAGMENTO 10	
L542	[...] Deus vai abrir a porta pra você exercer o teu potencial... começa a glorificar a Deus aí do teu lugar! Deus vai abrir a porta pra você exercer o teu potencial... dá um pulo aí do teu lugar filho! Glorifique a Deus diga Deus vai abrir porta::s... PORTAS QUE NUNCA SE ABRIRAM ANTES PORTAS DE FERRO VÃO SE ABRIR PRA VOCÊ EXERCER O TEU POTENCIAL... ALELUIA! glorifica o nome de Jesus Deus tá contando com você no final de dois mil e catorze Deus está contando com você em dois mil e quinze Deus quer o teu potencial em ação [...]

Nesta etapa da pregação, a voz de profecia sintetiza o conjunto de todos os argumentos dantes levantados pelo autor. Essa voz, de responsabilidade do próprio pregador, aponta para uma certeza futura, apesar disso não transparece incertezas, pelo contrário, é uma afirmação expressa em voz alta e em tom de autoridade. Ela é a conclusão a que chega o autor-pregador a partir da sua compreensão e reacentuação da passagem bíblica de Atos 12.

É relevante apontar que o futuro positivamente valorado aqui tem um prazo determinado, uma vez que na visão do autor-pregador “Deus tá contando com você [o fiel] em dois mil e catorze”, isto é, nos dias que virão após o culto no qual participam e também “está contando com você em dois mil e quinze”, uma vez que ele “quer o teu potencial em ação”. O tempo, portanto, marca um rito de passagem de um estado de inércia (pela interferência do plano espiritual da malignidade na vida do fiel) para a “atitude” e a conseqüente liberação do

potencial do fiel; mas somente para aqueles que participam do Culto ou melhor da “Campanha da vitória”. Esse rito também está implícito na passagem de um ano a outro.

O autor-pregador conclui a pregação com o apelo, introduzindo novamente a voz do fiel, agora buscando o estado de mudança, isto é, tomando uma “atitude” que o leve a alcançar o desejado potencial:

FRAGMENTO 11	
L551	[...] eu quero convidar você vem até aqui rapidinho que a gente quer terminar quem sabe você que entrou numa espécie de prisão... pastor eu preciso de uma oração que eu já tava desesperado aflito já pensando em dois mil e quinze mas eu creio que Deus vai me libertar vem rapidinho... [...]

Nesse fragmento, há uma síntese temporal no interior da voz do fiel. O passado, momento imediatamente anterior ao enunciado do fiel, é valorado negativamente “eu já tava desesperado aflito”; o presente torna-se axiologicamente positivo, pois corresponde a tomada de atitude “pastor eu preciso de uma oração”; em direção ao futuro almejado, onde “Deus vai me libertar”, isto é, vai fazê-lo exercer seu potencial. O rito de passagem de um ano a outro é evocado como possibilidade (ou certeza?) de mudança na vida do fiel. O potencial acaba por tornar-se algo a sempre ser alcançado em um tempo que nunca coincide com a vida e o mundo presente do fiel.

Assim, o momento imediato de produção dessa enunciação acaba por influenciar a escolha da temática desta pregação, assim como as diferentes formas de reacentuação do sagrado pelo autor-pregador. Este jogo de construção e reconstrução de sentidos apoiado no tempo e no gênero discursivo é perpassado pela relação entre o autor-pregador, os fiéis e a crença em Deus, esta firmada na existência de um plano sobrenatural.

Como o sobrenatural ou espiritual, segundo a crença, determina o mundo dos homens, os sentidos que decorrem de um enunciado oriundo da palavra religiosa são sempre determinados por uma consciência englobante (a divina), por isso o autor-pregador recorre sempre à voz divina, destacando-se, ele próprio, como representante dessa voz. No entanto, isso não lhe retira a responsabilidade pelo que prega, uma vez que a “representação não suprime, mas simplesmente especializa [...] a responsabilidade pessoal [...] tudo aquilo de que [ele é] representante é um ato [dele] pessoalmente responsável (BAKHTIN, 2012).

Ser representante de Deus na terra não significa, portanto, ser um repetidor da mensagem divina, mas ser responsável por compreender de forma singular – a partir de seu lugar único no mundo como representante autorizado – a mensagem a ele responsabilizada. Assim, de sua posição distanciada da voz do outro no tempo e no espaço, o autor-pregador seleciona, organiza e distribui as diferentes vozes no interior da pregação a partir de uma posição que valora tais vozes.

Como a pregação é um gênero inerente ao acontecimento religioso, o autor-pregador necessita levar em consideração a relação entre os planos espiritual e temporal, tendo em vista que o seu interlocutor, o fiel real, não o representado, pressupõe a crença no sagrado. Logo, a autoria se constrói no movimento entre a transmissão distanciada e valorada das vozes dos planos espiritual e temporal. As espirituais surgem como representação do sagrado e a do fiel representa virtualmente todos os crentes ali presentes.

O uso do discurso citado, na forma direta ou indireta, leva em consideração se a palavra do outro é pré-definida, ou seja, se é retirada do livro sagrado ou não. Quanto mais pré-definida menos autonomia tem o autor para modificá-la, ele apenas a cita e comenta sobre ela. Ou a introduz em uma simulação de forma dissimulada, o que possibilita a ele inclusive enquadrar a voz divina no contexto de enunciação imediata dele.

Por outro lado, quando as vozes não têm uma origem concretamente demarcada, o autor a introduz na forma de simulações. Algumas destas servem para representar a manifestação do sagrado, seja num passado imemorial (o nascimento simulado do fiel) ou no momento mesmo da enunciação, é o caso da hierofania discursiva.

A autoria na pregação, portanto, constitui-se a partir do distanciamento do autor com relação à palavra do outro. A princípio, com a palavra divina bíblica, distanciada, no caso em análise, no tempo. Localizado temporalmente fora da palavra do outro, o autor-pregador promove reacentuações constantes ao sentido da palavra alheia a partir de seu excedente de visão e conhecimento.

Na mesma direção, quando insere a voz de outrem a valora de acordo com sua posição em relação ao outro. Assim, como representante de voz divina, a valora positivamente; opostamente o faz com relação a voz do diabo. Como autoridade constituída em relação ao fiel, quase sempre o critica e insere a voz deste de forma debochada na pregação.

Essa apropriação valorada da voz do outro também se dá nos próprios tons do outro, fazendo transparecer a diretriz volitivo-emocional concreta do ser representado, o que permite dar um certo acabamento a este e a seu mundo, criando uma imagem específica, seja de Deus, do fiel ou do diabo. Nesse caso, tal imagem é tão efêmera quanto a pregação enunciada. Assim,

cada personagem, isto é, cada sujeito presente na pregação é um centro axiológico, uma vez que todo contexto enunciativo a seu redor reflete e refrata os valores que os são inerentes.

Em síntese, na pregação religiosa neopentecostal, o autor é selecionador, organizador, distribuidor e um simulador de vozes. O próprio texto bíblico é distribuído e organizado ao longo da pregação de acordo com as funções que a ele são imputadas: pode ser a fonte de reacentuação, como no caso da ilustração, versículo que inicia a pregação; ou pode ser o de sustentar o ponto de vista do autor-pregador.

No geral, a pregação é toda balizada por simulações. Excetuando-se a ilustração, mesmo a palavra divina bíblica pode ser dissimulada em meio as simulações ou enquadrada em uma situação simulada sem referência à fonte exata de sua origem bíblica, estratégia que permite ao autor-pregador reacentuá-la em conformidade com o novo contexto que a enquadra, para sustentar o tópico de sua temática.

CONSIDERAÇÃO FINAIS...

A pesquisa nos mostra que a autoria, mesmo em gêneros autoritários como a pregação religiosa, é um processo de singularização do sujeito. O autor, aquele que produz o enunciado, usa de diferentes estratégias linguísticas e estilísticas no processo enunciativo e se coloca em seu dizer.

É possível, portanto, perceber por meio de marcas linguísticas o movimento autoral do autor-pregador. No entanto, tal singularização não se faz sem levar em conta a situação comunicativa e a natureza do acontecimento em que seu enunciado é produzido. Como representante autorizado a transmitir a mensagem divina, o autor-pregador leva em conta a relação entre Deus e os fiéis, que se sustenta pela cresça no sobrenatural. Por esse motivo, as marcas de tempo e a seleção das vozes revelam tanto a determinidade da natureza do acontecimento quanto o trabalho de reacentuação do autor em função da temática por ele abordada.

Este fato nos leva a crer que o intuito comunicativo do autor-pregador orienta a construção dos sentidos na pregação. Nesse caso, embora ele seja subordinado ao plano espiritual, isto é, embora tenha que sustentar na voz divina seu ponto de vista sobre um fato, ele sempre produz a partir dela um sentido outro, em conformidade com seu querer-dizer.

Para isso, é necessário que se mantenha extralocalizado em relação à voz do outro, ou seja, o autor-pregador mantém um certo distanciamento com relação à essa outra palavra que vem de fora e é instaurada em seu dizer. Mas isso não se dá de forma aleatória. Na pregação, antes de distanciar-se, o autor vivencia as palavras do outro nos tons emotivo-volitivos do outro, seja contextualizando, como nos casos da ilustração, seja imprimindo na voz do outro “aspectos de subjetividade”, como emoções, incertezas, contradição etc.

Quando se direciona ao encontro dessa outra voz, dela se apropria apenas daquilo que convém ao seu dizer. As vozes não são transmitidas ao acaso, mas antes são selecionadas, quer seja a citação bíblica, quer sejam vozes simuladas. Elas também não são organizadas e distribuídas ao acaso, a própria palavra bíblica pré-definida é inserida à “conta-gotas”, sendo uma parte na ilustração e outras já na conclusão, cada uma com funções diferenciadas.

Outro aspecto observado foi a adaptação da mensagem ao contexto imediato de comunicação e as possíveis necessidades ou perspectivas dos ouvintes. Tanto a passagem de um ano a outro quanto a “Campanha da Vitória” constituíam o momento imediato de produção do enunciado ao mesmo tempo que deixavam pista das intenções dos ouvintes. A consideração de todos esses elementos não determina apenas a escolha do gênero, mas também “dos

procedimentos composicionais e [...] dos meios linguísticos, isto é, *o estilo* do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 302) e a temática abordada.

Em termos de arquitetura da autoria, os resultados da análise revelaram que a partir de uma certa distância com relação a palavra do outro (no caso analisado, distância temporal), o autor-pregador acrescenta o seu excedente de visão e conhecimento e propõem entender a “palavra divina” por outro viés.

Na mesma direção, a diretriz volitivo-emocional concreta recobre as vozes instauradas na pregação, refletindo e refratando imagens específicas das personagens cujos discursos são reportados de forma valoradas pelo autor-pregador. Isso acontece reiteradamente com as vozes dos fiéis, que aparecem como uma representação dos fiéis reais e concretos ali presentes. No entanto, tais imagens são tão efêmeras quanto a pregação proferida. Servem apenas para dar um certo acabamento aquele fiel e ao mundo dele naquele momento enunciativo.

A voz do fiel, de Deus e do diabo instituem centros axiológicos, isto é, são seres cujas ações têm valores no acontecimento religioso. Cada uma tem sua posição hierárquica nessa relação de valores, sendo a de Deus a que recobre todas as outras e que coincide com a do autor-pregador. Por outro lado, a do diabo é valorada negativamente e não tem autonomia, pois é sempre transmitida por algum ser humano. Ambas, no entanto, determinam a voz e a vida do fiel.

Isso, nos leva considerar que a autoria na pregação religiosa se constitui no movimento entre os planos temporal e espiritual, por meio da seleção, organização e distribuição de tais vozes no enunciado. Essa apropriação da voz alheia não acontece de forma livre, mas em uma constante tensão. Por isso, é preciso simulá-la ou dissimulá-la, provocar mudanças temporais, omitir a origem específica etc.

Podemos considerar a confirmação de que o autor é uma posição axiológica que reflete e refrata valores que se estabelecem por meio das diferentes relações de interação dentro do acontecimento religioso, mediante – entre outros recursos – a seleção, organização e distribuição do discurso de outrem em seu enunciado. Sendo a autoria, portanto, um processo complexo de seleção, organização e distribuição de vozes a partir de uma posição axiológica em relações sociais concretas.

Em decorrência disso, levando em conta as circunstâncias de produção da pregação analisada, consideramos que, independente do grau de autoritarismo que tenha a palavra do outro, “recorrendo a procedimentos de enquadramento apropriados, pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata” (BAKHTIN, 2010, p. 141). No entanto, quanto maior o grau de autoritarismo dessa palavra e quanto mais

demarcada for sua origem, no âmbito religioso, menos liberdade terá o autor para enquadrá-la, como é o caso da palavra divina pré-definida. Por outro lado, as análises de nosso *corpus* revelaram que a pregação religiosa neopentecostal é constituída, em grande parte, pela simulação de vozes sem origem demarcada, o que propicia uma liberdade criativa maior ao pregador.

Ademais, ser representante autorizado da voz de Deus não diminui a singularidade e a responsabilidade do pregador por dizer algo único a partir de seu lugar igualmente único na existência, uma vez que “a participação pessoal de uma existência singular e de um objeto singular [um enunciado] deve estar em primeiro plano, já que se você é representante de um grande todo, você é, sobretudo pessoalmente” (BAKHTIN, 2012, p. 113), portanto tudo que o homem produz é de responsabilidade dele e não de quem ele representa, sendo seu ato uma singularidade na existência, uma criação autoral.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- BAKHTIN, M. M. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da Linguagem*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- _____. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.
- _____. O discurso no Romance. In: *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC Editora, 2010.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. *Apontamentos de 1970-1971*. In: *Estética da Criação Verbal*. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da Criação Verbal*. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável*. 2ª. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BARRERA RIVERA, P. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do pentecostalismo na América Latina*. São Paulo: Olho D'Água, 2001.
- BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 8ª. ed. Campinas - São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002. (Série Pesquisas).
- BROADUS, J. A. *Sobre a preparação e entrega de sermões: o mais completo manual de homilética da atualidade*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

- FIGUEIREDO, M. F.; CLARO, A. C.; MORAIS, D. N.; FILHO, J.D.U. S. Pregação Religiosa: uma caracterização às luz da teoria dos gêneros. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*. Franca (SP). v. 5. n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009.
- FIORIN, J. L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FRANCELINO, P. F. Autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa. Tese de Doutorado. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba, 2007.
- GIL, A. C. Como elaborar projeto de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. Mai./Jun. 1995.
- MARIANO, R. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARINHO, R. M. A arte de pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno. 2. ed. revisada e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- ORLANDI, E.P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- PASSOS, J. D. Como a religião se organiza: tipos e processos. São Paulo: Paulinas, 2006.
- PATRIOTA, K. R. M. P; ALMEIDA, G. H. O. Entre os planos humano e divino: o discurso religioso na mídia de massa. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v.6, n. 1, p. 63-81, jan/abr. 2006.
- SILVA, D. E.. Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino. In: *INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade – Vol.3 – nº 3*. p. 169-188 – 2008.
- RIVERA, P. B. Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e Análise Dialógica do Discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 15(2), 2014 p. 44 – 60.
- SOBRAL, A. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Série Ideias sobre a Linguagem. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TFOUNI, Leda Verdiani. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, Inês (Org.) et al. Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas – São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- WEBER, M. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, s/d.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PREGAÇÃO: ARRANCANDO DO CÁRCERE O POTENCIAL DE DEUS – CULTO DA VITÓRIA, PROFERIDA EM 18/12/2014.

Disponível em: <http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advtec/multimidia-cultos-gravados.cfm?cod=3779%27> Acesso em: 20/02/2015.

Linha	Pregação: Arrancando do cárcere o potencial de deus – culto da vitória, proferida em 18/12/2014.
L5	Amém...minha gente...vamos abrir nossas bíblias Atos dos apóstolos...capítulo de número doze a partir do versículo de número um...deixa tua bíblia aberta... que eu vou citando o versículo e vamos comentando pra gente aproveitar bastante o tempo... atos dos apóstolos capítulo de número doze a partir do verso UM... acharam?!amém?!... <i>e por aquele mesmo tempo o rei Erodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja para os maltratar... e matou à espada Tiago irmão de João... e vendo qui:... isso agradara aos judeus... continuou... mandano prender também a Pedro e eram os dias dos asmos...deixe a sua bíblia aberta nós vamos ler até aqui e...depois nós vamos mais alguns versículos à frente...oquei?!... aqui fala do domínio do rei Erodes... e eu quero trazer... esse tema... para os dias atuais para a sua vida e pra minha vida... e a primeira coisa que eu gostaria de compartilhar com você... vamos estabelecer um paralelo com o mundo espiritual da malignidade... a bíblia diz <i>este mundo jaz no... maligno...</i> como é o governo... maligno... para impedir para se contrapor a aquilo que Deus quer fazer? Nós sabemos que Deus quer fazer uma grande obra e vai fazer e o faz através de mim através de você através da igreja... e como é que o reino... maligno... que é representado por esse Erodes... como ele se levanta para Impedir essa caminhada e TENTar impedir que esse avanço... então eu gostaria</i>
L14	que você acompanhasse atentamente aquilo que acontece na sua vida... <i>Erodes estendeu as mãos para maltratar alguns da igreja...</i> a primeira coisa que a gente aprende... não se iluda!... o mundo não é teu amigo... diga pro teu irmão <i>não se iluda não...</i> seja quem for... <i>haa... agora estou na vida de crente...</i>
L20	<i>agora em casa ôo maravilha... o governo aquilo aquilo outro tá tá tá o vizinho... né amigo não... o diabo tá aqui pra pisar pá maltratar pra tentar lhe enfrentar pra abrir a porta do inferno contra a igreja... vai prevalecer? Jesus disse NÃO mas tenta maltratar... tenta... se o mundo puder vai pisar em você...</i>
L23	<i>é muito legal enquanto você tá com a bandeira branca num diz nada e num fala nada crente light... crente gospel... crente que não se dispõe com nada porque não quer ficar mal com Erodes... crente que quer ficar bem com o rei do mundo... catuca o teu irmão na custela devagar com amor com carinho... dá catucadinha fica bem com o mundo né queridão fica bem o vizi:nho fica bem com os amigos da internete... só posta coisa linda no facebook quando o diabo fala se cala... o diabo levanta pá meter o pau... ninguém diz nada... e quando tem gente corajosa pá dizer pra Erodes que ele pode mandar nas negas dele mas na igreja tem Deus tem rei e tem senhor e é Jesus Cristo... ((fiés dão glórias)) quanta gente que levanta pá combater o mal tem logo crente pra pacificar <i>vamos ser amigo do capeta... bandeira branca calma... devemos amar o mundo...</i> olha pro teu irmão co/ a qua/ com carinho... olha pra ele e diz</i>
L27	assim... <i>queridão... fala pra ele queridão ou queridinha... daqui a pouco você</i>
L30	
L38	
L40	

L42	<i>tá igual ao zeruzaru... chamando o diabo de irmão... é o zeruzaru ensinava</i>
L51	<i>isso o diabo é nosso irmão vamos orar por ele só tá desviado... o que eu vejo</i>
L54	<i>de gente que na hora de mostrar quem é... revelar sua base de crença... combater o mal se esconde... não é o teu caso não né filhinho?... porque quer</i>
L66	<i>ficar bem com Erodes... dá mole pro Erodes você vai vê o que ele vai te fazer... mostra o teu posicionamento cristão onde você tá... pra vê se vão te amar do</i>
L70	<i>jeito que te ama... começa a falar a verdade bíblica e vamos ver como as pessoas vão passar a te tratar... diz pra quele irmãozinho que não vai à igreja</i>
L83	<i>no domingo porque fica fazendo festinha pro filhinho dele que é mais importante que adorar a Deus no domingo e além de ser ladrão de dízimo é</i>
	<i>ladrão de tempo de Deus... diz pra ele que tu num vai que você tem compromisso cum Deus pra ver se ele vai gostar... aê irmão... você não vai ter</i>
	<i>moleza hoje não hein... Erodes... quer maltratar e estendeu a mão pra maltratar o da igreja... esse mundo tá mole afrocha pra vê... se nós vamo ter liberdade</i>
	<i>pra pregar o evangelho... as leis corre tudo por debaixo... você tem um pastor na igreja que é guerreiro cê sabe disso... as leis tudo em baixo pra tentar comer</i>
	<i>o pé da igreja... Erodes tá tentando lambê a igreja... tá tentando matar Tiago tá tentando prender a igreja... sabe porQUÊ?... porque o diabo quer impedir que</i>
	<i>você alcance todo seu potencial em Cristo diga pro teu irmão o Diabo... ((fiés repetem) quer impedir... ((fiés repetem)) que você alcance... ((fiés repetem)) todo seu potencial em Cristo... ((fiés repetem)) mas Jesus Cristo... ((fiés</i>
	<i>repetem)) está se manifestando... ((fiés repetem)) diga agora diga bem alto pra liberar todo o teu potencial... ((fiés repetem)) você pode aplaudir e glorificar</i>
	<i>a Deus? ((fiés glorificam e aplaudem a Deus)) minha gente... temos que ter muito cuidado... em não fazer de versículos bíblicos mantras...porque tem</i>
	<i>gente que tá pegando versículo bíblico pra fazer mantra e fazer reza... mil cairão ao teu lado, dez tua esquerda mas não será atingido aquele que é de Deus o diabo não toca... dez vezes... aquele que é de Deus o diabo não toca</i>
	<i>aquele que é de Deus o diabo não toca...((em tom de deboche)) aí toma uma pernada do diabo e fica perguntando o que acontece:u hã vai... sabe o que</i>
	<i>Erodes fez? Pra começar a historinha... mostrou do que era capaz... matou Tiago... diga Erodes matou Tiago... ((fiés repetem)) quem era Tiago?... um dos</i>
	<i>três... discípulos mais famosos Pedro Tiago e João... Pedro... Tiago era o segundo mais citado na bíblia Pedro Thiago e depois João... Erodes vai... pega Tiago uau... Uuu mas é Tiago Deus... ma:ta... degolou o cara... cê tá</i>
	<i>pensando... que no mundo espiritual... o Erodes desse tempo vai respeitar o teu mantra...vai respeitar tua religiosidade?... a gente não pode dá mole... a nossa guerra a nossa luta é violenta no mundo espiritual... damos graças a Deus</i>
	<i>pela liberdade religiosa que a gente tem e que tão tentando cassar... mas a gente tem que dizer pode se levantar pode tentar matar porque pode até matar o corpo mas jamais vai tocar no espírito que é eterno que está na mão de Deus... Tiago se transformou num mártir... e nem todo mundo quer se</i>
	<i>transformar em mártir... o apóstolo Paulo diz estão pregando o evangelho cês tão chiando cês tão reclamando o quê?... cês ainda não combateram até o sangue! cês não deram o sangue (???) pastores comecem apertar o cerco pra</i>
	<i>ver se esta festa... essa festa de gente sem firmeza se vai continuar... vai tê gente rapando o rapidinho... aqui amigo ...só permanece nessa quem tem verdadeiro compromisso com Deus e que reconhece que a nossa vida não</i>
	<i>pertence mais a nós mesmos mas pertence a Deus... que o diabo pode até acabar com esse corpo... mas jamais vai terminar com a eternidade é prometida</i>

L99	por Jesus e a salvação da nossa alma... a gente tá numa guerra minha gente espiritual... não é festa não o negócio é feio e sabe o que o diabo faz? O Erodes faz que é a representação desse mundo da malignidade ele descobre que quando matou Tiago... isso agradou os judeus aí ele continuou e mandou prender Pedro... quem era Pedro? O primeiro nessa escala... agora o quê que Pedro representa... entenda isso... Pedro representa aqui o potencial de Deus na terra... diga o potencial de Deus na terra:: ((fiés repetem)) diga denovo... ((fiés repetem)) diga mais uma vez... ((fiés repetem)) agora diga bem alto ((fiés repetem)) agora você vai dizer pro irmão a sua volta “você... é o potencial de Deus na terra... ((fiés se entreolham e repetem <i>você é o potencial de Deus na terra</i>)) você é o potencial de Deus na terra... Deus trabalha através de indivíduos... Deus trabalha com pessoas nós somos o potencial de Deus na terra... que que Erodes faz? <i>Vamos pegar esse cara... seu potencial... a gente pega ele e o resto vaza...</i> o que é que a bíblia diz <i>ferireis o pastor e as ovelhas se dispersam...</i> pega Pedro... prende Pedro... amarra Pedro... primeira coisa que só agradou a religioso aos religiosos... <i>irmão! ô Jesus dos crentes misericórdia!</i> ... quer ver alguma coisa agradar a alguns “religiosos”...(faz sinais de aspas nesta palavra) são aqueles que combatem pela fé começar a responder processo... a ter problema... cê quer ver um negócio que vou dizer aqui? Aproveitar o dia... mais feliz... na vida de alguns religiosos seri:a e vão ficar querendo... o dia em que Silas Malafaia saísse da televisão... ia ter religioso dando glória a Deus cambalhota virando hã hã hã... há vibrando... porque religioso ele vibra por causa de desgraça dos outros... ele vibra com problema no evangelho... a legalidade dele a religiosidade dele ele não quer combater o mal ele se associa ao mal... ele não confronta o mal... ele convive com o mal... ele não se livra do mal... ele caminha paralelamente ao mal... e essa gente não gosta do confronto... <i>fica arranjando confusão... fica arranjando incrensa... sabe há a melhor coisa é ter paz</i> como alguém no mundo dizendo <i>há o diabo não tem nada com essa encrensa... paz e amor capeta...você lá e eu cá...</i> quem se constitui amigo do mundo se torna inimigo de Deus... é impossível a gente ter amizade com as coisas do mundo... com a regra do mundo... como tá sendo pregado e feito no mundo... com esse mundo de pecado... nós não temos comunhão... o mundo habita em travas e <i>Jesus nos tirou das trevas e para a sua maravilhosa luz...</i> nós brilhamos no meio da escuridão não é porque a gente é vagalume ou tem uma lanterninha celestial ou um foguinho azul... nós brilhamos porque as nossas atitudes são diferentes... o nosso discurso é outro... a nossa base de fé é outra...a nossa crença é outra e o nosso combate também é outro... quando você brilha vocês destoa... Jesus te chamou para brilhar... pra ser potencial... pra exercer o teu talento... agora o que o diabo faz?... pega Pedro joga na prisão... os religiosos <i>ha! há! há! maravilha Deus do céu que coisa linda!</i> ... As vezes a gente tem mais medo de religioso do que ímpio... religioso é mais perigoso... é mais fácil converter-se um ímpio... que não tem o menor respeito por Deus por alguém que acha que tem Deus... religioso é um perigo... <i>religioso é esse tipo de gente que vibra com a desgraça dos outros...</i> religioso quando você conta a sua vitória ele chora... e quando você conta a sua tristeza ele ri... ele anda na contramão da bíblia... ele ri de quem tá chorando e chora de quem tá rindo... olha pro teu irmão e só diz pra ele Deus me livre... ((fiés repetem)) Erodes manda prender a Pedro o potencial de Deus... sabe o que a vida de hoje o mundo de hoje quer fazer?... prender o teu potencial... Erodes quer prender o
-----	--

L143	teu potencial... entenda uma coisa que eu vou te dizer... alguém tem árvore frutífera em casa? Abacateira mangueira ou jaqueira qualquer treco assim... tem... quem tem? Alguém tem? É... dá fruto né irmã? É... você é mangueira? Laranjeira... você já viu ela gemendo? <i>Hããã essa laranja...</i> tem? já viu... não?... já viu a mangueira pra dá manga? <i>Hãããã... que é que foi vei? ...essa manga!</i>... imagina a jaca?... ((fiéis riem)) agora quem foi que disse que a mangueira tinha que dá manga?... quem foi que disse que a jaqueira tinha que dá jaca?... quem foi que disse que o abacateiro tinha que dá abacate? Quem foi que disse que o alface tinha que nascer com a folha pra cima e a raiz pra baixo?... <i>você tem que nascer com a folha pra cima... todo o ser vivo carrega dentro de si uma instrução invisível de Deus que se chama potencial</i>...
L149	quando você nasceu Deus já colocou dentro de você um potencial... você nasceu e não foi por acaso... num tempo da eternidade num determinado tempo da eternidade Deus tem uma demanda... e nessa demanda de Deus nesse tempo dentro da eternidade... Deus precisa atender uma demanda e quando Deus tem uma demanda para atender Deus faz nascer uma criança... você nasceu para atender uma demanda de Deus... diga pro teu irmão você nasceu para atender uma demanda de Deus... ((fiés repetem)) quando você nasceu e pra você nascer cerca de quatrocentos e noventa e nove milhões de pretensos indivíduos tiveram de morrer... pra você poder nascer... agora você imagina... quatrocentos e noventa e nove milhões poderiam ter nascido no teu lugar...
L161	agora Deus disse assim <i>eu tenho uma demanda... tal data... eu preciso fazer nascer uma criança...</i> aí o que acontece... vai aquele monte de espermatozoides em direção ao óvulo... aí sai você...você já teve rabo sem ser macaco...um rabinho (faz mímica de uma calda abanando) né...e pode ter sido meio... meio tortinho né... nadava meio de banda... mas era você quem tinha de nascer... aí Deus sabia que era você que tinha que nascer... porque o potencial para atender a demanda de Deus dentro dum tempo da eternidade Deus já tinha colocado em você antes mesmo de sua mãe te conhecer e antes mesmo de você ser concebido... aí vai Deus torcendo por você... <i>vai lá... vai lá... é aquele lá... é meio tortinho...</i> tinha gente esperto na frente... (faz mímica como de um piloto e ruído [uá uá uá]) dá cabeçada no óvulo e não entra...
L169	Deus... <i>trava ele! Trava!</i>... num entra... aí vem você meio torto... <i>prá lá meu fi... pra lá...</i> aí dá uma rodada e não sai do lugar... <i>pra lá</i> (faz cara de quem quase chora)... aí tu chega no óvulo E entra vá... Deus... <i>yés!... meu filho minha filha vai atender uma demanda num determinado tempo da eternidade... porque eu já coloquei um potencial dentro dele... que o capacita fazer tudo que ele necessita fazer...</i> estenda suas mãos assim!... (estende as mãos com a palma para cima) Deus já colocou dentro de você tudo aquilo que você precisa pra vencer!... você pode receber e aplaudir a Jesus?... ((Fiés aplaudem))... mas e Eroles?... vai cruzar os braços? Vai deixar você... (agita os braços e estufa o peito) exercer teu potencial?... Não! Olha... você livre para exercer o teu potencial você é um perigo para o reino do inferno... vou repetir... você livre para exercer o teu potencial... você é um perigo para o reino do inferno... vou repetir... você livre para exercer o teu potencial... você é um perigo para o reino do inferno... Eroles o diabo não quer você soute... vai arranjar um jeito de te prender... vai arranjar um jeito de te neutralizar...aí ele diz <i>prende Pedro...</i> olha a estratégia... encerrou na prisão... diga encerrou na prisão...
L172	((fiés repetem)) olha pro teu irmão e pergunta... você está numa prisão? <i>Ô pastor eu estou livre pelo sangue de Jesus...</i> é? amém!... mas deixa eu te
L174	
L186	
L188	

L193	perguntar... você tá fazendo exatamente o que Deus preparou você pra fazer?... você é hoje tudo aquilo que Deus preparou você pra fazer?... com sinceridade me responda... aquilo que você está fazendo hoje satisfaz os anseios da tua alma?... se isso não satisfaz você precisa se perguntar... <i>por que não faço aquilo que me realiza?</i> ... escute o que eu vou te dizer... aquilo que te realiza... é o sentimento que Deus colocou em você para testemunhar para testificar que aquilo que você faz é aquilo que ele preparou você pra fazer... Deus nunca dá algo pra o indivíduo fazer... numa vida normal... há situações né... que são são... são situações de exceção... tô falando da vida normal... Deus nunca vai botar você pra fazer coisas que te frustram... que não te realizam... cê tá preso? Então vamos perguntar... tá irmão... com que espírito você vai trabalhar na segunda-feira?... háá você tá livre para ser quem Deus programou pra você? Qual é o teu sentimento quando você chega em casa e a tua esposa está te esperando?... háá você tá livre mesmo há que bom... quando você olha pra sua casa é tudo aquilo que Deus colocou e semeou no seu coração?... será que Deus te faz promessas para te torturar?... se as promessas de Deus são incompatíveis com a sua realidade alguma coisa tá errado... Deus não dá promessa para torturar Deus dá promessa como alvo... quando Deus promete alguma coisa para alguém Deus está dizendo assim <i>eu tô te mostrando algo pra você alcançar... pra dizer que a tua trajetória não será em vão eu tenho coisas grandes pra você tomar posse...</i> toda promessa de Deus é um desafio... diga amém! ((fiéis respondem amém))... toda promessa de Deus é um desafio... diga pro teu irmão aí... toda promessa de Deus é um desafio! ((fiéis repetem))... é Deus dizendo <i>corre atrás que você consegue... mas vou conseguir como Deus?...eu já coloquei dentro de você um potencial!</i> ... Deus já colocou dentro de você um potencial por isso ele te inspira... Deus nunca inspira alguém ser aquilo que ele não pode... quando Deus te motiva e quando Deus te inspira... Deus QUER anular tua mediocridade e despertar a excelência que ele colocou dentro de você... quando Deus coloca dentro de você alguma coisa e quando você compartilha e as pessoas dizem <i>hum ambiciosa hiem...tá querendo muito tá sonhando ALTO HEIN!</i> ...é Eroles falando <i>você que tem uma prisão boa pra te prender</i> porque Eroles sempre usa uma boca maldita pra zombar do teu sonho... todo sonho que Deus coloca dentro do teu coração não deve está no nível da tua realização mas tem que está no nível da tua fé...é Deus motivando você se vê no futuro melhor do que você é hoje...ÔÔ...não sei se posso ouvir um glória a Deus?! ((fiéis dão glória e aplaudem))... diga com voz de crente pro irmão da direita esquerda de traz da frente... você pode ser melhor do que é hoje ((os fiéis repetem)) diga pra eles Deus já botou em você um potencial ((os fiéis repetem)) diga mas Eroles quer prender você ((os fiéis repetem))... então presta atenção e fica ligado... as vezes Deus já sinalizou que deu tempo aquele emprego você já devia tá procurando outro mas você tá acomodado naquela cadeira porque é mais fácil pegar o mesmo ônibus e o carro é o mesmo estacionamento ir para o mesmo lugar onde todo mundo te conhece onde você já está habituado... entenda uma coisa todo aquele que tem potencial Deus não deixa esquentar lugar... ((fiéis dão glória e aplaudem)) quem tem potencial tá sempre arrumando uma boa encrenca tá arrumando desafio... pergunta o teu irmão... tá vivendo um desafio agora? Tá vivendo um desafio agora? Se você não está vivendo um desafio Eroles prendeu você mas Jesus tá aqui pra te libertar... em dois mil e quinze Deus quer teu potencial em ação... que é que você está
L208	
L213	
L219	
L221	

L243	fazendo com teu potencial meu filho?... há coisas que a gente sabe pode fazer mas não faz...há coisas que a gente sabe pode fazer e faz...há coisas que a gente não sabe... não sabemos fazer... mas não sabemos fazer... mas Deus pode ensinar... há coisas que a gente não sabe que sabe mas quando Deus ensina a gente faz... <i>pator... que doidera é essa?</i> Deixa eu te explicar... tava lá um homem... homem justo equilibrado.... família habituada... né... com a justiça...
L246	um homem exemplo chamado Noé... aí Deus diz <i>o povo me encheu! Vou acabar com todo mundo...você vai construir um veículo pra te conduzir pro mundo melhor...</i> diga assim um veículo para te conduzir a um mundo melhor ((fiéis repetem)) diga DE NOVO!... ((fiéis repetem novamente)) agora bem alto ((fiéis repetem novamente em voz alta))... o potencial de Deus é a habilidade que Deus te dá para construir um veículo para te conduzir a um mundo melhor... não espere que Deus vai fazer aquilo que ele já te capacitou pra fazer... Deus te deu pra você fazer se esforça que ele vai te ajudar...mas é
L254	você quem faz... então Deus diz pra Noé <i>você vai fazer um veículo que vai te conduzir pro mundo melhor... bom... Deus mas que veículo? você vai construir um navio! Vá... não é um barquinho... não é uma lanchinha... não é nada disso... você vai construir um navio...</i> Noé não fez faculdade de engenharia náutica... nunca tinha visto um navio... não fazia a menor ideia de como era... Deus chama Noé e dá os planos... e Noé trabalha cento e vinte anos com a sua família... e Noé descobre que ele sabia fazer navio... mas ele não sabia que sabia... até Deus dizer que ele podia... entendam... por que que Noé construiu a arca? Porque antes de Noé nascer Deus já sabia o destino da humanidade e no tempo dentro da eternidade Deus fez nascer um menino chamado Noé e quando Noé nasceu Deus já colocou o talento de construir a arca dentro dele... ele precisava só descobrir... escuta o que eu vou te dizer... você pode ainda não saber mas Deus sabe o que colocou dentro de você... então você pode pedir a Deus pra te revelar do que você é capaz e você ainda não sabe... hã...
L268	você não entendeu o que eu disse!?... olhe aqui... Jesus disse assim aos discípulos.... <i>eu não chamo vocês de servos porque os servo não sabe o que faz o seu senhor... então eu chamo vocês de amigos... por quê?... Por que...</i>
L269	<i>Jesus... você me chama de amigo? Porque tudo que o pai me diz... tudo que o pai me conta tudo aquilo que o pai sabe... e me comunica eu comunico pra vocês... então entenda... o maior investimento de Deus na terra não são as coisas é você...o maior investimento de Deus foi na própria humanidade por isso Pedro era tão importante... você é fundamental porque você é o Pedro de hoje nós somos o Pedro de hoje nós somos a igreja de hoje nós somos o potencial do hoje você as vezes não sabe do que é capaz de fazer mas Deus que te criou ele sabe então fale com Jesus porque o pai vai dar conhecimento</i>
L278	<i>ele vai dizer no teu ouvido filha eu preparei você pra ser uma médica um arquiteto um engenheiro um empresário um grande pregador uma mulher que trata muito excelentemente o seu lar um investidor</i> Deus começa te fomentar e dizer aquilo... você pode dizer <i>mas eu um sei fazer</i> não tem problema <i>a bíblia diz que o espírito ensina:: mas por que pastor?... porque se você não souber...do potencial que Deus colocou dentro de você...ele fica inoperante e inútil... diga inoperante ... inútil... ((fiéis repetem)) diga denovo... ((fiéis repetem novamente)) se você não usar o potencial que Deus colocou em você... ele fica inoperante inútil e a razão da tua existência ... se perde... e você se frustra... Deus hoje quer que você descubra... para quê você nasceu... uma coisa eu sei ... você nasceu para ser mais do que você é hoje... vou dizer denovo</i>
L281	

L293	você nasceu para ser mais do que você é hoje... por isso Deus quer que você arrebente a boca do balão no ano que vem... ((fiéis aplaudem)) diga pro teu irmão você precisa colocar o potencial pra fora ((fiéis repetem))... diga denovo ((fiéis repetem novamente))... botou Pedro na prisão... cuidado jovem... cuidado viu minha filhinha... é fazer como aquele <i>eis que te chamo assim porque idade para tal</i> ((risos))... ei filinha... é tenho intimidade contigo vê lá com quem tu vai casar porque pode ser um emissário de Herodes que pode anular teu potencial... depois não reclama casar com o cara errado... <i>há não nasci para/... mulher minha não trabalha fora!</i>... pronto tá na prisão tá na vala... e outra não adianta orar para Jesus matar não casou com sapo vai ter que beijar na boca... vai fica... fica preocupada com as pessoas... que não querem sabe aquelas pessoas que constroem cordão umbilical que não querem liberar a gente?... éé... você melhorou de emprego né já tá ganhando um pouco mais agora não liga nem pros pobre né?... você nem vem mais aqui né você nem dá tempo pra gen... olha pis... há meu Jesus dos crentes olha o que eu vou te dizer:: meu irmão se você quer atingir todo seu potencial em cristo você vai ter que ter um tisourão pra cortar cordão umbilical... cê vai ter que escolher entre ser o que Deus quer que você seja ou ser um escravo da família que até diz que te ama mas quer você vê você na prisão... cê precisa pagar o preço do teu potencial... cê pode tá <i>mas pastor eu sei que tenho potencial mas agora eu tô num momento ai eu fico naquele reco reco na máquina de lavar eu fico ali lavando mas eu sei que Deus não me chamou pra isso...</i> pode ser o tempo! Escuta... Gideão tinha um potencial Gideão nasceu para atender uma demanda de Deus num determinado tempo da eternidade... e na hora de Gideão surgir... pra fazer o que Deus... preparou pra ele fazer naquele tempo... ele é tirado ali do meio mas onde Deus encontra o cara? Malhando trigo no lagar lugar de pisar uva ele tava malhando trigo... Gideão não estava sendo o que ele nasceu pra ser... mas ele também não tava à toa até ser quem Deus queria que ele fosse... ou seja... <i>eu sei que Deus me chamou pra ser um advogado de nome nessa nação enquanto isso eu não falo mais nada não faço mais nada só tem vaga pra office-boy eu vou ficar em casa esperando um dia ser um grande advogado</i> há... meu irmão olha se eu tô aí só viajando pra Bagdá ou alguma coisa pelo amor de Deus! Aprende uma coisa quem tem potencial faz o que precisa ser feito mesmo aquilo que ele não gosta esperando um dia fazer aquilo que Deus preparou ele pra fazer porque esse dia vai chegar... ((fiéis aplaudem))... se não dá pra tá aqui vem aqui se não dá pra fazer o que Deus preparou pra você faz o que vem à mão... porque na hora certa Deus vai te pegar e dizer <i>acabou... seu tempo de malhar trigo no lagar cabou... você vem pra cá você vai arrebentar com os inimigos foi pra isso que te chamei!</i> Aleluia! Davi a mesma coisa... TÁ... jogando pedra em árvore... cê acha que Davi matou um urso leão depois derrotou um gigante da noite pro dia o Espírito Santo <i>eis que te ensinarei a rodar funda...</i> o Espírito Santo deveria tá dizendo a ele pega uma funda aê fica fica acertando árvore FOU... passava loge... IÊÊ... acertava folha... FUUUN aí um dia começou acertar daqui a pouquinho tava acertando mosca a trinta metro de distância o cara ficou bom é isso aí nasci pra você mas na hora certa de Davi sair primeiro mata um ursinho aqui mata um leão <i>agora chegou a hora de você fazer o que te chamei pra fazer vai matar é gigante e vai destruir os inimigos ao redor porque eu te chamei pra ser rei...</i> diga pro teu irmão... ou aleluia! olha pro teu irmão a direita esquerda você não pode começar por cima meu filho tem que começar
L296	
L317	
L326	
L335	
L339	
L344	

L354	lá em baixo... ((fiéis repetem e aplaudem e gritam ô glória!)):: começa a fazer!... agora entenda eu tenho um potencial eu vou chegar lá... eu uma vez eu tive de mandar um garoto ir embora da empresa... aí ele falou lá pra minha secretária era office-boy tratava com ela dizer que tenho uma ex-secretária aqui Izabel não sei se tá aqui hoje Arlene trabalho comigo... sabe que eu sempre um fui um chefe brincadeira não irmão broncava mesmo tinha moleza não... aí eu dispensei o cara aí ele falou pra minha secretária <i>ele me mandou embora... porque ele... nunca foi office-boy na vida ele nunca trabalhou aqui</i>
L357	<i>em baixo</i> ele ó... assim é mole lá acima diretor num sei o quê assim é fácil... aí ela falou comigo eu falei assim <i>traz esse menino aqui porque eu vou ensinar a ele alguma coisa só por misericórdia eu vou ensinar a esse garoto</i> aí trouxe o garoto na sala <i>filhinho vem cá! não poxa você sabe senhor Josué o que é né poxa eu o senhor aqui é mais fácil eu tô lá... falei queridão... comecei a trabalhar com doze anos... sabe qual foi meu primeiro emprego? Qual? Piloto... então aí já começou piloto irmão! Começou por cima cara!</i> Eu disse pra ele <i>rapaz eu pilotava bandeja de cafezinho... e bandejão</i> pergunta ao irmão já pilotou bandejão... bandejão irmão... disse a ele <i>rapaz... cê tem que começar... sabe... e Deus vai desenvolvendo o potencial... potencial não é um milho que quando esquentar vira pipoca não... tem que tê o tempo é o fruto... tem que dá o tempo crescê... vá lá e não adianta ficar fazendo força pra você querer ser aquilo que Deus não preparou você pra ser... meu irmão se você não chamou se Deus não te chamou pra cantar desi deixa Josieane deixa... deixa quem sabe... adora aí no banheiro na igreja fica numa boa num tenta se não vai dá errado você vai tentar ser um negócio que Deus não chamou você pra ser não é teu potencial vai gemer meu filho!... vai gemer!... o teu potencial vai sendo desenvolvido daqui a pouquinho é igual fruto cê vai florescer... aí vai começar a surgir fruto... aí Deus vai dizer <i>meu filho amado eu tenho prazer nele... cê já viu alguém ter prazer num pé de fruta que não dá fruta?... aí Jesus vai e diz assim por que é que esse pé de fruta aqui não dá fruta?... há senhor eu eu num sei... pega o machadão... mete na raiz e corta! Com muito mas com jeitinho... com muito amor com muito jeitinho diga pro seu irmão abra o olho pro machadão ((fiéis repetem))... eis que está posto o machado a raiz que não dá fruto ué... que que Deus tá dizendo vem cá... eu elimino quatrocentos e noventa e nove pretensos indivíduos... só pra você nascer... e você não faz ainda o que eu te preparei pra fazer?!... miserável... você não honra nem aqueles que morreram... rapaz deixava o outro nascer no teu lugar... Deus tá esperando você há mas Deus poxa mete logo o machado aí veio não... o cara que cuidava disse assim <i>meu senhor deixa um pedido mim dar um aninho aí eu vou cavar... diga cavar! (?) começa a cavar tua vida pra descobrir os demônios enterrados que não deixam você florescer as pragas que tomaram conta da tua raiz... pra descobrir porque você não dá frutos... cavou! O senhor... o que é que está havendo? É que eu sou um miserável... miserável de marré deci... IRMÃO!... o ceu não é ligar de miserável não e Deus não é deus de miseráveis não!... Deus não é deus de gente inútil... Deus é deus de servos úteis... ô pastor que palavra dura... não fica zangado comigo se quiser pode ficar mas vai reclamá reclamá com a bíblia... olha o machadão... cavuca ou seja descubra... pastor toda vez que eu quero fazer um negócio havia um negócio dentro de mim que num deixa... toda vez que eu quero ir é um negócio... tem tem alguma coisa errada aí tem algum Herodes nesse negócio... que tá te amarrando... descubra o que é descubra o que tá errado aí trata... diga</i></i></i>
L359	
L363	
L364	
L374	
L376	
L379	
L370	
L375	
L379	
L383	
L385	

L390	trata! ((fiéis repetem))... diga pro teu irmão isso tem tratamento ((fiéis repetem))... diga pro seu irmão bem alto seu tratamento tem cura (fiéis repetem))... QUAL É A CURA! o homem diz assim <i>senhor vou cavar e adubar...</i> adubar... você está na igreja sendo adubado... quando você houve mensagens Deus está adubando você... quando você ouve louvores Deus está colocando adubo na tua vida para você ganhar força quando você ora e ler a bíblia é adubo para você ficar forte e dizer que <i>agora eu vou frutificar</i> porque o poder de Deus é adubo para tornar você forte e poder frutificar Deus está adubando a tua vida pra você dá fruto e ser quem ele preparou você pra ser... Você pode aplaudir e glorificar a Deus?! diga glória a Deus! ((fiéis aplaudem e dão glórias a Deus)):: dez minutos? (pergunta de pregador sobre o tempo que lhe resta para pregar)... preciso caminhar... dez minutinhos pra gente encerrar... mas escuta!... <i>Herodes botou Pedro preso e botou quatro quaternos ou seja dezesseis soldados para vigiá-lo porque queria apresenta-lo depois da páscoa ou seja Pedro se tornou um troféu para Herodes...</i> todo aquele que o diabo consegue neutralizar o potencial se torna um troféu na mão do diabo... Deus não fez você nascer para ser um troféu na mão do diabo... Deus fez você nascer para pisar na cabeça dele... olha como quem tem potencial é perigoso dezesseis soldados significa uma estrutura no reino do mal... onde há uma vigilância contínua... <i>Pedro estava dormindo entre dois soldados ligados com duas cadeias e os guardas diante da porta...</i> olha como o diabo se preocupa o reino do mal se preocupa com quem tem potencial... vigia!... bota uma cadeia... aí o cara começa a prosperar.... bota a cadeia da hora extra ele agora não pode... bota a cadeia do <i>do que o (?) falou aqui do consumismo... ele agora vai roubar de Deus vamos ver como ele vai sair dessa...</i> prende o cara... vigia... tu tenta sair diz assim rapaz parece que eu quero andar dô um passo pra frente dois pra trás... vigiado... agora quem tem potencial mesmo que esteja na prisão ele sabe que é temporário... (risos) você tem potencial de Deus? Quem tem?... escuta o que eu vou dizer hoje em nome de Jesus a atua prisão é temporária porque a liberdade de Deus vai bradar alto na tua vida!... ((fiéis dão glória e aplaudem)) Pedro estava dormindo... dormindo... dormindo na prisão porque ele tinha era um potencial de Deus ele sabia muito bem... que Deus ia fazer o que precisava ser feito ele tinha uma promessa de Deus ele tinha uma tarefa a executar... ele tinha uma obra a concluir e sabia que a morte não poderia ceifá-lo enquanto não se cumprisse aquilo que estava escrito acerca dele escuta o que vou te dizer!... Deus tem algo escrito a teu respeito e você não vai morrer antes disso pra exercer o teu potencial! Para cumprir a tua história... aleluia! E o que acontece na prisão? A primeira coisa <i>eis que veio o anjo do senhor e resplandeceu uma luz na prisão</i> olha o que eu vou te dizer quando você está numa prisão... prisão financeira prisão emocional prisão psicológica diversos tipos de prisão que você não sabe o que fazer <i>resplandeceu uma luz</i> me dê me responda gente... o anjo não enxergava em escuro no escuro?... seria até mais fácil ele trazer uma lanterna será que ele trouxe uma lanterna do céu e acendeu a luz na prisão?... olha só Pedro estava numa situação que tinha saída assim estamos algumas vezes... a gente quer avançar mas tem situação que não deixa saída... <i>resplandeceu a luz</i> olha o que eu vou te dizer meu amigo recebe aí em nome de Jesus virá uma luz de Deus na tua mente e Deus vai te mostrar um caminho que está bem diante dos teus olhos... Deus vai te dar uma revelação e você vai sair dessa cerca você vai sair dessa prisão virá uma luz de Deus e você vai ver coisas que não VIA... virá uma luz de Deus e você vai entender
L394	
L400	
L407	
L411	
L425	
L428	
L433	

L441	coisas que não entendia... virá uma LUZ DE DEUS e você vai dar solução
L443	você sabe só Deus podia te dá uma solução como esta é a luz de Deus na tua vida você pode glorificar a Deus a luz de DEUS VAI RESPLANDECER NA TUA VIDA!... (os fiéis aplaudem e dão glórias a Deus)) olha o anjo! <i>Tocou Pedro do lado... o despertou acordou...</i> Deus está mandando pastores anjos acordarem você!... <i>EI! PSIU! PSIU! EI! Dois mil e quinze você vai continuar fazendo nada do jeito que cê tá fazendo em dois mil e quatorze? EI! Vai ficar reclamando murmurando da vida ou vai tentar ser quem Deus preparou você pra ser? Há pastor eu tenho muitos problemas...</i> todo problemas que vem até nós é porque Deus já colocou dentro de nós a resposta!... Deus nunca manda problema pra tua vida que você não saiba resolver... <i>EI! Vai ficar aí parado?! Deus tá mandando gente pra te acordar... sacode o irmão aí do teu lado com amor com carinho... pega o braço dele e dá uma sacodida... diz desperta irmão</i>
L452	<i>acorda irmão o tempo tá passando Ô rapaz tu tá ficando velho vai esperar o quê vai ficar borocoxô esperando há eu tô velho cof cof</i> (imita um idoso
L454	tossindo)... acabado ACORDA RAPAZ!... tem muito o que fazer Deus está contando contigo JOVEM deixa de ser banana!... molenga!... <i>é... não vou a igreja não tô cansado...</i> bota sangue nessa veia rapaz bota dinamismo... tenha uma boa ambição de ser alguém na vida! Deus te fez para ser melhor que os teus pais... cê tem que ser melhor do que ELES!... ((fiéis aplaudem e dão glórias a Deus)) ACORDA MINHA IRMÃ! vai deixar tocar o casamento pro buraco?! <i>Mas é que meu marido...</i> sacode a poeira minha irmã! se arrume! vai pro salão mete um vestido em cima! compra uma lingerie! bota esse cara de quatro e miando igual gatinho minha irmã! Vai ficando dando mole pra cojaque... <i>há é que tem uma sirigaita na rua que tá encantando meu marido pastor...</i> ((em tom de deboche)) com essa cara também que se olha no espelho espanta até capeta a meia noite.... pela madrugada... dá um jeito! Se prepara pro teu marido se arruma toda prepara um jantar à luz de vela quando o cara chegar em casa abrir a porta vai pensar até que errou de endereço... é vai dizendo aí esse <i>marido é meu esse homem tem dono... sou eu quem mando no pedaço!</i> ((em tom autoritário)) Aqui ninguém entra! Tá esperando o quê ô MARMANJO?! <i>É... que a minha mulher anda meio fria</i> ESQUENTA esse carburador irmão! Eita lasquera deixa de ser FROXO!... Inocente!... diga ALELUIA! Sacode de novo o irmão e diz desperta amigo! ACORDA! ((fiéis repetem e aplaudem))... ALELUIA! E o anjo ainda diz <i>e não tem moleza com Deus... há... é porque Deus é bom... esperei com muita paciência no senhor...</i> vai seu lerda pra ver onde tu vai dá... o anjo diz <i>LEVANTA! DEPERESSA!... acorda!... hã hã... levanta... depressa!... hã hã quê?... LEVANTA DEPERESSA!</i> Você ouve um milhão de mensagem e não toma iniciativa... você sabe o que precisa ser feito... você unção de Deus você tem o poder de Deus... é hora de agir... eu me guardo... irmão haja haja haja... levanta depressa... Deus tem pressa Deus tem pressa Deus tem pressa Deus tem pressa... Deus quer o potencial do seu povo em ação não deixe o diabo te neutralizar... a unção de Deus quer liberar o teu potencial... você vai fazer coisa que nunca imaginou na vida... você nem sabia que sabia fazer mas Deus disse que você pode... se Deus diz que você pode você pode! Se Deus te colocou no lugar é porque Deus tá dizendo <i>você pode vencer! você pode vencer! LEVANTA DEPERESSA!</i> Aproveite e se coloque de pé dando glória a Deus!:: ((fiéis atendem o pedido))... diga atitude!... de novo... mais uma vez... atitude... é a forma... de manifestar o potencial ((fiéis repetem)) de novo!... ((fiéis repetem
L459	
L462	
L467	
L469	
L472	
L484	

L497	novamente)) tem gente que não toma atitude porque não crer no potencial mas quando você tem potencial e confia nele você toma atitude porque você sabe que tem um potencial e a sua atitude vai fazer o potencial entrar em ação... potencial é como uma semente... se não for liberado se não sair da tua mão se não for liberado não se transforma e não dá colheita... atitude é a forma como você manifesta o potencial e a maneira de como você vai ter a colheita do teu potencial... tenha uma atitude e o teu potencial vai frutificar... sabe quando as cadeiras de Pedro caíram?... sabe a hora que caiu?... o anjo não trouxe chave sabe a chave da liberdade qual é?... a chave que quebra cadeia se chama atitude... <i>o anjo diz levanta depressa</i> quando Pedro teve atitude as cadeiras caíram... você quer ficar livre de todos esses problemas de uma vida que você fica reclamando que você nem sabe porque você vive que tua vidinha tá tão chata?... e outra Deus não vai te levar pro céu porque tua vida tá chata não... mas (?) tu vais ficar aqui imagina Deus levando um chato pra eternidade....
L503	ninguém merece!... tome uma atitude e as cadeias vão cair... a chave da liberdade... atitude... e hoje ele diz <i>cinge com tuas alparcas e assim o fez lança às tuas costas tua capa e segue-me e saindo a seguir</i> olha o que aconteceu!... <i>e não sabia que era real estava sendo feito pelo anjo mas cuidava que era alguma visão...</i> escuta!... a gente as vezes é tão incrédulo... que aquilo que Deus já preparou para fazer na nossa vida e a liberação do nosso próprio potencial a gente se espanta com a aquilo que a gente é capaz de fazer... <i>eu não acredito que eu fiz isso!</i> Você já ouviu alguém dizer isso? <i>Eu não acredito que fiz....</i> isso agora eu venho aqui pra te dizer uma coisa em nome de Jesus... você vai receber? Como é que faz?... vai receber mesmo irmão?... então vamo lá... aqui vai... tenha atitude... e você vai se ver... fazendo coisas... que você nunca imaginou ser capaz... não se espante... porque Deus não coloca mediocridade dentro de nós Deus coloca potencialidades... você está cheio do potencial e Deus... levante sua mão pro céu e declare eu estou cheio do potencial de Deus ((fiés repetem/obedecem))... e eu vou encerrar dizendo... o anjo na frente Pedro atrás... anjo na frente potencial de Deus atrás anjo na frente potencial?... Deus manda sempre um anjo para te guiar para que a tua potencialidade não se perca... você precisa de uma autoridade de Deus na tua vida pra ser um guia pra fazer fluir a tua potencialidade... autoridade de Deus na frente e a potencialidade atrás... siga quem Deus colocou na tua vida pra te guiar... pra você exercer sua potencialidade... e olha sendo guiado pela autoridade de Deus Pedro passou pela primeira pela segunda guarda levantou dentre aqueles que estavam dormindo e ninguém nem viu ele passar escuta o que eu vou te dizer!... olha a notícia que Deus mandou eu te dizer <i>filhi:nho quando teus inimigos perceberem... quando derem conta você já vai tá arrebrandando a boca do balão...</i> ((fiéis aplaudem))... eu vou encerrar com isso aqui... <i>e chegaram a porta de ferro que dá pra cidade a qual se lhe abriu por si mesma...</i> hã!... a cidade tinha uma porta de ferro porque a cidade era de Herodes... lembra no início quando eu falei? O mundo jaz... no maligno... só que tem um detalhe... Herodes podia botar o portão de ferro... mas quando a potencialidade de Deus é conduzida... no caminho da cidade porque a cidade a nossa cidade é o lugar onde exercemos a nossa potencialidade... o mundo pode ter seus esquemas para barrar a mim você etc. mas olha só que graça... quando Pedro chega diante da porta de ferro porta de Herodes cidade de Herodes a porta se abre sozinha... agora segure o que eu vou te dizer filhinho... Deus já tem um lugar especial pra você exercer tua potencialidade e a porta
L508	
L525	

L550	quem vai abrir é o senhor... Deus vai abrir a porta pra você exercer o teu potencial... começa a glorificar a Deus aí do teu lugar! Deus vai abrir a porta pra você exercer o teu potencial... dá um pulo aí do teu lugar filho! Glorifique a Deus diga Deus vai abrir porta::s... PORTAS QUE NUNCA SE ABRIRAM ANTES PORTAS DE FERRO VÃO SE ABRIR PRA VOCÊ EXERCER O TEU POTENCIAL... ALELUIA! glorifica o nome de Jesus Deus tá contando com você no final de dois mil e catorze Deus está contando com você em dois mil e quinze Deus quer o teu potencial em ação aleluia comece a dizer Deus conta comigo Deus tô nessa... vamos orar! Queria convidar você que chegou aqui hoje Jesus... quer liberar o teu potencial mas você ainda não teve um encontro com Jesus... eu quero convidar você vem até aqui rapidinho que a gente quer terminar quem sabe você que entrou numa espécie de prisão... <i>pastor eu preciso de uma oração que eu já tava desesperado aflito já pensando em dois mil e quinze mas eu creio que Deus vai me libertar vem rapidinho... vem pra cá você que quer Cristo na tua vida pra você ter o potencial liberado sai do teu lugar vem pra cá... aleluia Deus te abençoe Deus te abençoe Deus te abençoe... vem até aqui na frente pode vim sai rapidamente... aleluia! vai glorificando a Deus vai exaltando o nome de Jesus.... aleluia! tem muita coisa tem muita gente que Deus quer liberar o potencial Deus quer liberar muita gente para honra e glória do seu nome... aleluia!</i>
------	--